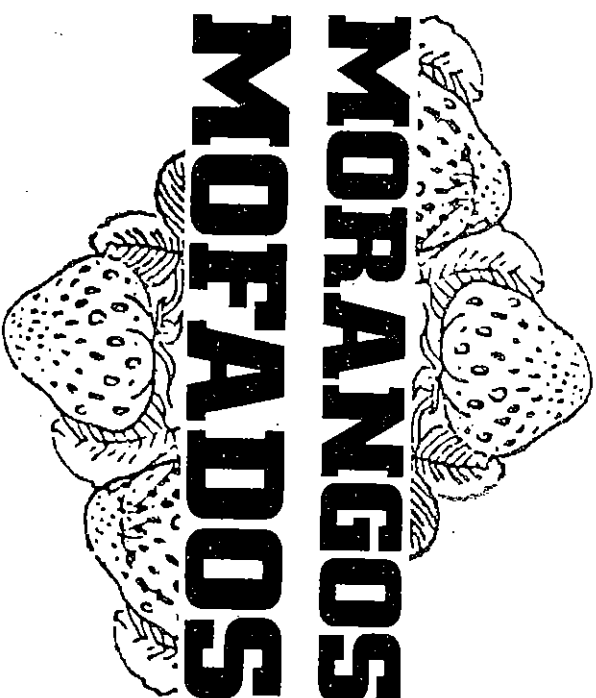




caio fernando abreu

1. PORCOS COM ASAS
Diário sexo-político de dois adolescentes
Marco L. Radice/Lidia Rayere
2. TANTO FAZ
Uma viagem ao redor do umbigo
Reinaldo Moraes
5. MORANGOS MOFADOS (Contos)
Uma trip do alto. Labirinto ao baixo astral
Caio Fernando Abreu
7. VAI NEMSA
Marco Lombardo Radice
8. A TEUS PÉS
Poesia e prosa com luvas de pelica
Ana Cristina César
9. FELIZ ANO VELHO
A espontaneidade de um jovem num relato de vida
Marcelo Rubens Paiva
10. O PAO NU
A descoberta do mundo e do corpo por um menino marroquino
Mohamed Chaouki
11. FOLHAS DAS FOLHAS DE RELVA
O precursor *Besnik* fazendo poesia e revolução
Valt Prinnar
13. CAPRICHOS E RELAXOS (Poemas)
Saques, piques, toques e baques
Paulo Leminski
14. MARCOU, DANÇOU!
Manual de sobrevivência na cela
José Augusto Torres Fontes
15. UM TELEFONE E MUITO POUCO
De Brasília ao Oriente via mochila
Silvia Escovel
16. DROPS DE ABRIL
Poemas de sexo, drogas e rock and roll
Chacal
17. MAKALOBA
Diário litero-álucínogeno de brancos e índios
Elisvan Martins
18. A FUGA
Autobiografia de um fugitivo
Reinaldo Guarniry
19. ENCONTRO
Poemas com cheiro de flor
Lupe Cotrin
20. O MISTÉRIO DO ALMAK
Narrativa emocionada de uma amizade
José Luis Martin Vigil
21. FLUPERAMA SEM CREME
Ser ou não ser (punk)
Teixeira Coelho
22. AUTOBIOGRAFIA PRECOCE
O poeta como disidente do mundo
Eugênio Fyruchenko
23. ESCARÇEU DOS CORPOS
Sete histórias de carne e osso
Jorge Miguel Marinho
24. PELOS PELOS (Poemas)
Pequenos poemas, ha-kais tamarhos
Alice Ruiz
25. UM COPO DE CÔLERA
Abismos de razão e da emoção
Raduan Nassar
26. O DESTINO BATE A PORTA
O romance policial que influenciou Camus pensando em Dostoiévski
James M. Cain
27. FINESSE E FISSURA (Poemas)
Nocautes poéticos ao som de bossa-nova
Edushe
28. SOMBRAS DA BROADWAY
A política argentina em clima noir
Sergio Siny



1ª edição 1982

6ª edição

brasiliense
B

1985

Copyright © Caio Fernando Abreu

Capa e Ilustrações:

Alex Vallauri (carimbos)

Diagramação (capa e miolo):

Jacob Levittinas

Revisão:

Newton T. L. Sodré

Sônia S. Rangel

À memória de
JOHN LENNON
ELIS REGINA
HENRIQUE DO VALLE
ROMULO COUTINHO DE AZEVEDO
e todos meus amigos mortos.

brasiliense
B

editora brasiliense s.a.
01223 — r. general jardim, 160
são paulo — brasil

^A CAETANO VELOSO
porque ele existe.
Para
MARIA CLARA JORGE (Cacaia)
SONIA MARIA BARBOSA
e todos meus amigos vivos.

"Quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo."

Clarice Lispector: *A Hora da Estrela*

Índice

I. O MOFO

Diálogo	11
Os Sobreviventes	13
O Dia Que Urano Entrou em Escorpião	19
Pela Passagem de Uma Grande Dor	25
Além do Ponto	34
Os Companheiros	38
Terça-Feira Gorda	45
Eu, Tu, Ele	49
Luz e Sombra	57

II. OSMORANGOS

Transformações	66
Sargento Garcia	71
Fotografias: 18 X 24: Gladys	87
3 X 4: Liège	91
Pêra, Uva ou Maçã?	96
Natureza Viva	103

"Achava belo, a essa época, ouvir um poeta dizer que escrevia pela mesma razão por que uma árvore dá frutos. Só bem mais tarde viera a descobrir ser um embuste aquela afetação: que o homem, por força, distinguia-se das árvores, e tinha de saber a razão de seus frutos, cabendo-lhe escolher os que haveria de dar, além de investigar a quem se destinavam, nem sempre oferecendo-os maduros, e sim podres, e até envenenados."

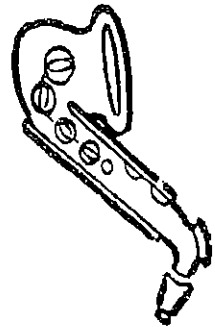
(Osman Lins: *Guerra sem Testemunhas*)

Caixinha de Música 108
 O Dia Que Júpiter Encontrou Saturno 118
 Aqueles Dois 126

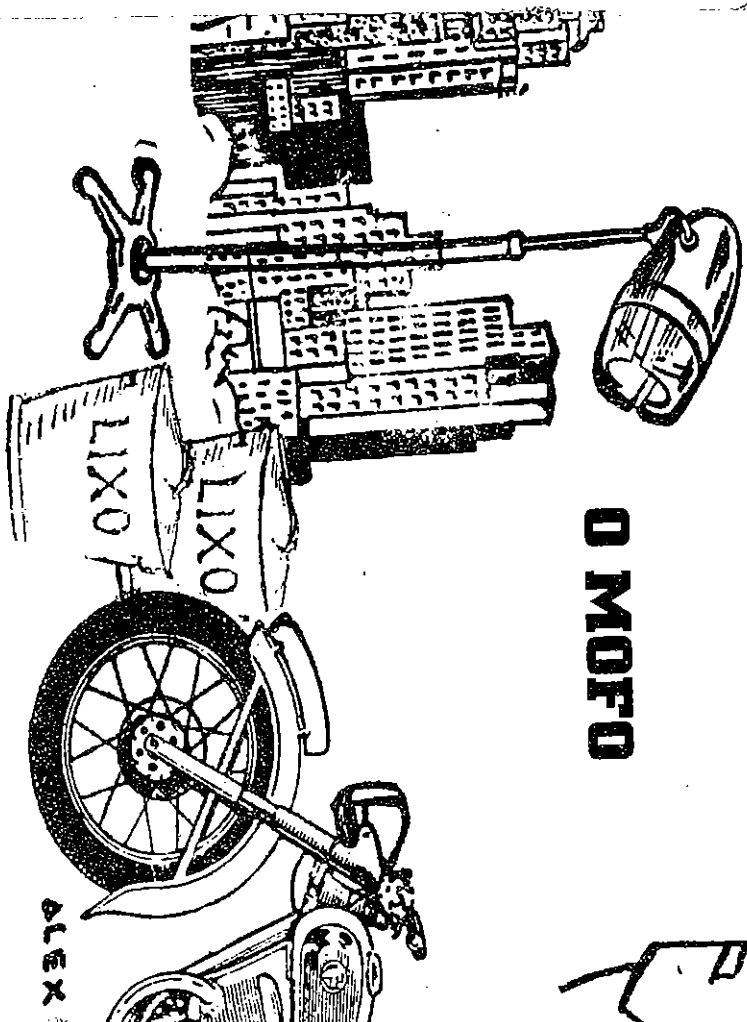
III. MORANGOS MOFADOS 137

"Dejádme en neste campo llorando."

García Lorca: /Ay!



O MOFO



*"O monstro de fogo e fumaca
 roubou minha roupa branca.
 O ar é sujo
 e o tempo é outro."*

(Henrique do Valle: Monstro de Fumaca)

Diálogo

Para Luiz Arthur Nunes

A — Você é meu companheiro.

B — Hein?

A — Você é meu companheiro, eu disse.

B — O quê?

A — Eu disse que você é meu companheiro.

B — O que é que você quer dizer com isso?
A — Eu quero dizer que você é meu compa-
nheiro. Só isso.

B — Tem alguma coisa atrás, eu sinto.

A — Não. Não tem nada. Deixa de ser para-
nóico.

B — Não é disso que estou falando.

A — Você está falando do quê, então?

B — Eu estou falando disso que você falou
agora.

A — Ah, sei. Que eu sou teu companheiro.

B — Não, não foi assim: que eu sou teu com-
panheiro.

A — Você também sente?

B — O quê?

A — Que você é meu companheiro.

B — Não me confunda. Tem alguma coisa atrás,
eu sei.

A — Atrás do companheiro?

- B — E.
 A — Não.
 B — Você não sente?
 A — Que você é meu companheiro? Sinto, sim.
 Claro que eu sinto. Você não?
 B — Não. Não é isso. Não é assim.
 A — Você não quer que seja isso assim?
 B — Não é que eu não queira: é que não é.
 A — Não me confunda. Por favor, não me confunda. No começo era claro.
 B — Agora não?
 A — Agora sim. Você quer?
 B — O quê?
 A — Ser meu companheiro?
 B — Ser teu companheiro?
 A — É.
 B — Companheiro?
 A — Sim.
 B — Eu não sei. Por favor, não me confunda. No começo era claro. Tem alguma coisa atrás, você não vê?
 A — Eu vejo. Eu quero.
 B — O quê?
 A — Que você seja meu companheiro.
 B — Hein?
 A — Eu quero que você seja meu companheiro, eu disse.
 B — O quê?
 A — Eu disse que eu quero que você seja meu companheiro.
 B — Você disse?
 A — Eu disse?
 B — Não. Não foi assim: eu disse.
 A — O quê?
 B — Você é meu companheiro.
 A — Hein?

(*ad infinitum*)

Os Sobreviventes DE QUÊ?

(Para ler ao som de Angela Ro-Ro)

Para Jane Araújo, a Magra

SRI LAMKA, quem sabe? ela me diz, morena e ferina, e eu respondo por que não? mas inabalável continua: você pode pelo menos mandar cartões-postais de lá, para que as pessoas pensem nosa, como é que ele foi parar em Sri Lamka, que cara louco esse, hein, e morriam de saudade, não é isso que te importa? uma certa saudade: em Sri Lamka, brincando de Rimbaud, que nem foi tão longe, para que todos lamentem ai como ele era bonzinho e nós não lhe demos a dose suficiente de atenção para que ficasse aqui entre nós, palmeiras e abacaxis. Sem parar, abana-se com a capa do disco de Angela enquanto fuma sem parar e bebe sem parar sua vodka nacional sem gelo nem limão. Quanto a mim, a voz rouca, fico por aqui comparando a atos públicos, entre uma e outra carreira, puxando muros contra usinas nucleares, em plena ressaca, um dia de monia, um dia de puta, um dia de Joplín, um dia de Tereza de Calcuta, um dia de merda enquanto seguro aquele maldito emprego de oito horas diárias para poder pagar essa poltrona de couro autêntico onde neste exato momento vossa reverendíssima assenta sua preciosa bunda e essa exótica mesinha de centro em junco indiano que apóia vossos fatigados pés descalços ao

NARRADA
EM CENA

fim de mais uma semana de batalhas inúteis, fantasias, escapistas, maus orgasmos e crediários atrasados. Mas tentamos tudo, eu digo, e ela diz que sim, claa-aaaro, tentamos tudo, inclusive trepar, porque tantos livros emprestados, tantos filmes vistos juntos, tantos pontos de vista sócio político artístico filosófico existenciais e bababá em comum só podiam dar mesmo nisso: cama. Realmente tentamos, mas foi uma bosta. Que foi que aconteceu, que foi meu Deus que aconteceu, eu pensava depois acendendo um cigarro no outro, e não queria lembrar mas não me saía da cabeça o teu pau murcho e os bicos dos meus seios que nem sequer ficaram duros, pela primeira vez na vida, você disse, e eu acreditei, pela primeira vez na vida, eu disse, mas não sei se você acreditou. Quero dizer que sim, que acreditei, mas ela não pára, tanta tesão mental espiritual moral existencial e nenhuma física, eu não queria aceitar que fosse isso: éramos diferentes, ai como éramos diferentes, éramos melhores, éramos mais, éramos superiores, éramos escolhidos, éramos vagamente sagrados, mas no final das contas os bicos dos meus peitos não endureceram e o teu pau não levantou, cultura demais, má o corpo da gente, cara, filmes demais, livros demais, palavras demais, só consegui te possuir me masturbando, tinha a biblioteca de Alexandria separando nossos corpos, enfimava fundo o dedo na buceta noite após noite pedindo mete fundo, coração, explode junto comigo, depois virava de bruços e chorava no travesseiro porque naquele tempo ainda tinha culpa nojo vergonha, mas agora tudo bem, o Relatório Hite liberou a punheta. Não que fosse amor de menos, você dizia depois, ao contrário, era amor demais, você acreditava mesmo nisso? naquele bar infecto onde costumávamos afogar nossas impotências em baldes de lirismo juvenil, imbecil, e eu disse não, o que acontece é que como bons-intelectuais-pequeno-burgueses o teu negócio é homem e o meu é mulher, podíamos até formar um casal incrível, tipo aquela amante de Virginia Woolf, como era mesmo? Vita, Vita Sackville-West e o veado do marido, não se erice, queridinho, não tenho nada

contra veados, me passa a vodka, o quê? e eu lá tenho grana para comprar wyborowas? não tenho nada contra lésbicas, não tenho nada contra decadentes em geral, não tenho nada contra qualquer coisa que soe a uma tentativa. Peco um cigarro e ela me aitra o maço na cara, como quem joga um tijolo, ando angustiada demais, meu amigo palavrinha antiga essa, angustia, duas décadas de convívio cotidiano, mas ando, ando, tenho uma coisa apertada aqui no meu peito, um sufoco, uma sede, um peso, não me venha com essas histórias de atraçomamos-todos-os-nossos-ideais, nunca tive porra de ideal nenhum, só queria era salvar a minha, veja só que coisa mais individualista elitista, capitalista, só queria ser feliz, burra, gorda, alienada e completamente feliz, cara. Podia ter dado certo entre a gente, ou não, animal você naquele tempo ainda não tinha se decidido a dar a bunda, nem eu a lamber buceta, ai que gracinha nossos livrinhos de Marx, depois Marcuse, depois Reich, depois Castañeda, depois Laing embaixo do braço, aqueles sonhos colonizados nas cabecinhas idiotas, bolsas na Sorbonne, chás com Simone e Jean-Paul nos 50, em Paris; 60 em Londres ouvindo here comes the sun here comes the sun, little darling; 70 em Nova Iorque dançando disco-music no Studio 54; 80 a gente aqui, mastigando essa coisa porca sem conseguir engolir nem cuspir fora nem esquecer esse gosto azedo na boca! Já li tudo, cara, já tentei microbiótica psicanálise drogas acupuntura suicídio ioga dança natação cooper astrologia patins marxismo candomblé boate gay ecologia, sobrou só esse nó no peito, agora o que faço? Já não é plágio do Pessoa, mas em cada canto do meu quarto tenho uma imagem de Buda, uma de mãe Oxum, outra de Jesusinho, um poster de Freud, às vezes acendo vela, faço reza, quemno incenso, tomo banho de arruda, jogo sal grosso nos cantos, não te peço solução nenhuma, você vai curtir os seus nativos de Sri Lanka depois me manda um cartão-postal contando qualquer coisa como ontem à noite, à beira do rio, deve haver um rio por lá, um rio lodoso, cheio de juncos sombrios, mas ontem na beira do rio, sem

planejar nada, de repente, por acaso, encontrei um rapaz de tez azeitonada e olhos oblíquos que. Hein? claro que deve haver alguma espécie de dignidade nisso tudo, a questão é onde, não nesta cidade escura, não neste planeta pobre e pobre, dentro de mim? ora, não me venhas com autoconhecimentos-redentores, já sei tudo de mim, tomei mais de cinqüenta ácidos, fiz seis anos de análise, já pirei de clínica, lembra? você me levava maçãs argentinas e fotonovelas italianas, Rossana Galli, Franco Andrei, Michela Roc, Sandro Moretti, eu te olhava entupida de mandrix e babava soluçando perdi minha alegria, anoiteci, roubaram minha esperança, enquanto você, solidário e positivo, apertava meu ombro com sua mão apesar de tudo viril repetindo reage, companheira, reage, a causa precisa dessa tua cabecinha privilegiada, teu potencial criativo, tua lucidez libertária, bababá bababá. As pessoas se transformavam em cadáveres decompostos à minha frente, minha pele era triste e suja, as noites não terminavam nunca, ninguém me tocava, mas eu reagi, despirei, e cadê a causa, cadê a luta, cadê o potencial criativo? Mato, não mato, atordôo minha sede com sapatinhos do Ferro's Bar ou encho a cara sozinha aos sábados esperando o telefone tocar, e nunca toca, ouvindo samba-canção e blues com caipira de vodka, neste apartamento que pago com o suor do potencial criativo da bunda que dou oito horas diárias para aquela multinacional fodida. Mas eu quero dizer, e ela me corta mansa, claro que você não tem culpa, coração, cáimos exatamente na mesma raioeira, a única diferença é que você pensa que pode escapar, e eu quero chafurdar na dor deste ferro enfadado fundo na minha garganta seca, me passa o cigarro, não estou desesperada, não mais do que sempre estive, não estou bêbada nem louca, estou é lúcida pra caralho e sei claramente que não tenho nenhuma saída, não se preocupe, depois que você sair torno banho frio, leite quente com mel de eucalipto e gin-seng, depois deito, depois durmo, depois acordo e passo uma semana a ban-chá e arroz integral, absolutamente santa, absolutamente pura, absolutamente lim-

DIGNIDADE
NÃO É QUIDAR
1

pa, depois tomo outro porre, cheiro cinco grammas, bato o carro numa esquina ou ligo para o CVV às quatro da madrugada e alugo a cabeça dum panaca qualquer choramingando coisas do tipo preciso-tanto-de-uma-razão-para-viver-e-sei-que-essa-razão-só-está-dentro-de-mim-bababá-bababá, até o sol pintar atrás daqueles edifícios, não vou tomar nenhuma medida drástica, a não ser continuar, tem coisa mais destrutiva que insistir sem fé nenhuma? Passa devagar a tua mão na minha cabeça, no meu coração, eu tive tanto amor um dia, pára e pede, preciso tanto, tanto, bicho, não me permitiram, então estendo os dedos e ela fica subitamente pequenina apertada contra meu peito, perguntando se está mesmo muito feia e meio puta e muito velha e completamente bêbada, eu não tinha essas marcas em volta dos olhos, eu não tinha esses vincos em torno da boca, eu não tinha esse jeito de sapatão cansado, e eu repito que não, que está linda assim, desgrenhada e viva, ela pede que eu coloque uma música e escolho o *Nocturno número dois em mi bemol* de Chopin, quero deixá-la assim, dormindo no escuro, sobre este sofá, ao lado das papoulas quase murchas, embalada pelo piano remoto como uma canção de ninar, mas ela se contrai violenta e pede que eu ponha Angela outra vez, então viro o disco, amor-meu grande amor, cáminhamos juntos até o banheiro onde sustento sua cabeça sobre a privada para que vomite, e sem querer vomito junto, ao mesmo tempo, os dois abraçados, bocas amargas, fragmentos azedos sobre as línguas, ela puxa a descarga e vai me empurrando para a porta, pedindo que me vá, e me expulsa para o corredor dizendo não esqueça então de mandar um cartão de Sri Lankka, aquele rio lodoso, aquela tez azeitonada, que aconteça alguma coisa bem bonita para você, te desejo uma fé enorme, em qualquer coisa, não importa o quê, como aquela fé que a gente teve um dia, me deseja também, uma coisa bem bonita, uma coisa qualquer maravilhosa, que me faça acreditar em tudo de novo, que nos faça acreditar em todos de novo, que leve para longe da minha boca esse gosto podre de fracasso, de derrota sem nobreza, não

IMPUR - MORANGOS MOFADOS
PORR - IMPUR
5

tem jeito, companheiro, nos perdemos no meio da estrada e nunca tivemos mapa algum, ninguém dá mais carona e a noite já vem chegando. A chave gira na porta. Preciso me apoiar contra a parede para não cair. Atrás da madeira, misturada ao piano e à voz rouca de Angela, nem que eu rastejasse até o Leblon, consigo ouvi-la repetindo que tudo vai bem, tudo continua bem, tudo muito bem, tudo bem. *Axé, axé, axé!* eu digo e insisto, até o elevador chegar. *Axé, odara!*

Repetições

O Dia que Urano Entrou em Escorpião

(Velha História Colorida)

*Para Zé, Lygia Sávio Teixeira e
Lucrecia / Luc Ziz*

ESTAVAM todos mais ou menos em paz quando o rapaz de blusa vermelha entrou agitado e disse que Urano estava entrando em Escorpião. Os outros três interromperam o que estavam fazendo e ficaram olhando para ele. Talvez não tivessem entendido direito, ou não quisessem entender. Ou não estivessem dispostos a interromper a leitura, sair da janela ou parar de comer a perna de galinha para prestar atenção em qualquer outra coisa, principalmente se essa coisa fosse Urano entrando em Escorpião, ou mesmo Júpiter saindo de Aquário. Era sábado à noite, quase verão, pela cidade havia tantos shows e peças teatrais e bares repletos e festas e pré-estréias e sessões da meia-noite e gente se encontrando e motos correndo — difícil renunciar a tudo isso para permanecer no apartamento, lendo, espiano pela janela a alegria alheia ou tentando descobrir alguma coisa nas sobras da galinha do meio-dia. Uma vez renunciado ao sábado, os três ali, ouvindo baixinho um velho Pink Floyd para que, como da outra vez, os vizinhos não reclamassem e viessem a polícia e o síndico ameaçando aos berros acabar de vez com aquele *artrô* (eles não gostavam da palavra, mas era assim mesmo que os vizinhos, o síndico e a polícia gritavam, jogando

livros e almofadas para todos os lados, como se esperassem encontrar alguma coisa horrível) — renunciado ao sâbado, pois, e tacitamente estabelecida a paz com o baixo volume da vitrola e a quase nenhuma curiosidade em relação uns aos outros, pois se conheciam há muito tempo, eles não queriam ser sacudidos, no seu sossego sâbia e modestamente conquistado, desde que a noite anterior revelara carteiras e bolsos vazios. Então olharam vagamente para o rapaz de camisa vermelha, parado no meio da sala. E não disseram nada.

O que tinha saído da janela fez como se estivesse prestando muita atenção na música, e falou que gostava demais daquele pedacinho com órgão e violinos, que parecia uma cavalgada medieval. O rapaz de camisa vermelha percebeu que ele estava querendo mudar de assunto e perguntou se por acaso ele já tinha visto uma cavalgada medieval. Ele disse que não, mas que com o órgão e os violinos ficava imaginando um guerreiro montado num cavalo branco, correndo contra o vento, tipo Távola Redonda assim, a silhueta dum castelo sobre uma colina ao fundo — e que o guerreiro era medieval, o castelo também, disse tinha certeza. Ia continuar descrevendo a cena, pensou em acrescentar pinheiros e um crepúsculo, talvez um quarto crescente, quem sabe um lago, quando a moça que estava com o livro nas mãos tornou a baixar os óculos que tinha erguido para a testa quando o rapaz de camisa vermelha entrou, e leu um trecho assim:

*"Os homens são tão necessariamente loucos que não ser louco seria uma outra forma de loucura. Necessariamente porque o dualismo existencial torna sua situação impossível, um dilema tortuante. Louco porque tudo que o homem faz em seu mundo simbólico é procurar negar e superar sua sorte grotesca. Literalmente entrega-se a um esquecimento cego através de jogos sociais, truques psicológicos, preocupações pessoais tão distantes da realidade de sua condição que são formas de loucura — loucura assumida — loucura compartilhada, loucura disfarçada e dignificada, mas de qualquer maneira loucura."**

* Ernest Becker: *A Negação da Morte*.

Quando ela parou de ler e olhou radiante para os outros, o que tinha saído da janela tinha voltado para a janela, o rapaz de camisa vermelha continuava parado e meio ofegante no meio da sala enquanto o outro olhava para o osso vazio da perna de galinha. Disse que não gostava muito de perna, que preferia peçoço, e que isso era engraçado porque tinha passado por três fases: na infância, só gostava de perna, na casa dele aconteciam brigas medonhas porque eram muitos irmãos e todos gostavam justamente de perna; depois, na adolescência, preferia o peito, tinha passado uns cinco anos comendo só peito — e agora adorava o peçoço. Os outros pareceram um tanto escandalizados, e ele explicou que o peçoço tinha delícias ocultas, assim mesmo: disse *de-lí-cias-o-cul-tas* bem devagar, e nesse momento o disco acabou e as palavras ficaram ressoando meio libidinosas no ar, enquanto ele olhava para o osso descarnado.

O rapaz de camisa vermelha aproveitou o silêncio para gritar bem alto que Urano estava entrando em Escorpão. Os outros pareceram perturbados, menos com a informação, mais com o barulho, e pediram ríspidamente para ele falar baixo, se não lembrava do que tinha acontecido a última vez. Ele disse que a última vez não interessava, que *agora* Urano estava entrando em Escorpão, *hoje*, falou lentamente, os olhos brilhando. Ele estava lá há cinco anos, acrescentou, e os outros perguntaram ao mesmo tempo *ele-quem-estava-onde?* Urano, o rapaz de camisa vermelha explicou, em Libra, na minha oitava casa, a da Morte, vocês não sabem que eu podia morrer? Pareceu aliviado, não fosse toda aquela agitação. Mas os outros entreolharam-se e a moça de óculos começou a contar uma história muito comprida e meio confusa sobre um esquizofrênico que tinha começado bem assim, a curtir coisas como Alquimia, Astrologia, Quiromancia, Numerologia, que ela tinha lido não sei onde (ela lia muito e, quando contava uma história, nunca sabia ao certo onde a tinha lido — às vezes não sabia sequer se a tinha vivido e não lido). Acabou na Pínel, disse, é assim que começam muitos processos

esquizóides. Olhou bem para ele ao dizer *processos-esquizóides*, os outros dois pareceram muito impressionados, não se sabia bem se porque respeitavam a moça e a consideravam muito culta, ou apenas porque queriam assustar o rapaz de camisa vermelha. Ficou um silêncio cheio de becos, até que um dos rapazes se moveu da janela para virar o disco. Quando as bolhas de som começaram a estourar no meio da sala todos pareceram mais aliviados, e quase contentes outra vez.

Foi então que o rapaz de camisa vermelha tirou da bolsa um livro com capa de couro e perguntou se eles entendiam francês. Um dos rapazes jogou o osso de galinha no cinzeiro, como se quisesse dizer violentamente que *não!* olhando para o que estava na janela, que já não estava na janela, mas sobre o tapete, remexendo nos discos. Ele parou de repente e olhou para a moça, que hesitou um pouco antes de dizer que entendia mais ou menos, e todos ficaram meio decepcionados. O rapaz de camisa vermelha falou baixinho que não tinha importância, e começou a ler um negócio assim:

*"La position de cet astre en secteur situe le lieu où l'être dégage au maximum son individualité dans une voie de surpersonnalisation, à la faveur d'un développement d'énergie ou d'une croissance exagérée qui est moins une abondance de force de vie qu'une tension particulière d'énergie. Ici, l'être tend à affirmer une volonté lucide d'indépendance qui peut le conduire à une expression supérieure et originale de sa personnalité. Dans la dissonance, son exigence conduit à l'insensibilité, à la durée, à l'excès, à l'extrémisme, au jusqu'au-boutisme, à l'aventure, aux bouleversements..."**

Parou de ler e olhou para os outros três, devagar, mas só a moça sorriu, dizendo que não sabia o que era *bouleversements*. Um dos rapazes falou que *boulevard* era rua, e que devia ser qualquer coisa que tivesse a ver com rua, com andar muito na rua. Ficaram dando palpites, um deles começou a procurar um dicionário, o rapaz de blusa vermelha olhava de um para outro

* André Barbault: *Astrologie*.

sem dizer nada. Depois que todos os livros foram remexidos e o dicionário não tinha sido encontrado e o outro lado do disco também terminou, ele repetiu:

"L'être tend à affirmer une volonté lucide d'indépendance qui peut le conduire à une expression supérieure et originale de sa personnalité."

Depois perguntou se os outros entendiam, e eles disseram que sim, que era parecido com portugueses. Mas não pareciam entender. Então os olhos dele ficaram muito brilhantes outra vez, e parecia que ia começar a chorar, mas de repente, sem que ninguém esperasse, deu um salto em direção à janela, gritando que ia se jogar, que ninguém o compreendia, que não valia mais à pena, que não apostava um puto no futuro.

O rapaz de camisa vermelha chegou a colocar uma das pernas sobre o peitoril, mas os outros dois o agarraram a tempo e o levaram para o quarto, perguntando muito suavemente o que era aquilo e dizendo que ele estava demais nervoso, e que estava tudo bem, tudo bem. A moça de óculos ficou segurando a mão dele e passando os dedos no seu cabelo enquanto ele chorava, um dos rapazes disse que ia até a cozinha fazer um chá de artemísia ou camomila, o outro falou que ia colocar aquele disco de música hindu que ele gostava tanto, embora ninguém mais gostasse, só que teve que botar bem alto para que pudessem ouvir do quarto. O chá veio logo, estava quente e bom, apareceu um baseado que eles ficaram fumando juntos, um de cada vez, e tudo ficou muito harmonioso e calmo até que alguém começou a bater na porta. Era o síndico, pedindo aos berrros para baixar o som e falando aquelas coisas desagradáveis de sempre. A moça de óculos disse que sentia muito, mas infelizmente naquela noite não podia baixar o volume do som, não era uma noite como as outras, era muito especial, e perguntou se o síndico não sabia que Urano estava entrando em Escorpião. Lá no quarto, o rapaz de blusa vermelha ouviu e deu um sorriso largo antes de adormecer. Então sonhou que deslizava sua-

vemente numa superfície dourada e luminosa. Não sabia ao certo se um dos anéis de Saturno ou uma das luas de Júpiter. Talvez Titã.

Pela Passagem de Uma Grande Dor

Para Paula Dip

A PRIMEIRA VEZ que o telefone tocou, ele não se moveu. Continuou sentado sobre a velha almofada amarela, cheia de pastoras desbotadas, com coroas de flores nas mãos. As vibrações coloridas da televisão, sem som, faziam a sala tremer e flutuar, empalidada pelo bordô mortício de cor de luxúria de um filme antigo qualquer. Quando o telefone tocou pela segunda vez, ele estava tentando lembrar-se o nome daquela melodia meio arranhada que vinha da outra sala era mesmo *Desespero Agradável* ou *Por Um Desespero Agradável*. De qualquer forma, pensou: desespero. E agradável. A luz de mercúrio da rua varava os orifícios das cortinas de renda misturando-se, azulada, à cor meio decomposta do filme. Um pouco antes do telefone tocar pela terceira vez, ele resolveu levantar-se — para conferir o nome da música, disse para si mesmo, e caminhou para dentro, atravessando o pequeno corredor onde, como sempre, a perna da calça roçou contra a folha rajada de uma planta. Preciso trocá-la de lugar, lembrou, como sempre. E um pouco antes ainda de estender a mão para pegar o telefone sobre a mesa, inclinou-se sobre as capas dos discos espalhados pelo chão, entre um cinzeiro cheio e um caneco de cerâmica crua, quase vazio, a não ser

por uns restos no fundo, que vistos assim de cima formavam uma massa verde, úmida e compacta. *Désespoir Agréable*, confirmou. Ainda em pé, colocou a capa branca do disco sobre a mesa, enquanto repetia mentalmente: de qualquer forma desespere, e agradaível.

— Lui? — a voz conhecida. — Alô? É você, Lui?

— Eu — ele disse.

— O que é que você está fazendo?

Ele sentou-se. Depois estendeu o braço para a frente e olhou a palma aberta da própria mão. As pequenas áreas descascadas, ácido úrico, diziam, correndo lento a pele.

— Alô? Você está me ouvindo? Perguntei o que é que você estava fazendo.

— Oi — ele falou. — Fazendo? Nada. Aí, ouvindo música. Televisão. — Fechou a mão. — Agora ia fazer um café. E dormir.

— Alô?

— Mas não sei se tem pó.

— O quê?

— Nada, bobagem. E você?

Do outro lado, ela suspirou sem dizer nada. Então houve em silêncio curto e, em seguida, um ruído seco e uma espécie de sopro. Deve ter acendido um cigarro, ele pensou. Dobrou mecanicamente o corpo para a esquerda, até trazer o cinzeiro cheio de pontas para o lado do telefone.

— Que foi que houve? — perguntou lento, olhando em volta, à procura de um maço de cigarros.

— Escuta. Você não quer dar uma saída?

— Estou cansado. Não tenho cabeça. E amanhã preciso acordar muito cedo.

— Mas eu passo aí com o carro. Depois deixo você de novo. A gente não demora nada. Podia ir a um bar, a um cinema, a um.

— Já passa das dez — ele disse.

A voz dela ficou um pouco mais aguda:

— E vir aqui. Também você não quer, não é? Tenho uma vodka ótima. Daquelas. Você gosta, nem abri ainda. Só não tenho limão. Você traz? — A voz

ficou subitamente tão aguda que ele afastou um pouco o fone do ouvido. Por um momento, ficou ouvindo a melodia distante, lenta e arranhada do piano. Através dos vidros da porta, com a luz acesa nos fundos, conseguia ver a copa verde das plantas no jardim, com algumas folhas amareladas no chão. Sem querer, quase estremeceu de frio. Ou uma espécie de medo. Estregou a palma seca da mão esquerda contra a coxa. A voz dela ficou mais baixa. — E se eu fosse até aí?

Os dedos dele tocaram o maço de cigarros no bolso da calça. Então contraiu o ombro direito, apertando o fone contra o rosto, e puxou devagar o maço.

— Sabe o que é — disse.

— Lui?

Com os dentes, prendeu um dos cigarros. Mordeu-o, leve.

— Alô? Lui? Você está aí?

Contraiu mais o ombro para acender o cigarro. O fone quase se desequilibrou. Tragou fundo. Retornou o fone e soltou, lentamente, o ombro, soprando a fumaça.

— Eu estava quase dormindo.

— Que música é essa aí no fundo? — ela perguntou de repente.

Ele puxou o cinzeiro para perto. Virou a capa do disco nas mãos.

— Chama-se *Por Um Désespere Agráável* — mentiu. — Você gosta?

— Não sei. Acho que dá um pouco de sono. Quem é?

Ele bateu o cigarro três vezes.

— Um cara aí. Um louco.

— Quem?

— Erik Satie — disse bem baixo. Ela não ouviu.

— Lui? Alô? Lui?

— Diga.

— Estou te enchendo o saco? — outra vez ele ouviu o silêncio curto, o ruído seco e o sopro leve. Deve ter acendido outro cigarro, pensou.

— Não — disse.

— Estou te enchendo? Fala. Sei que estou.

- Não estava mesmo fazendo nada.
 — Não consigo dormir — ela falou, muito baixo.
 — Você está deitada?
 — É. Lendo. Aí me deu vontade de falar com você.
 Ele tragou fundo. Enquanto soprava a fumaça, curvou outra vez o corpo para apanhar a caneca de cerâmica. Enfiou o indicador até o fundo, depois mordeu as pequenas folhas com os incisivos.
 — O que é que você estava lendo?
 — Nada. Uma matéria aí. Um negócio de monoculturas e *sprays*.
 — O quê?
 Ela tossiu. Depois pareceu se animar.
 — Umás coisas assim. Ecologias. Dizque se você só planta uma coisa na terra por muitos anos, ela acaba morrendo. A terra, não a coisa, claro. Soja, por exemplo. Acaba a camada de húmus. Depois vira deserto. Ficam pontos assim, vazios. Desérticos. Espalhados.
 O disco acabou, ele não se mexeu — depois, recomeçou.
 — Assim como se você pingasse uma porção de pingos de tinta num mata-borrão, entende? Eles vão se espalhando cada vez mais. Acabam se encontrando uns com os outros, entende? O deserto fica maior. Fica cada vez maior. Os desertos não param nunca de crescer, sabia?
 — Sabia — ele disse. — E os *sprays*?
 — Hein?
 — Os *sprays*. O que é que tem os *sprays*?
 — Ah, pois é. Dizque cada apertada que você dá num tubo de desodorante. Não só desodorante, qualquer tubo, entende? Faz assim. Ah, como é que vou dizer? Um furo, entende? Um rombo, um buraco na camada de. Como é que se diz? Ah, ozônio. Entende? O ar que a gente respira. A biosfera.
 — Já deve estar toda furadinha, então — ele disse.
 — O quê?

- Deve estar toda furada. A camada. A biosfera. O ozônio.
 — Já pensou que horror. Você sabia disso? Alô, Lui? Você ainda está aí?
 — Estou.
 — Acho que fiquei meio horrorizada — ela falou. — E com medo. Você não tem medo, Lui?
 — Estou cansado.
 Do outro lado, ela riu. Pelo som, adivinhou que ela ria sem abrir a boca, só os ombros sacudindo, movendo a cabeça para os lados, alguns fios de cabelo caindo nos olhos.
 — Não estou te alugando? — ela perguntou. — Você sempre diz que eu te alugo. Como se você fosse um imóvel. Uma casa. Se eu fosse uma casa queria ter piscina nos fundos. E ar condicionado. Que casa você queria ser, hein, Lui?
 — Uma quitinete. Sem telefone.
 — O quê? Alô, Lui? Você não ia mesmo fazer nada?
 — Um chá. Eu ia fazer um chá.
 — Chá? Me lembro que você falou que ia fazer café. Não era café?
 — Não tem pó. — Ele sacudiu o cinzeiro cheio de pontas queimadas e cinza. Algumas partículas voaram, caindo sobre a capa branca do disco, com um desenho abstrato no centro. Com cuidado, juntou-as num montinho sobre o canto roxo da figura central. — Nem saquinho de passar. E me lembrei que tenho um chá incrível. — Abriu a cadernetinha preta de endereços. — Tem até uma bula louquíssima. Quer ver? Guardei aqui dentro.
 — Chá não tem bula — ela disse. A voz parecia aborrecida, meio infantil. — Bula é de remédio.
 — Tem sim. Esse chá tem. Quer ver? — Entre duas fotos de Polaroid, na contracapa da cadernetinha, encontrou o retângulo de papel amarelo dobrado em quatro.
 — Lui? Você não quer mesmo vir até aqui? Sabe — ela tornou a rir, e desta vez ele imaginou que quase escancarava a boca, passando devagar a ponta da

língua pelos lábios ressecados de cigarro —, eu acho que fiquei meio impressionada com essa história dos desertos, dos buracos. Lui, você acha que o mundo está no fim?

Ele desdobrou sobre a mesa o papel amarelo, ao lado das duas fotos. A madeira escura da mesa tinha algumas manchas mais claras. Uma das fotos mostrava uma mulher quase bonita, de cabelos presos e brinco de ouro em forma de rosas miudinhas. A outra era o rosto de um rapaz com uma blusa preta de gola em V, o rosto apoiado sobre uma das mãos, um leve estrabismo nos olhos escuros.

— Sem falar nas usinas nucleares — ele disse. E com a ponta dos dedos, do canto roxo do desenho na capa do disco, foi empurrando o montinho de cinza por sobre as formas torcidas, marrons, amarelas, verdes, até o trecho branco e, por fim, exatamente sobre o rosto do rapaz da foto.

— Lui? — ela chamou. — Encontrou o negócio do chá?

— Encontrei.

— Você está esquisito. O que é que há?

— Nada. Estou cansado. Só isso. Quer ver o que diz a buia do chá? E inglês, quer ver? — Ela não respondeu. Então ele leu, dramático: "...Is excellent for all types of nervous disorders, paranoia, schizophrenia, drugs effects, digestive problems, hormonal diseases and other disorders..."

Começou a rir baixinho, divertido: — Entenderam?

— Entendi — ela disse. — E um inglês fácil, qualquer um entende. Porreta esse chá, hein? E inglês?

Ele continuou rindo.

— Aqui embaixo diz *produced in China*. — Com a cinza, cobriu todo o olho estrábico do rapaz. — *Drugs effects* é bom, não é?

— Muito bom — ela falou. — O disco tá tocando de novo. Já ouvi esse pedaço.

— É que ele parece todo igual. Que nem chuva.

— Acho que vou ligar o rádio.

— Isso. Procura uma música bem sonifera. —

Espalhou a cinza sobre o nariz, onde as sobrancelhas se uniam, cerradas. — Aí você vai apagando, apagando, apagando e então dorme. Quase sem sentir. Sem sentir.

— Tá bom — ela disse.

— Tá bom — ele repetiu. E pensou que quando começavam a falar assim era porque estava na hora de desligar.

— Vou tirar amanhã — ela falou de repente.

— Hein?

— Nada. Vai fazer teu chá.

— Tá bom. Aqui diz também que tem vitamina

E. — Abriu a mão e olhou as manchas branquicentas. — Não é aquela que é boa para a pele?

— Acho que aquela é a D. Não entendo muito de vitaminas.

— A C eu sei que é a da gripe. Qual será a que cura as tais *drugs effects*? Cheirei todas hoje. Estou com aquele... vazio intenso.

— Não sei — de repente, ela parecia apressada. — Vou desligar.

— Você acendeu o rádio?

— Ainda não. Como é mesmo o nome dessa música?

— *Por Um Desespero Agradável* — ele mentiu outra vez, depois corrigiu. — Não. É só *Desespero Agradável*.

— Agradável?

— É. Agradável. Por que não?

— Engraçado. Desespero nunca é agradável.

— Às vezes sim. Cocaína, por exemplo.

— Você só pensa nisso?

— Mas essa que tá tocando agora é outra. São todas muito parecidas. Só piano. Mais nada. — A cinza cobria o rosto inteiro. — Essa agora chama-se *A L'Occasion D'Une Grande Peine*.

— Tá bom.

— É francês.

— Sei.

— Pena-dor. Não pena-pena. Uma grande dor.

Occasion acho que é ocasião mesmo. Mas podia ser

passagem. Melhor, não é? Passagem parece que já vai embora. O que é que você acha?

— Vou ver se durmo — ela bocejou. — Francês, inglês, chá chinês... Você está muito internacional hoje.

— Escapismo — ele disse. E acendeu outro cigarro.

— Uma pena que você não queira mesmo sair. Estou pensando em abrir mesmo aquela garrafa de vodka.

— Tome leite morno — ele falou. — Dá sono. Põe um pouco de mel. E canela. Açúcar faz mal.

— Mal? Quem falando...

— Faça o que eu digo, não o que...

A cinza descia pelo pescoço, quase confundida com o preto da blusa. A voz dela soou um pouco irônica, quase ferina.

— Ué, agora você resolveu cuidar de mim, é?

— Vou fazer meu chá — ele disse.

— Como é mesmo? *Esquizofrenia*?

— Não é assim que se diz. É *squizofrênia*. Tem acento nesse ê aí. Se escreve com esse, cê, agá. Depois tem também um pê e um agá. Tem dois agás.

— E nenhum ipsilone? Nenhum dâbliu? — ela perguntou. Como se estivesse vagamente cansada. E amarga. — Adoro ipsilones e dâblius. Tão chique.

— Nenhum.

— Tá bom — ela riu, sem vontade. Em seguida disse tiau, até, um beijo, e desligou.

Ele abriu a boca, mas antes de dizer qualquer coisa ouviu o som do fone sendo colocado no gancho, do outro lado da cidade. O disco chegou novamente ao fim mas, antes que recommecasse, curvou-se e desligou o aparelho. Em pé, ao lado da mesa, amassou o papel amarelo e jogou-o no cinzeiro. Depois soprou as cinzas do rosto do rapaz. Algumas partículas caíram sobre a foto da mulher. Andou então até o pequeno corredor, curvou-se sobre a planta e, com a brasa do cigarro, fez um furo redondo na folha. Respirou fundo, sem sentir cheiro algum. A sala continuava mergulhada naquela penumbra bordô, baça e moribunda, com a almofada

brilhando, estranhamente esverdeada, à luz azul de mercúrio. Ele fez um movimento em direção ao telefone. Chegou a avançar um pouco, como se fosse voltar. Mas não se moveu. Imóvel assim, no meio da casa, com o som desligado, era possível ouvir o vento soprando solto pelos telhados.

Além do Ponto

Para Lívio Amaral

CHOVIA, chovia, chovia e eu ia indo por dentro da chuva ao encontro dele, sem guarda-chuva nem nada, eu sempre perdia todos pelos bares, só uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito, parece falso dito desse jeito, mas bem assim eu ia no meio da chuva, uma garrafa de conhaque e um maço de cigarros molhados no bolso. Tive uma hora que eu podia ter tomado um táxi, mas não era muito longe, e se eu tomasse o táxi não poderia comprar cigarros nem conhaque, e eu pensei com força que seria melhor chegar molhado, porque então beberíamos o conhaque, fazia frio, nem tanto frio, mais umidade que entrava pelo pano das roupas, pela sola fina dos sapatos, e fumaríamos beberíamos sem medidas, haveria discos, sempre aquelas vozes roucas, aquele sax gemido e o olho dele posto em cima de mim, ducha morna distendendo meus músculos. Mas chovia ainda, meus olhos ardiam de frio e o nariz começava a escorrer, eu limpava com as costas das mãos e o líquido do nariz endurecia logo sobre os pêlos, eu enfitava as mãos avermelhadas nos bolsos e ia indo, eu ia indo pulando as poças d'água com as pernas geladas. Tão geladas as pernas e os braços e a cara que pensei em abrir a garrafa para beber um gole, mas

não queria chegar meio bêbado na casa dele, hábito ardido, eu não queria que ele pensasse que eu andava bebendo, e eu andava, todo dia um bom pretexto, e fui pensando também que ele ia pensar que eu andava sem dinheiro, chegando sem táxi naquela chuva toda, e eu andava, estômago dolorido, e eu não queria que ele pensasse que eu andava insone, e eu andava, roxas olheiras, teria que ter cuidado com o lábio inferior ao sorrir, para que ele não visse meu dente quebrado e pensasse que eu andava relaxando, sem ir ao dentista, e eu andava, e tudo que eu andava eu não queria que ele visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era. Começou a acontecer uma coisa confusa na minha cabeça, essa história de não querer que ele soubesse que eu era eu, encharcado naquela chuva toda que caía, caía, caía, e tive vontade de voltar para algum lugar quente ou de parar para sempre ali mesmo, naquela esquina cinzenta que eu tentava atravessar sem conseguir, os carros me jogando água e lama, mas eu não podia, ou podia mas não devia ou podia mas não queria ou não sabia mais como se parava ou voltava atrás, eu tinha que continuar indo ao encontro dele, que me abria a porta. O sax gemido e quem sabe uma lareira, pinhões, vinho quente com canela e cravo, essas coisas do inverno, e mais ainda, eu precisava imaginar o agradável para deter essa vontade de voltar ou ficar, tem um ponto, eu descobria, que você perde o comando sobre suas próprias pernas, não é bem assim, descoberta difícil que o frio e a chuva não me deixavam mastigar bem, eu começava a saber que tem um ponto, a chuva na minha cabeça não me deixava ir além desse ponto, que tem um ponto, e eu dividido querendo ver o depois do ponto e também aquele agradável dele me esperando quente. Um carro passou mais perto e me molhou inteiro, sairia um rio das minhas roupas se conseguisse torcê-las, então decidi na minha cabeça que depois de abrir a porta ele diria qualquer coisa feito mas como você está molhado, sem nenhum espan-

Os Companheiros

(Uma História Embaçada)

Para Eduardo San Martin

Cruel citar grafitis como homem, mate a mãe que existe dentro de você, a minha mãe já está morrendo objetivamente, feliz ou infelizmente ela existe fora de mim (e esse era um fato que não alterava e, repito, *fato* — porque tudo são fatos, só eles existem, mas isso é outra história —, como ia dizendo, não se esquivar, o fato de haver uma história em suspenso? não digamos assim, pois uma história nunca fica suspensa: ela se consuma no que se interrompe, ela é cheia de pontos finais, o que a gente imagina que poderia ser uma continuação não passa de um novo capítulo, eventualmente conservando as mesmas personagens do anterior, mas seguindo uma ordem cujas regras nos são ilusoriamente, às vezes, familiares? ou inteiramente aleatórias? a verdade é que chega-se sempre longe demais quando não se quer Ir Direto Aos Fatos, mas o problema de Ir Direto Aos Fatos é que não há cir-cun-lô-qui-os então, e a maioria das vezes a graça está justamente nesses Vazios Volteios Virtuozos, digamos assim: que não haja beleza nos fatos desde que se vá direito a eles? ou que não haja mistério, que seja insuportavelmente dispensável gostar dos cir-cun-lô-qui-os. Ultrapasse-os. Acontece que. Nada acontece) — mas por favor, não falemos disso agora.

O cruel vinha de que o silêncio também seria inábil e farposo, então feria, e não pense que vou esclarecer quem, facilitando as coisas, por cegueira, por pressa, por tontura, o cruel era a palavra verbalizada, e o verbo era o mal? mas o silêncio ídem. Apenas na estradinha que subia o morro, entre o rio e o mar, foi que começaram finalmente a divertir-se um pouco, identificando-se. A Médica Curandeira tinha cabelos pretos que acentuavam seu dramatismo, aliada a Um Certo Ar Sofrido De Mulher Com Mais De Trinta Anos Que Já Passou Por Muitas Barras. E até que era legal, descobria prosaico o Jornalista Cartomante entre dois goles de vinho, duas tragadas do tabaco amargo velho conhecido. O Ator Bufão cumpria com eficácia suas funções de pano de fundo frequentemente estridente demais, mas inofensivo como costumam ser os bufões, mesmo quando se metem a

PODERIA começá-la também assim — pigarreou & disse: diríamos que Ele apresentava-se ou revelava-se ou expressava-se (entregava-se?) ou fosse lá o que fosse, naquele momento específico, por uma pre-dição, tendência, símbolo, sintoma ou como queiram chamá-lo, senhores, senhoras, aos blues lentos, aos cafés amargos, aos tabacos fortes. E os morcegos esvoaçavam ao redor da casa. O De Camisa Xadrez, que fora amado e ferira de faca a quem o amara, ainda amarrava os cabelos na nuca. O De Camisa Xadrez ainda tinha cabelos para amarrar na nuca. Então era desse jeito: O De Camisa Xadrez amarrando os cabelos na nuca enquanto os morcegos esvoaçavam ao redor da casa e, como numa orgia, como num vício, como numa tara, como num inconfessável ritual sadomasoquista, Ele entregava-se aos blues amargos, cafés fortes, tabacos lentos. Só não tinha identificado a moça porque era tão moreninha & brejeira que abriu logo o papo trans-cen-den-tal, ela embarcando, Peixes, logo vi, regente Netuno, ah Netuno, cuidado com as ilusões, mocinha, profundas e enganosas como o mar que é teu elemento. E assim passaram-se anos.

contudentezinhos. Era nesse pé que as coisas estavam quando. E quase não havia o que acrescentar, porque não acontecia nada entre eles, a não ser, usando uma certa nor-ma-ti-vi-da-de: a) Climas Indefiníveis; b) Sutilzas Indizíveis; c) Nobrezas Horríveis. Nomeava assim, Horríveis, com maíúscula, porque mesmo não tendo que justificar-se, enfim, ao cabo: nobreza em excesso roía por dentro, isso era como a consequência de uma aprendizagem instalada agora dentro do quarto. Como se por baixo do longo cano de uma luva branca, imaculada, por trás do rendilhado dos canutilhos houvesse garras torcidas, esguias feitas torres góticas, batendo nas vidraças fechadas.

Mas assim. Caminhava na rua sem tocar na rua: conseguia. Movimentava-se entre espelhos. Caminhar na rua, jogo de infinitos. O de agora remetendo ao de antes, que refletia o depois, que era algo bem próximo do agora, e assim por diante. Tudo refletia-se. Cada reflexo o devolvia a algo que não a rua propriamente dita. Essa, por onde caminhava. Pode-se argumentar contra. Ele que isso não passava de mais um meio de não se comprometer demasiado. Uma daquelas Horríveis Nobrezas, porque concluir, ou reconhecer uma aprendizagem não significava necessariamente passar a agir de maneira diferente. Mas queria dizer que, naquele momento, naquele fato suspenso em que nada acontecia, de repente e sem nenhum motivo, a Médica Curandeira (de passado guerrilheiro), o Ator Bufão (egresso de um seminário) e o Jornalista Cartomante (com raízes contraculturais) não estavam preocupados ou diminuídos pelo fato de serem Caricaturalmente Representativos De Uma Geração, fosse qual fosse. A ben-tá-verdade, revele-se sonoramente em alto e bom som: eles foram intensamente felizes enquanto nada acontecia. Pelo menos até que se ouvisse, novamente, os morcegos lá fora. Claro que não sabiam disso — da felicidade, não dos morcegos — nem talvez saberão um dia: exatamente por isso é preciso que se diga, para que ninguém entenda, mas pelo menos fique registrado, em benefício de nada nem de ninguém. Sendo completamente o que eram,

inspiravam estufados de humanidade sem culpa. Tudo isso ia acontecendo sem acontecer, enquanto a Moreninha Brejeira, se olhada mais atentamente, guardava alguma fundura por trás da brejeirice e, vendo bem, nem parecia tão moreninha assim. Era exaustivo, mesmo sem muitas palavras. E incompreensível, para quem nunca esteve dentro. Mas reconfortante, mesmo que não bebessem chá. Como costumam ser os reencontros, afinal.

Só que os morcegos, porra, não paravam de ron-dar, embora fosse verão e a casa tivesse sido branca um dia e o gramadinho até mesmo guardasse recu-dos fagueiros de tardes ensolaradas com bolas dessas de grandes gomos coloridos e doguezinhos saltitantes ao pé de raparigas um tanto antigas nos seus modelinhos rendados, com meias soquete desabando sobre os sapatinhos de verniz, bambolês & bilboquês sobre os degraus de pedra gasta. Tinha um gosto remoto disso, a casa. Mas Ele não acreditava que suficiente ao ponto de justificar a presença dos morcegos, ou não seria mais que uma suspeita? pois nem sequer, falha imperdável nesta história, havia sótãos poeirentos, porões mofados, bananeiras nos quintais. Pensando melhor: continuavam sem saber, fazia muitos anos, se a realidade era sempre mesmo meio mágica ou apenas levemente paranóica, dependendo da sua disposição para escarafunchar a ferida. Preferia observá-la ao espelho, como quando caminhava na rua: isso o remetia a outras feridas mais antigas, nem mais nem menos dolorosas, porque a memória da dor da feridantiga perdeu-se, compreende? Menos que por sua cicatriz, uma feridantiga mede-se mais exatamente pela dor que provocou, e para sempre perdeu-se no momento em que cessou de doer. O que provavelmente deve ser muito sadio. A Moreninha Brejeira jamais poderia supô-lo mergulhado em tais inutilidades cerebrais, e já não restava nenhuma gota de cumplicidade entre O De Camisa Xadrez e o Jornalista Cartomante, posto que isso implicaria uma espécie de erotismo sublimado, se é que me faço entender. Como uma cópula moral, uma foda ética ou étfica, sabe-se lá a que

requintados níveis de abstração ou subterfúgio podem chegar certas trepadas. Considerava feridas, enfim, totalmente imerso nos lentos blues, nos tabacos fortes, nos cafés amargos às vezes substituídos por conhaques (densos) ou vinhos (secos). Entre duas palavras quaisquer, era capaz de deter-se para tomar providências objetivas, como esvaziar cinzeiros trocar discos servir bebidas abrir janelas que enseguida fechava, rápido, para que os morecos não entrassem.

Quanto à Médica Curandeira, era ainda capaz de exibir na pele torturada as marcas dos cigarros acesos, principalmente nos seios e nas coxas, mas isso só na intimidade mais absoluta, quando estivesse inteiramente descartada a possibilidade de ser enquadrada em alguma bizarra forma de exibicionismo heróico trotskista. Se bem que, como rugas e perdas, cicatrizes fossem troféus: os grandes fracassos, tipo Napoleão em Waterloo, também deveriam ser considerados, por que afinal essa discriminação maniqueísta? cobrava o Ator Bufão, vezenuquando tomando as rédeas para jogar no papel palavras que, como bufão que era, e dos bons, diga-se a seu favor, transformavam-se em várias bolas ao mesmo tempo jogadas para o ar. Seria capaz de ordená-las nas mais infinitas seqüências, tipo duas vermelhas no ar sobre a cabeça uma roxa na mão esquerda uma azul na mão direita e aquela amarela passando por baixo da perna direita ou esquerda, não importa, no ar também, neste exato momento, aquela amarela. O problema maior do Ator Bufão é que todos os seus talentos não valiam um vintém, visto que já não existe mais muita gente interessada em insólitas combinações na seqüência de bolas coloridas. Ele baixou os olhos. Feridas, cicatrizes — mastigou, mastigaram. Contra a janela fechada (para que não entrassem morecos), a Moreninha Brejeira junto à Médica Curandeira parecia uma Capitu levemente amadurecida pedindo conselhos a Catharina Heathcliff. Só não sabia de si, nem de parâmetros, O De Camisa Xadrez, aquele que fora muito amado e ferira fundo de faca, permanecendo mudo suspenso entre várias coisas que já não eram e

outras tantas que poderiam vir a ser ou não. Enquanto nada se decidia, amarrava os cabelos na nuca, posto que ainda tinha cabelos, embora a década fosse outra, e outros os delírios. Amarrava-os assim, agora, tão nítido, porque essa era quem sabe sua vitória tácita, sua implícita vantagem naquele momento em que, além de nenhum avanço, todos tinham cortado ou perdido os cabelos. Haviam chegado a um ponto em que verbalizar morecos poderia arruinar tudo, mesmo que nada houvesse a ser arruinado. Mesmo que sequer houvesse morecos.

Pois diga-se ainda que, apesar do ruído cômico de asas, daqueles miúdos guinchos cruzados no ar, garras viscosas, sem luvras nem canutinhos arranhando as janelas, mesmo olhando-se de vez em quando nos olhos há anos empápuçados de álcool e drogas: não se atreviam a verbalizar morecos. Ou não é que não se atrevessem: os morecos talvez fossem incommunicáveis, porque não sendo verbalizados, e portanto divididos, cada um suspeitava que fossem estritamente pessoais/intransferíveis. O que quero finalmente dizer é que não verbalizando os morecos, os morecos não existiam. Portanto nem sequer obscuras tensões pairavam sobre O De Camisa Xadrez, a Moreninha Brejeira, o Ator Bufão, a Médica Curandeira e o Jornalista Cartomante, todos sem pretexto algum para estarem ali agora assim, sentados sobre o tapete no quarto do Marinheiro Frustrado, que andava ausente, embora deixasse em seus devidos lugares as âncoras polidas e as luzidias maquetes dos transatlânticos. Ausente também O Marido Ideal, já que sua função na vida sempre fora ausentar-se sem deixar vestígios, o que tinha sua dose de melancolia. Como as estantes de madeira escura suportando o peso das obras completas de Karl May, Michel Zevaco e Edgard Rice Burroughs.

Dentro do pleno verão, pela escada soprou inesperadamente um vento frio.

Nesses momentos, quando os blues se tornavam ainda mais lentos, é que se ouviam os morecos. Nesses momentos é que contemplavam os mútuos ténis

espatifados, mesmo que estivessem descalços, considerando fatos como a pilha de pratos sujos na cozinha. Ir Direto Aos Fatos agora seria por exemplo correr para a pia, armado da mais higiênica das intenções & um bom detergente biodegradável. Ou virar o disco para libertar um blues ainda mais agônico, quase insuportável de tão dolorido, que cada nota emitida pelo sax durasse pelo menos o tempo do Gênesis. Até que a Moreninha Brejeira estalasse os dentes contra uma maçã, para de alguma forma expulsá-los do paraíso. E produzir-se-iam abrolhos e espinhos e nutrir-se-iam com as ervas dos campos e comeriam o pão com o suor da frente — pois são assim os ciclos, com o suor da frente — já sem comentário didático, mas um tanto fatigado, e já sem graça, o Ator Bufão. Os demais, não se sabe, calariam ou não fariam gesto algum. Ao mesmo tempo, era extremamente cômodo e perfeitamente insuportável permanecer assim, no meio do parado, suspeitando de vícios de morecos por trás das janelas fechadas daquele quarto onde, quem sabe, apenas as âncoras ancoradas nas paredes poderiam indicar qualquer coisa como — um rumo? E finalmente, por uma série de razões vagas fundas baças tolas ou ainda mais confusas, esse tipo de coisa era praticamente tudo que se poderia dizer sobre eles. Assim lentos, assim amargos, assim fortes até. Sobrevivendo à morte de todos os presságios.

Terça-feira Gorda

Para Luiz Carlos Góes

DE REPENTE, ele começou a dançar bonito e veio vindo para mim. Me olhando nos olhos, quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também, a boca gosmenta de tanta cerveja morna, vodka com coca-cola, uísque nacional, gostos que eu nem identificava, passando de mão em mão dentro dos copos de plástico. Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, lã, purpúrina na cara, Oxalá, braços levantados, Ogum de umbanda, dançando bonito. Um movimento que descia dos quadris pelas coxas, até os pés, então olhava para baixo, depois o movimento subia novamente, atravessando a cintura, até os ombros. Era então que sacudia a cabeça, olhando para mim, cada vez mais perto. Eu estava todo suado. Todo mundo estava suado, mas eu não via mais ninguém além dele. Eu já o tinha visto, mas não ali. Fazia tempo, não sabia onde. Eu tinha andado por muitos lugares. Ele tinha um jeito de quem também tinha andado por muitos lugares. Num desses lugares, quem sabe. Aqui, ali. Mas não lembraríamos antes de falar. Só que não havia palavras. Havia o movimento, o suor, os corpos meu e dele se aproximando, sem que-

rer mais nada além daquele chegar cada vez mais perto.

Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadris, coxas, pés, olhar para baixo, subir o movimento pela cintura até os ombros, então sacudir os cabelos molhados, levantar a cabeça e encerrar sorrindo. Ele encostou o tronco suado no meu. Tíhamos pêlos, os dois. Os pêlos molhados se misturavam. Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse. Não parecia bicha nem nada: só um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê, perguntou. Você é gostoso, eu disse. Eu era só um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também.

Eu queria aquele corpo de homem dançando suado e bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse, eu disse quero você também. Mas quero agora já neste instante, ele disse e eu repeti também, também quero. Sorriu mais largo com uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pêlos na superfície e músculos sob a pele. Ai-ai, alguém falou em falso, e foi embora. Em volta, olhavam. Entreaberta, a boca dele veio se aproximando da minha. Parecia um figo maduro quando a gente faz uma cruz com a ponta da faca na extremidade mais redonda e rasga devagar a polpa, revelando o interior rosado. Você sabia, eu disse, que o figo não é uma fruta, mas uma flor que abre para dentro. O quê, ele gritou. O figo, repeti. Mas não tinha importância. Ele enfiou a mão dentro da sunga, tirou duas bolinhas num envelope metálico. Tomou uma e me estendeu a outra. Não, eu disse, quero minha lucidez de qualquer jeito. Mas estava completamente louco. E como queria aquela bolinha quente vinda do meio dos pentelhos dele. Estendi a língua, engoli. Nos empur-

raram em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiram empurrando, olha as loucas, vamos embora, ele disse. Fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos.

Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar. A música era só um tum-tum-tum de pés e tambores batendo. Eu olhei para cima e mostrei olha lá as Plêiades, só o que eu sabia ver, que nem raquete de tênis. Você vai pegar um resfriado, ele falou com a mão no meu ombro. Acho que foi aí que percebi que não usávamos máscara. Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não tínhamos dor, mas aquela coisa daquela hora que a gente estava sentindo, e eu nem sei se era alegria, também não usava máscara. Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara. A não dele apertou meu ombro. Minha mão apertou a cintura dele. Sentado na areia, ele tirou da sunga mágica um papel, um espelho redondo, uma gilete. Bateu quatro carreiras, cheirou duas, me estendeu a nota enroladinha de mil. Cheirei fundo, uma em cada narina. Lambu o vidro, molhei as gengivas. Joga o espelho pra laranja, me disse. O espelho brilhou, rodando no ar, e enquanto acompanhava o vôo fiquei com medo de olhar outra vez para ele. Porque se você pisca, quando torna a abrir os olhos o lindo ficou feio. Ou vice-versa. Olha pra mim, ele pediu. Eu olhei.

Brilhávamos, os dois, nos olhando sobre a areia. Te conheço de algum lugar, cara, ele disse, mas acho que é de minha cabeça mesmo. Não tem importância, eu falei. Ele falou não fale, depois me abraçou forte. Bem de perto, olhei a cara dele, que olhada assim não era bonita nem feia: de poros e pêlos, uma cara de verdade olhando bem de perto a cara de verdade que era a minha. A língua dele lambu o meu pescoço, minha língua entrou na orelha dele, depois se misturaram molhadas. Feito dois figos maduros apertados um contra o outro, as sementes vermelhas chocando-se com um ruído de dente contra dente.

Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. Não vou perguntar teu nome, nem tua idade, nem teu telefone, nem teu signo, nem teu endereço, ele disse. O peito dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele. O que você mentir eu acredito, eu disse, que nem marcha antiga de carnaval. A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor.

E brilhamos.

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras. A boca molhada afundando no meio duma massa escura. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho, correndo pela areia molhada, todos em volta, muito próximos. Fechando os olhos, como num filme, conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, dançando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de ténis, no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos.

Eu, Tu, Ele

Para Raquel Salgado

TATEIO, tateias, lateia. Ou tateamos, eu e tu, enquanto ele se movimenta sem dificuldade entre as coisas? Sei pouco de ti, apenas suspeito da tua existência, desde quando descobri que nem eu nem ele éramos os donos de certas palavras. Como se tivesse percebido um espaço em branco entre mim e ele, e assim — por exclusão, por intuição, por invenção — te adivinhasse dono desse espaço entre a luz dele e o escuro de mim. Tateias, também? De ti, quase não sei. Mas equilibras o que entre ele e mim é pura sombra.

ESTOU me afastando, estou indo embora e preciso que me entendas antes que eu vá, crucificado na parte externa do vagão de um trem em alta velocidade. Tento devagar, mais claro: ele não se afasta. Dia após dia, eu noto, torna-se mais simpático, mais eficiente, mais solícito — para utilizar palavras que não sei bem o que significam, mas imagino sempre alguém sorrindo muito, curvando constantemente a cabeça, como uma gueixa. Uma gueixa, ele, a grande puta, com seu silêncio de passinhos miúdos e pés amarrados. Preciso tentar uma certa ordem no que

digo, dizer de novo, vê se me entendes: ele não se afasta, mas é dentro dele que eu me afasto. Dentro dele, eu espio o de fora. E não me atrevo.

O QUE vejo nos outros, com seus grandes poros abertos, são caras demasiado vivas. As caras de fora se debruçam sobre ele e eu tenho medo, eu nunca poderia olhar de frente para todos aqueles olhos boiando na superfície branco-gelatinosa, cheia de veiazinhas vermelhas, e eu tenho nojo. Não dos olhos, mas do interior das caras que transparece nas veiazinhas. Também não são as bocas, mas os gosmosos vermelhucos de dentro, quando se abrem demasiado. Os inúmeros pontinhos pretos dos narizes, às vezes suado para a testa, entre as sobrancelhas, o interior rosado dos narizes, as goelas abertas com suas umidades móveis ao fundo, cheias de pequenos espasmos, miúdas convulsões. Quando as grandes caras vivas se debruçam, sinto que transpareço nas veiazinhas dos olhos deles, e tenho medo que apenas um piscar me lance para fora, entre as coisas pontudas. E quando ele abre sua boca moveiça para escarrar palavras, gótas de saliva e mau hálito, tenho medo de ele ser essa palavra, essa gota, esse hálito. O mesmo de quando estrega as mãos e solta no ar os feixes de energia, como se fosse uma vibração, não um ser.

SEMPRE posso parar, olhar além da janela. Mas do interior do trem em movimento, nunca é fixa a paisagem. Os pés de ipê colorido misturam-se às paredes de concreto e as paredes de concreto à ruazinha de casas desbotadas e a ruazinha de casas desbotadas às caras das lavadeiras na beira do rio, que desta distância não são móveis nem vivas, mas sem feições, esculpidas sob as trouxas brancas, e o roxo e o amarelado outra vez dos ipês, e o marrom da terra, e o bordô das buganvílias, e o verde de uma farda atravessando os trilhos. Há um excesso de cores e de formas pelo mundo. E tudo vibra.

DAQUELA última tarde de luz, o que me ficou na memória foi o visgo frio do suor na palma das minhas mãos, os inúmeros pontos, luminoso vibrante dos automóveis, as minhas fontes estalando com o barulho. Os automóveis eram faíscas coloridas voando sobre o cimento. Eu apertava minha tontura com as palmas molhadas das mãos, sem saber se ia, se voltava ou permanecia parado entre aqueles pontos alucinados de luz girando em torno de mim. Devo ter começado a gritar, porque ele fechou a boca com força, não me deixando sair.

MAS ERA A TI, a ele ou a mim que o homem visitava, às vezes? De quem seria a língua sem nojo que explorava o mais fundo de todos os buracos do corpo dele? Da janela, eu observava as mãos que puxavam apressadas o fecho da calça, os dedos hábeis afastando panos, as narinas sugando o cheiro secreto das virilhas. O grande corpo vivo e móvel do homem, atrás das grades eu queria minhas aquelas mãos e meus aqueles dedos e minhas também aquelas narinas e aquela língua lambendo o membro dele até que estivesse rijo o suficiente para que, com muito cuidado, adentrasse gemendo de prazer. Eras tu, era eu ou era ele quem torcia lentamente o corpo até cair de costas sobre a cama, e contornando com as pernas abertas o tronco e a bunda do homem pudesse assim senti-lo dentro de mim, de ti ou dele, como a fêmea deve sentir seu macho, cara a cara, jamais como um homem recebe a outro homem, o rosto contra a nuca, nesse amor feito de esperma e pêlos, suor e merda? Atrás da janela dele, eu olhava sem me permitir. Mas nosso orgasmo era o mesmo, e éramos um só, os três, cavalgados por esse homem que esgotávamos com a sede de nossas línguas. Nesses momentos, eu conhecia a tua face tão bem quanto a dele e a minha. E não me assustavam os poros abertos nem me enojava o gosmoso de dentro.

QUANTO A TI, já reparaste como o mundo parece feito de pontas e arestas? Já chamei tua atenção para a escassez de contornos mansos nas coisas? Tudo é duro e fere. Observo, observas como ele se move sem choques por entre as pontas. Te parece elegante, assim sinuoso, evitando toques que possam machucá-lo? Pois a mim parece falso, conheço bem suas tramas e sei de todas as vezes que concedeu para que o de fora não o magoasse. Ouve e repara: essas sinuosidades são de cobra, não de ave.

SÔ ÀS VEZES julgo compreender. Então tenho vontade de abrir todas as janelas da casa para que o sol possa entrar. É o que me ocorre pela manhã, sempre à mesma hora, depois de ouvir os ruídos que ele faz antes de sair. Fico atento: a água escorrendo na torneira, o ruído da escova contra os dentes, a água da privada levando embora os detritos, a água limpando os resíduos de sono no canto dos olhos, a água fria do chuveiro despertando os músculos, a água aquecida para o café. Água, água, água, eu penso, todas as manhãs, e mesmo que continue entre os lençóis o dia inteiro, a mão inventando prazeres escôndidos, há sempre uma parte de mim que o acompanha pelas ruas, no seu trajeto sujo entre as faíscas coloridas dos automóveis, distribuindo os primeiros sorrisos falsos do dia, e pelo dia adentro, afora, cumprindo sem erros o seu bem traçado roteiro. Sabe tudo que quer, ele, o grande cínico. E sabe exatamente como conseguí-lo. Pelo dia afora, adentro, essa parte de mim que vai com ele tenta extravasar-se pelos seus olhos, pela sua boca, para alertar as grandes caras móveis que o observam com simpatia. Em cada tentativa, ele me pressente e me rechaza; ele me empurra para o fundo de si para que eu não o desmascare. E me rouba a voz, e me leva o gesto, fazendo com que me cale e imobilize, entre as pontas duras das quais ele se desvia, enganoso, porco bailarino capaz de todas as baixezas pelo papel principal. É sem testemunhas que eu o desmascaro todas as manhãs, enquanto escuto cor-

rer a água com que supõe lavar toda a sua sujeira. Mas te investigo, te busco, te suspeito cúmplice de mim, não dele, porque a tua ajuda é a única que posso esperar, então insisto sempre se me entendes, e volto a perguntar, então, me entendes, assim, me entendes, tu?

ERA agradável quando a moça vinha com suas tabelas, seus gráficos e compassos para falar do movimento dos astros sobre as nossas cabeças, sábia e distraída, desenhando pirâmides nos papéis quadriculados. Foi numa das primeiras vezes que ele tentou afastá-la, rindo muito, como as pessoas costumam rir dessas coisas, preferindo sempre os porcos às aves. Foste tu quem me ajudou, dessa vez, a fechar com força a boca dele, até que seus dentes estivessem cerrados ao ponto de quebrar? Porque não era só meu aquele esforço, eu soube, e essa vez talvez tenha sido a primeira em que te surpreendi existindo, paralelo a mim e a ele. Ou não importa. A moça continuou a vir, dizia sempre que quando a Lua transitava por Aquário. Mas eu nunca soube de constelações: limitava-me a recebê-la, e parecia uma menina cheia de fé em tudo que suspeitava real, mas invisível.

MEUS DIAS são sempre como uma véspera de partida. Movimento-me entre as pontas como quem sabe que daqui a pouco já não vai estar presente. As malas estão prontas, as despedidas foram feitas. Caminhando de um lado para outro na plataforma da estação, só me resta olhar lerto as coisas, sem nenhuma compreensão, nenhuma vontade de ficar. As janelas abrem para fora, os bancos parecem-se aos bancos e os vasos foram feitos para se colocar flores. As coisas todas se parecem a si próprias. Nada modificará o mundo, e a minha partida, ontem, hoje ou amanhã, não mudará coisa alguma. Cada coisa se parece com cada coisa que ela é. Assim eu próprio, me parecendo a mim mesmo, de um lado para outro,

entre cigarros sem sabor, jornais sangrentos e a certeza que a única coisa que poderia modificar minha partida seria a tua aceitação deste convite: não queres me ajudar a matá-lo?

HOUVE um dia que o homem não veio mais. E sem saber se tinha sido eu, tu ou ele quem o afastara, nesse dia escrevi qualquer coisa como uma oração, que me pareceu ridícula. Mas revisitando papéis antigos, agora, ela pulsa como se tivesse sido apunhalada e, percebo, como se tivesse sido escrita também para ti, para ele e para mim. Assim:

eu não estou esperando esse homem que não é só esse mas todos e nenhum como uma sede do que nunca bebi sem forma de águas apenas na esteiriza do aquiagora eu espero por ele desde que nasci e desde sempre soube que na hora suja da minha morte misturando memórias e delírios lembranças e visões um pouco antes a última coisa que perguntarei seria um mas onde está mas onde esteve esse tempo todo que me lanhei sem ti e para me alegrar depois quem sabe talvez enfim desista ou sorria sorria lindo sem dentes sorria luminoso na escuridão da minha boca sorria vasto como nunca foi possível e cuspa qualquer coisa como então você estava sempre aí uma vida de procuras sem te achar e silêncio para então morrer de morte morrida sem volta de vida gasta retalhada de muitos cortes mas nunca mortais ao ponto de impedir este ridículo até na hora de minha morte amém.

MAS esta cara de mim, recém-desperta, revigorou-se aos poucos e sem suspiros, porque não há o que lamentar, e pensa crua: não nos separamos, os três. Quando me julgo fora, estou dentro. E quando me supponho dentro, estou fora. De ti ou dele, de mim em mim, tríplice engastado, embora pareça confuso, assim formulo e me parece quase claro enquanto rugo a cidade e debruço este corpo de nós sobre os sete viadutos: tríplice engastado, tríplice entranhado, tríplice enlaçado, tríplice inseparado para sempre, a morte de um é a morte de três, não quero que me ajudes a matá-lo porque mataria a ti e também a mim. E me recomponho, e te recomponho, e recomponho a ele, que é também eu e também tu.

A MOÇA disse que a Lua passava por Escorpião e contou: sem dentes, rasgado, pedaços de vômito endurecido grudados nos pêlos do peito, o homem a perseguia. Antes que a tocasse, ela encontrou o animalzinho branco, de focinho rosado, e apanhando um pedaço de madeira bateu, bateu e bateu até que o bicho se tornasse um mingau de sangue e pêlos claros onde boiava um par de olhos que não morriam. Eu contei: pelo tronco da árvore, de um lado a outro do precipício, eu atravessava. Foi quando parei, com medo do abismo. Não voltaria, nem iria em frente. E olhei a parede do precipício e vi os cachos verdes de uvas e meu medo passou e eu não sentiria fome nem morreria porque logo viria a vindima, o tempo maduro das uvas. Oníricos, trocávamos sonhos os dois, os três, os quatro. E a fêmea emboscada no corpo da moça chamava por mim, por ti, por ele. De nós três, ela sabia. Antes de ir embora, ainda escreveu no papel cheio de pirâmides, olhando para nós, guarda isso: o outro também se busca cego, o outro também e sempre é três.

TEMPOS depois — agora, para ser preciso —, percebo: é pelos corredores escuros do labirinto que caminhamos, tateando, os três, à procura do vértice. Sei que não entendes, sei que ele também não entende. Do teu dia, quase não sei, mas sei do teu labirinto, como sei do labirinto dele em mim, do meu labirinto em ti. E também não entendo.

PRECISO PARAR. Estou cansado. Pela cabeça, essa luz que não sei se é compreensão ou loucura. E de mim, de ti ou dele que vem essa voz contando o sonho de ontem? Como se fosses tu, assim entras no teatro e te chamam dentro do sonho e te convidam para fazer o papel do sonho de alguém, e dizes que nunca viste a peça e nunca leste o texto e nada sabes de marcações intenções interiorizações e te dizem que não importa, porque um sonho não precisa ensaio, e já não sabes se

começas a rir ou gritar, então foges para encontrar o outro, mas o rosto da moça tem os olhos do homem e a boca da moça, os seios da moça são os seios da moça, aqueles mesmos, cujos bicos duros roçavam tua barba malfeita quando os beijavas, mas o sexo da moça é o sexo do homem, aquele mesmo que te inundava de esperma quente, e não sentes medo nem nojo, mas te afastas confuso e caminhas caminhas em busca do teatro para entrar em cena e desempenhar o teu papel de sonho do sonho de outro, depois procuras procuras procuras dentro do teatro, pirâmide de corredores estreitos, e continuas procurando o palco, vértice, câmara real, a tua deixa, a tua marca e antes de acordar não pensas — ou pensas, eu não sei, ele não sabe, tu não sabes — se de repente não estás perdido nem não sabes o papel de cor: pois o palco é a procura do palco e o teu papel é não saber o papel e tudo está certo e a aparente desordem se ordena súbita e a grande ordem de todas as coisas é os caos girando desordenado como deve girar o caos, e assim mergulho, e assim mergulhas: a tontura de nossos três passos equilibra-se instável e precisa sobre o fio da navalha, à espera do tempo de vindima. Mas — sei, sabes, sabemos — as uvas talvez custem demais a amadurecer. E quase não temos tempo.

Luz e Sombra

Para Juan Carlos Chacón

DEVE haver alguma espécie de sentido ou o que virá depois? — são coisas assim que penso pelas tardes, parado aqui nesta janela, em frente aos intermináveis telhados de zinco onde às vezes pousam pombas, e dito desse jeito você logo imagina poéticas pombinhas esvoaçantes, arrulhantes. São cinzentas, as pombas, e o ruído que fazem é sinistro como o de asas de morcego. Conheço bem os morcegos, seus gritinhos agudos, estridentes. Mas não quero me apressar. Penso que se conseguir dar alguma espécie de ordem nisto que vou dizendo haverá em consequência também alguma espécie de sentido. Penso junto, ou logo depois, não sei ao certo, que após essa ordem e esse sentido deve vir alguma coisa. O que virá depois? pergunto então para a tarde suja atrás dos vidros, e me sinto reconfortado como se tivesse qualquer coisa como um futuro à minha espera. Assim como se depois do chá fumasse lentamente um cigarro mentolado, olhando para longe, aquecido pelo chá, tranquilizado pelo cigarro, principalmente pelo que virá depois deste momento. Faz tempo não tomo chá, e controlo tanto os cigarros que, cada vez que acendo um, a sensação é de culpa, não de prazer, você me entende?

Não, você não me entende. E sei que você não me entende porque não estou conseguindo ser suficientemente claro, e por não ser suficientemente claro além de você não me entender, não conseguirei dar ordem a nada disso, portanto não haverá sentido, portanto não haverá depois. Antes que me faça entender, se é que conseguirei, queria pelo menos que você compreendesse antes, antes de qualquer palavra, apague tudo, faz de conta que começamos agora, neste segundo, nesta próxima frase que direi. Assim: é um terrível esforço para mim. Se permanecer aqui, parado nesta janela, estou certo que acontecerá alguma coisa grave — e quando falo *grave* quero dizer *morte, loucura*, que parecem leves assim ditas. Preciso de algo que me tire desta janela, e logo após, ainda, do depois. Querer um sentido me leva a querer um depois, os dois vêm juntos, se é que você me entende.

Falava da janela. Poderia começar por ela. É uma janela grande, de vidro. Do teto até o chão, vidro. A sala é muito pequena, não há nada nela, a não ser um tapete verde-musgo, que me enjoa até o vômito. E agora me ocorre algo novo: creio que foi para não vomitar tanto e tão freqüentemente que passei a olhar pela janela, dando as costas ao tapete. Então, os telhados. Não me pergunte como nem por quê, mas a janela não dá para uma rua, como as janelas costumam dar. A janela dá para aqueles intermináveis telhados de zinco, de que já falei. Sim, sim, tentei me interessar pelas manchas do zinco, seus pequenos sulcos, as ondulações e todas essas coisas. E realmente me interessei, durante algum tempo. Mas os telhados são intermináveis, você sabe. Não, você não sabe, você não sabe como tentei me interessar. Então começou novamente aquela sensação de enjoô: os telhados estendem-se até o horizonte, como um enorme tapete verde. Antes de começar a vomitar olhando os telhados, felizmente vieram as pombas. Mas como disse: são cinzentas, o ruído que fazem é como o de asas de morcego. Seus bicos batem freqüentemente contra os vidros da janela. Não houvesse ví-

dros, tocariam meu rosto. Para não vomitar, tento olhar para além dos telhados que se perdem no infinito. Não vejo nada: só o cinza pesado do céu e a fuligem que se deposita aos poucos nas beiradas da janela. Ao entardecer, a fuligem ganha uns tons rosados e, logo depois, quando baixa o escuro, chega o momento de me encolher sobre o tapete para então, finalmente, dormir. Pela manhã, alguém enfiou um pedaço de pão por baixo da porta, uma lata com água, como se eu fosse um cão, e um maço de cigarros. Não sei quem é. Escuto que constantemente range os dentes, o que talvez seja apenas um jeito de sorrir. Acho que no começo fumava muito, pelo menos o quarto está cheio de cinzas, de pontas de cigarro, já que não existem cinzeiros e a janela é impossível de ser aberta, você está me ouvindo?

Não importa. Em dias muito quentes, costumo ter uma visão. Não sei se uma memória ou uma visão. De qualquer forma: em dias muito quentes, vejo claramente alguma coisa. É assim: em algum lugar, são três horas de uma tarde de janeiro. Estou sentado num degrau de cimento. Há três degraus do chão batido com algumas ervas daninhas, talvez urtigas, até uma velha porta muito alta, com a pintura marrom descascada. Estou sentado no segundo degrau. Sei que são três horas da tarde porque as sombras são curtas e a luz do sol muito clara. Sei que é janeiro porque faz muito calor. Não há nenhuma nuvem no céu. A rua está deserta. A rua é coberta por terra solta, vermelha. Do outro lado há um muro de pedras. Nada acontece. Posso ver as copas de alguns cinamomos do outro lado da rua, mas elas estão imóveis. Não há vento. Sei que além do muro de pedras existe um rio. A tarde está tão quente e clara que eu gostaria de ir até o rio. Para isso, precisaria levantar deste degrau. Há uma sombra leve sobre a minha cabeça, suficiente para que o sol não a aqueça demasiado. Estou descalço. Não sei que idade tenho, mas estou descalço e não devo ter chegado sequer à adolescência, pois minhas pernas nuas não têm pêlos. É por estar descalço, talvez, que não me atrevo a pisar a terra solta e vermelha do meio da rua.

Há cacos de vidro também, cacos verdes de vidro de onde o sol arranca reflexos que doem nos meus olhos. Às vezes eu os protejo com a mão em aba na testa. Estou bem, assim. Há tanta luz que preciso contrair um pouco as pálpebras para olhar as coisas de frente. O calor de janeiro aquece meu corpo. Cruzo as mãos sobre os joelhos. Isso me parece bom. Quase tenho certeza que, atrás da porta, alguém prepara qualquer coisa como um banho fresco ou um café novo. E embora a rua esteja deserta, não me sinto só aqui, neste degrau, nesta tarde.

Nas noites quentes desses dias quentes, costumo ter outra visão. Já não estou no degrau, mas atrás daquela mesma porta, dentro de casa. Talvez tenham se passado anos, talvez seja apenas a noite daquele mesmo dia. Não há luz. O piso é muito frio. Imagino que seja um quarto, porque há mosquiteiros suspensos do teto. Não tenho certeza se são mosquiteiros porque não me movimento. Penso também que podem ser teias de aranha, mas prefiro não entender a mão e tocá-los — os mosquiteiros, as teias — para certificar-me. Prefiro não me certificar de nada. Através de alguma persiana aberta entra no quarto um fino fio de luz azulada. Há vozes, lá fora. Imagino que existam pessoas sentadas à frente da casa, na noite quente de verão. De vez em quando, supponho, cai alguma estrela. Deve ser por isso que se fazem esses silêncios súbitos. Estou bem assim, tão bem quanto no degrau. Não sei quanto tempo dura, nem como tudo começa. Aos poucos, meus ouvidos vão separando das vozes lá de fora os gritinhos agudos, cada vez mais fortes, e logo depois sinto um roçar de asas no meu rosto. Vindos não sei de onde, os morcegos invadem o quarto. Sem querer, penso no teto. Não consigo vê-lo no escuro, mas de alguma forma sei que é feito de travessas finas de madeira, sustentando tijolos caídos de branco. Os morcegos esvoaçam em volta, eu não me movo. Alguns chocam-se contra as paredes, depois caem ao chão gritando estridente, fininho. Então sou eu quem começa a gritar. Sem me mover, olhos fechados, grito grito até que tudo passe e, novamente,

me encontro encolhido sobre o tapete verde, rosto colado na janela, olhando os telhados intermináveis através dos vidros.

A essa hora, quase sempre a fuligem do céu tem aqueles tons rosados. Está amanhecendo. Sob a porta, o pão, a lata com água, o maço de cigarros. Para apanhá-los, mesmo que olhe em frente ou para cima, o verde do tapete me invade os olhos e sempre vomito. Nem sempre sou ágil o suficiente para, com um movimento de cintura, evitar que o vômito caia sobre o pão, a água, os cigarros. E quando vomito sobre eles, sempre escuto o ranger de dentes atrás da porta. Nesses dias não como, não bebo, não fumo. Apenas caminho até a janela e, desde o momento em que o rosa se desfaz e o cinza baixa outra vez, as pombas bicando meu rosto protegido pelo vidro, repito sempre assim: deve haver alguma espécie de sentido ou o que virá depois?

Não choro mais. Na verdade, nem sequer entendo porque digo *mais*, se não estou certo se alguma vez chorei. Acho que sim, um dia. Quando havia dor. Agora só resta uma coisa seca. Dentro, fora. Por vezes fecho os olhos e tenho a impressão de que esses telhados intermináveis são a única coisa que existe dentro de mim, você me entende agora? O quê? Sim, tenho vontade de me jogar pela janela, mas nunca foi possível abrí-la. Não, não sei o que gostaria que você me dissesse. *Dorme*, quem sabe, ou *está tudo bem*, ou mesmo *esquece*, *esquece*. Não consigo. Quando vomito sobre o pão, não consigo comer nem vomitar depois. Gosto de vomitar: é um pouco como se conseguisse chorar. Quem sabe você conseguiria pelo menos me ensinar um jeito de vomitar sem comer? Apesar das minhas unhas crescidas, ainda não estão longas nem afiadas o bastante para que possa cravá-las em minha própria garganta. Sim, devo ter lido isso em algum livro. Mesmo dito assim, talvez seja essa a única saída. Gostaria de evitá-la.

Dentro de mim, não consigo deixar de pensar que há alguma espécie de sentido. E um depois. Quando penso nisso, é então como se alguém dançasse sobre

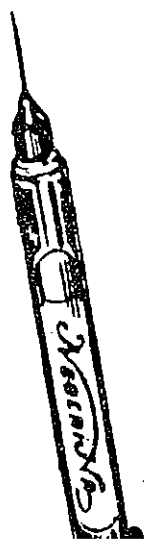
esses intermináveis telhados de dentro de mim. Sobre os telhados cinzentos, alguém vestido de amarelo. Não sei por que amarelo, talvez porque brilha. O vento faria esvoaçar seus panos e cabelos. Num grande salto aberto, esse alguém que dança alcançaria a janela abrindo-a com um leve toque dos dedos. Quase sempre tenho certeza que deve ser você. Não, não diga nada. Prefiro não saber que não. Nem que sim. Você me despreza por estar aqui assim parado? E outra vez, não diga nada. Não consigo ver claro seu rosto que os panos e os cabelos cobrem por inteiro, soprados pelo vento. Sei também que você me tomaria pela mão para que eu finalmente levantasse daquele segundo degrau, atravessando a rua de terra quente para, quem sabe, mergulhar na água fresca do rio. Sei ainda que você me tiraria daquele quarto escuro, entre os véus e as teias, e mataria os morecos um a um, para que sentássemos à frente da casa, espiaando a queda vertical das estrelas na noite quente de janeiro.

Queria pensar que é esse o sentido, que será esse o depois. Não sei se posso. Há dias, como hoje, em que por mais que minta sequer consigo ver você. Seus membros longos que o vento rouba dos panos. Só escuto os dentes rangendo e os ruídos internos de meu próprio corpo. Tudo isso me cega. Leva-me daqui, eu peço. E cruzo as duas mãos sobre o peito, como se sentisse frio ou afastasse demônios. Aperto o rosto contra a janela. Duas pombas, cada uma delas bica um de meus olhos. Talvez um dia consigam quebrar o vidro. Sem querer, lembro de uma antiga história de fadas: duas pombas furavam os olhos de duas irmãs mãs, você lembra? Havia fadas, naquela história. Não há ninguém dançando sobre os telhados. Nunca houve. Para não ver o cinza que se transforma em verde, olho para além deles. O dia está muito quente. Quando a tarde avançar, sei que me encontrará sentado no degrau. E depois que o cinza tiver se transformado em rosa e em negro, sei que estarei parado no centro daquele quarto, ouvindo os gritinhos estridentes e o bater de asas dos morecos. Gritarei, então. Muito alto, com todas as minhas forças, durante muito

tempo. Não sei se foi esta a ordem, se é esse o sentido, se será assim o depois. Mas acho que sei com certeza que nem você nem ninguém vai me ouvir.

*"Dá-me mais vinho, porque a vida é na-
da."*

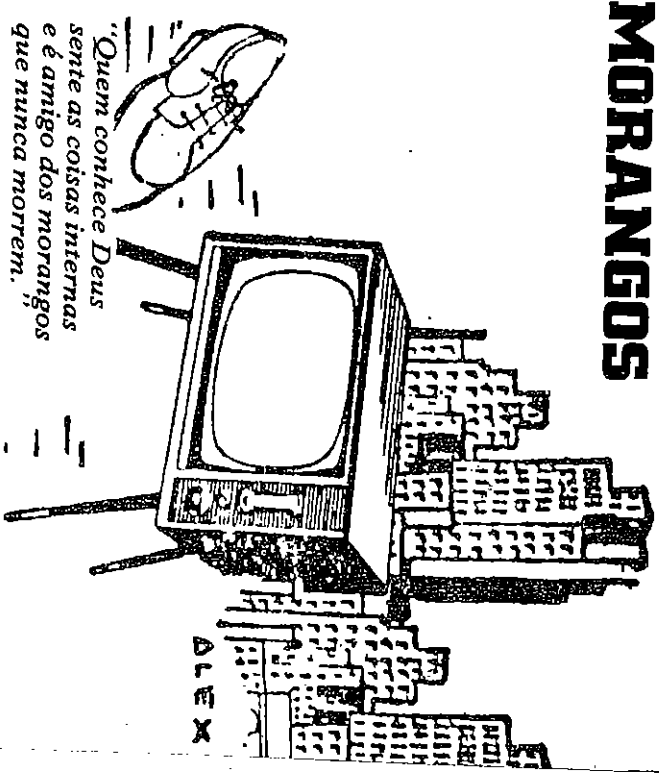
(Fernando Pessoa: Cancioneiro)



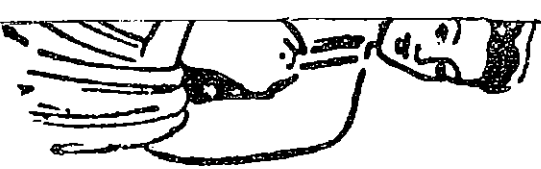
OS

MORANGOS

*"Quem conhece Deus
sente as coisas internas
e é amigo dos morangos
que nunca morrem."*



(Henrique do Valle: Os Morangos São Eternos)



Transformações

(Uma Fábula)

Para Domingos Lalaina Jr.

FEITO FEBRE, baixava às vezes nele aquela sensação de que nada daria jamais certo, que todos os esforços seriam para sempre inúteis, e coisa nenhuma de alguma forma se modificaria. Mais que a sensação, densa certeza viscosa impedindo qualquer movimento em direção à luz. Além da certeza, premonição de um futuro onde não haveria o menor esboço de uma espécie qualquer não sabia se de esperança, fé, alegria, mas certamente qualquer coisa assim.

Eram dias parados, aqueles. Por mais que se movimentasse, gestos cotidianos, acordar, comer, caminhar, dentro dele uma coisa permanecia imóvel. Como se seu corpo fosse apenas a moldura do desenho de um rosto apoiado sobre uma das mãos, olhos fixos na distância. Ausentou-se, diriam ao vê-lo, se o vissem. Não era verdade. Nesses dias, estava presente como nunca, tão pleno e perto que estava também dentro do que chamaria — tivesse palavras, mas não as tinha — vaga e precisamente de: A Grande Falta.

Era translúcida e gelada. Tivesse olhos, seriam certamente verdes, com remotas pupilas. À beira da praia, certa vez, encontrara um caco de garrafa tão burilado pelas ondas, areias e ventos que cintilava ao sol, pequena jóia. Apertou-o entre os dedos, sentido

um frio anestésico que o impedia de perceber as gotas de sangue brotando mornas da palma da mão. Assim era A Grande Falta. Pudessem vê-lo, pudesse ver-se, veriam também o sangue, ele e os outros. Mas tornava-se invisível nesses dias. Olhando-se ao espelho, sabia de imediato que estava dentro Dela. No vidro, além dele mesmo, localizava apenas um claro reflexo esverdeado.

Ela estava tão dentro dele quanto ele dentro Dela. Intrincados ao ponto de um tornar-se, ao mesmo tempo, fundo e superfície do outro. Amenizava-se, às vezes, no decorrer do dia, nuvens que se dissipam, turvo de água clareando, até o cair da noite surpreendê-lo nítido, passado à limpo, passado a ferro. Então sorria, dava telefonemas, cantava ou ia ao cinema. Mas adensava-se também, em outras vezes, cada vez mais escuro, turvo agitado subindo do fundo, vidro bafejado. Sem dormir: fosforescia entre os lençóis, ouvindo os ruídos da madrugada chegarem como abafados por uma grossa camada de algodão. Dissipava-se ou concentrava-se na manhã seguinte e, concentrando-se, não era uma manhã seguinte, mas apenas uma fluída e mansa continuação. Sem solavancos.

Seu grande medo era o destemor que sentia. Integro, sem mágoas nem carências ou expectativas. Inteiro, sem memórias nem fantasias. Mesmo o não-medo sequer sentia, pois não-dar-certo era o natural das coisas serem, modificáveis, irreduzíveis a qualquer tipo de esforço. Fosse íntimo das águas ou dos ares, teria quem sabe parâmetros para compreender esse quieto deslizar, peixe, ave. Criatura da terra, seu temor era quem sabe perder o apoio dos pés. E criatura do fogo, A Grande Falta crepitava dentro dele.

Sua invisibilidade no entanto não o invisibilizava: encadernava-o meticulosa em um corpo e uma voz e uns gestos habituais e alguns tiques nervosos que, aparentemente, eram ele mesmo. Por isso não é verdade que não o veriam. Viam, isto sim, aquela casca reproduzindo com perfeição o externo dele. Tão perfeito que ao menos provocava suspeitas aumentando a

pausas entre as palavras, demorando o olhar, ralen-
tando o passo daquele falso corpo. Atrás da casca,
porém, o cristal incandescia. Debaixo da terra, fogo-
fátuo soterrado tão profundamente que a pele nem
reluzia.

Alguma coisa que jamais teria, e tão consciente
estava dessa para sempre ausência que, por paradoxal
que pareça, era completo nesse estado de carência
plena. Isso acontecia apenas quando dentro Dela, pois
ao desembarcar, freqüentemente, ao invés de sorrir ou
fazer coisas, limitava-se a chorar penoso como se ape-
nas a dor fosse capaz de devolvê-lo ao estágio anterior.
A dor desconsoada e inconsolável, em soluços que o
sacudiam cada vez mais fortemente, a cada um deles
partindo-se a casca, quebrando-se a moldura, rachan-
do-se o vidro, apagando-se o fogo.

Como uma outra espécie de felicidade, esse de-
sembarçar-se de uma também felicidade. Emerso,
chafurdava em emoções: tinha desejos violentos, pe-
quenas gulas, urgências perigosas, enternecimentos
melados, ódios virulentos, tesões insaciáveis. Ouvia
canções lamentosas, bebia para despertar fantasmas
distraindos, relia ou escrevia cartas apaixonadas, trans-
bordantes de rosas e abismos. Exausto, então, afo-
gava-se num sono por vezes sem sonhos, por vezes —
quando o ensaio geral das emoções artificialmente
provocadas (mas que um dia, em outro plano, esse da
terra onde, supunha, gostava de pisar, aconteceriam
realmente) não era suficiente — povoado com répteis
frios, a tentar enlaçá-lo com tentáculos pegajosos e
verdes olhos de pupilas verticais.

Não saberia dizer com certeza como nem quando
aconteceu. Mas um dia — um certo dia, um dia
qualquer, um dia banal — deu-se conta de que. Não,
realmente não saberia dizer ao menos do que se deu
conta. Mas foi assim: olhando-se ao espelho, pela
manhã, percebeu o claro reflexo esverdeado. Está de
volta, pensou. E no mesmo instante, tão imediata-
mente seguinte que confundiu-se com o anterior, can-
tava, novamente ele mesmo. No segundo verso, pe-
quena contração, tinha novamente entre os dedos o

caco de vidro luminoso. Mas antes que a mão san-
grasse, havia preparado um drinque e bebia lento,
todo intenso. E antes de engolir o líquido, seu corpo
ganhou vértices súbitos, emoldurando o desenho de
um rosto apoiado sobre uma das mãos, olhos fixos na
distância.

Foi um dia movimentado, aquele. Sua casca par-
tia-se e refazia-se, entardecer sombrio e meio-dia ce-
gante, intercalados. Fumou demais, sem terminar ne-
nhum cigarro. Bebeu muitos cafés, deixando restos no
fundo das xícaras. Exaltou-se. Ausentou-se. No inter-
valos-da ausência distraía-se, entre susto e fascínio,
em chamá-la também de A Grande Indiferença, ou A
Grande Ausência, ou A Grande Partida, ou A Gran-
de, ou A, ou. Na tentativa ou esperança, quem sabe,
de conseguindo nomeá-la conseguir também con-
trolá-la.

Não conseguiu. Desimportou-se com isso. To-
mado a intervalos pelo anônimo, atravessou a tarde,
varou a noite, entrou madrugada adentro para encon-
trar a manhã seguinte, e outra tarde, e outra noite
ainda, e nova madrugada, e assim por diante. Du-
rante anos. Até as temporadas ficarem grisalhas e afun-
darem os sulcos em torno dos lábios. Houvesse uma
pausa, teria pedido ajuda, embora não soubesse ao
certo a quem nem como. Não houve. Mas porque as
coisas são mesmo assim, talvez por certa magia, pre-
destinações, caminhos ou simplesmente acaso, quem
saberá, ou ainda por ser natural que assim fosse,
menos que natural, inevitável, fatalidades, trágicos
encantos — houve um dia, marco, em que o tocaram
de leve no ombro.

Ele olhou para o lado. Do lado havia Outra
Pessoa. A Outra Pessoa o olhava com cuidadosos olhos
castanhos. Os cuidadosos olhos castanhos eram mor-
nos, levemente preocupados, um pouco expectantes.
As transformações tinham-se tornado tão rápidas que,
no primeiro momento, não soube dizer se a Outra
Pessoa via a ele ou a Ela, se se dirigia à moldura, à
casca, ao cristal ou ao desenho, ao corpo original, às
gotas de sangue. Isso, num primeiro momento. Num

segundo, teve certeza absoluta que se tinha desinvisibilizado. A Outra Pessoa olhava para uma coisa que era ele mesmo. Ele mesmo olhava para uma coisa que era Outra Pessoa. O coração dele batia, cheio de sangue. Pousada sobre seu ombro, a mão da Outra Pessoa tinha veias cheias de sangue, latejando suaves. Alguma coisa explodiu, partida em cacos. A partir de então, tudo ficou ainda mais complicado. E mais real.

Sargento Garcia

À memória de Luiza Felpuda

Prémio Status de Literatura 1980.

I

— HERMES — o rebenque estalou contra a madeira gasta da mesa. Ele repetiu mais alto, quase gritando, quase com raiva: — Eu chamei Hermes. Quem é essa lorpa?

Avancei do fundo da sala.

— Sou eu.

— Sou eu, meu sargento. Repita.

Os outros olhavam, nus como eu. Só se ouvia o ruído das pás do ventilador girando enferrujadas no teto, mas eu sabia que riam baixinho, cutucando-se excitados. Atrás dele, a parede de reboco descascado, a janela pintada de azul-marinho aberta sobre um pátio cheio de cinamomos caídos de branco até a metade. Nenhum vento nas copas imóveis. E moscas amolecidas pelo calor, tão tontas que se chocavam no ar, entre o cheiro de bosta quente de cavalo e corpos sujos de machos. De repente, mais nu que os outros, eu: no centro da sala. O suor escorria pelos sovacos.

— Ficou surdo, idiota?

— Não. Não, não, seu sargento.

— *Meu* sargento.

— Meu sargento.

— Por que não respondeu quando chamei?

— Não ouvi. Desculpe, eu...

— Não ouvi, meu sargento. Repita.

— Não ouvi. Meu sargento.

Parecia divertido, o olho verde frio, de cobra, quase oculto sob as sobrancelhas unidas em ângulo agudo sobre o nariz. Começava a odiar aquele bigode grosso como um manduruvá cabeludo rastejando em volta da boca, cortina de veludo negro entreaberta sobre os lábios molhados.

— Tem cera nos ouvidos, pamonha?

Olhou em volta, pedindo aprovação, dando licença. Um alívio percorreu a sala. Os homens riam livremente, agora. Podia ver, à minha direita, o ale-mão de costela quebrada, a ponta quase furando a barriga sacudida por um riso banguela. E o saco murcho do crioulo parrudo.

— Não, meu sargento.

— E no rabo?

Surpreso, suspenso, o coro de risos. As pás do ventilador voltaram a arranhar o silêncio, feito filme de mocinho, um segundo antes do tiro. Ele olhou os homens, um a um. O riso recomeçou, estridente. A ponta da costela vibrava no ar, *um acidente no roça, com minha irmón*. Imóveis, as folhas bem de cima dos cinamomos. O saco murcho, como se não houvesse nada dentro, *faixa preta, morou?* Uma mosca esvoaçou perto do meu olho. Pisquei.

— Esquece. E não pisca, bocó. Só quando eu mandar.

Levantou-se e veio vindo devagar em minha direção. A camiseta branca, com grandes manchas de suor embaixo dos braços peludos, cruzados sobre o peito, a ponta do rebenque curto de montaria, ereto e tenso, batendo ritmicamente nos cabelos quase raspados, duros de brilhantina, colados ao crânio. Num salto, o rebenque enveredou em direção à minha cara, desviou-se a menos de um palmo, zunindo, para bater com força nas botas. Estremeci. Era ridícula a sensação de minha bunda exposta, branca e provavelmente trêmula, na frente daquela meia dúzia de ho-

mens pelados. O manduruvá contrain-se, lesma respingada de sal, a cortina afastou-se para um lado. Um brilho de ouro dançou sobre o canino.

— Está com medo, molóide?

— Não, meu sargento. É que...

O rebenque estalou outra vez na bota. Couro contra couro. Seco. A sala inteira pareceu tremer corrigo. Na parede, o retrato de Castello Branco oscilou. Os risos cessaram. Mas, junto com o zumbido de sangue quente na minha cabeça, as pás ferrugentas do ventilador e o vôo gordo das moscas, localizava também um ofegar sebo, nojento. Os outros esperavam. Eu esperava. Era assim um cristão na arena? pensei sem querer. O leão brincando com a vítima, patas vadias, antes de desferir o golpe mortal.

— Quem fala aqui sou eu, correto?

— Correto, sargento. Meu sargento.

— Limite-se a dizer *sim, meu sargento*, ou *não, meu sargento*. Correto?

— Sim, meu sargento.

Muito perto. Cheiro de suor de gente e cavalo, bosta quente, alfafa, cigarro e brilhantina. Sem mover a cabeça, senti seus olhos de cobra percorrendo meu corpo inteiro, vagarosamente. Leão entendido, geral espartano, tão minucioso que podia descobrir a cicatriz de arame farpado escondida na minha coxa direita, os três pontos de uma pedrada, entre os cabelos, e pequenas marcas, mesmo as que eu desconhecia, todas as verrugas e os sinais mais secretos da minha pele. Moveu o cigarro com os dentes. A brasa quente passou raspando junto à minha face. O mamilo do peito saliente roçou meu ombro. Voltei a estremecer.

— Mocinho delicado, hein? É daqueles bem-educados, é? Se te pego num cortado brabo, tu vai ver o que é bom pra tosse, perobão.

Os homens remexiam-se, inquietos. Romanos, queriam sangue. O rebenque, a bota.

— Sen-tido!

Estiquei a coluna. O pescoço doía, retesado. As mãos pareciam feitas apenas de ossos crispados, sem

pele, carne nem músculos. Pisou o cigarro com o salto da bota. Cuspiu de lado.

— Descan-sar!

Girou rápido sobre os calcanhares, voltando para a mesa. Cruzei as mãos nas costas, tentando inutilmente esconder a bunda nua. Além da copa dos cinamomos, o céu azul não tinha nenhuma nuvem. Mas lá embaixo, na banda do rio, o horizonte começava a ficar avermelhado. Com um tapa, alguém esmagou uma mosca.

— Silêncio, idiotas!

Olhou para o meu peito. Baixou os olhos. Um pouco mais.

— Então tu é que é o tal de Hermes?

— Sim, meu sargento.

— Tem certeza?

— Sim, meu sargento.

— Mas de onde foi que tu tirou esse nome?

— Não sei, meu sargento.

Sorriu. Presenti o ataque. Sempre vencida. E quase admirei a sua capacidade de comandar as reações daquela manada bruta da qual, para ele, eu devia fazer parte, presa suculenta, carne indefesa e fraca. Como um idiota, pensei em Deborah Kerr no meio dos leões, cinemascopo, cor de luxe, túnica branca, rosas nas mãos, um quadro antigo na casa de minha avó, Cecília entre os leões, ou Jean Simmons, figura de catecismo, os-cristãos-eram-obrigados-a-negar-sua-fé-sob-pena-de-morte, o padre Lima casou com a filha do barbeiro, que deve ter virado mula-sem-cabeça, a filha, não o padre, nem o barbeiro. O silêncio crescendo. Um cavalo esmolambado cruzou o espaço vazio da janela, palco, tela, minha cabeça galopava, Steve Reeves ou Víctor Macture, sozinho na arena, estrangulando o leão, os cantos da boca, não era assim, as-comissuras-dos-lábios-voltadas-para-baixo-num-esforço-hercúleo, o trigo venceu a ferocidade do monstro de guampas. A mosca pousou bem na ponta do meu nariz.

— Por acaso tu é filho das macegas?

Minha cara incendiava. Ele apagou o cigarro

dentro do pequeno capacete militar invertido, sustentado por três espingardas cruzadas. E me olhou de frente, firme, pela primeira vez, fundo, sobranceiras agudas sobre o nariz, forte, um falcão atento à presa. A mosca levantou vôo da ponta do nariz. Não me fira, pensei com força, tenho dezesete anos, gosto de desenhá-lo, meu quarto tem um Anjo da Guarda com a moldura quebrada, a janela dá para um jasmineiro, no verão eu fico tonto, meu sargento, me dá assim como um nojo doce, a noite inteira, todas as noites, todo o verão, vezenuquando saio nu na janela com uma coisa que não entendo direito acontecendo nas minhas veias, depois abro *As Mil e Uma Noites* e tento ler, meu sargento, *sois um bom devixe, habituado a uma vida tranquilla, distante dos cuidados do mundo*, na manhã seguinte minha mãe diz sempre que tenho olheiras, bate na porta quando vou ao banheiro e repete repete que aquele disco da Nara Leão é muito chato, que eu devia parar de desenhá-lo tanto, porque já tenho dezesete anos e nenhuma vergonha na cara, meu sargento, nenhum amigo, meu sargento, só esta tontura seca de estar começando a viver, todas as manhãs, meu sargento, para todo o sempre, amém. Feito cometas, faíscas cruzaram na frente dos meus olhos. Tive medo de cair. Mas as folhas mais altas dos cinamomos começaram a se mover. O sol quase caindo no Guatba. E não sei se pelo olhar dele, se pelo nariz livre da mosca, pela minha história, pela brisa vinda do rio ou puro cansaço, parei de odiá-lo naquele exato momento. Como quem muda uma estação de rádio. Esta, sentia impreciso, sem interferências.

— Pois, seu Hermes, então tu é o tal que tem pé chato, taquicardia e pressão baixa? O médico me disse. Arrimo de família, também?

— Sim, meu sargento — menti apressado, o médico amigo de meu pai. Uma suspeita cruzou minha cabeça: se descobrisse? Mas tive certeza: ele já sabia. O tempo todo. Desde o começo. Movimentei os ombros. Mais leves. Olhei fundo no fundo frio do olho dele.

— Trabalha?

- Sim, meu sargento — menti outra vez.
- Onde?
- Num escritório.
- Estudada?
- Sim, meu sargento.
- O quê?
- Pré-Vestibular, meu sargento.
- Vai fazer o quê? Engenharia, Direito, Medicina?

— Não, meu sargento.

— Odontologia? Agronomia? Veterinária?

— Filosofia, meu sargento.

Uma corrente tensa percorreu os outros. Esperei que atacasse novamente. Ou risse. Tornou a me examinar, lento. Respeito, aquillo? Ou pena? O olhar se deteve, abaixo do meu umbigo. Acendeu outro cigarro. Continental sem filtro, eu podia ver, com o isqueiro em forma de bala. Espiou pela janela. Devia ter visto o céu avermelhado sobre o rio, o laranja do céu, o quase roxo das nuvens amontoadas no horizonte. Voltou os olhos para mim. Pupilas tão contraídas que o verde parecia vidro liso, fácil de quebrar.

— Pois seu filósofo, o senhor está dispensado de servir à Pátria. Seu certificado fica pronto daqui a três meses. Pode se vestir. — Olhou em volta, o alemão, o crioulo. — E vocês, seus analfabetos, criem vergonha nessas caras porcas e mireem-se no exemplo aí do moço. Como se não bastasse ser arrimo de família, ainda vai sair um dia filosofando por aí, enquanto vocês vão continuar pastando até a morte.

Caminhei para a porta, tão vitorioso que meu passo era uma folha vadia, dançando na brisa da tardezinha. Abriam caminho para que eu passasse, lerdos, vencidos. Antes de entrar na outra sala, ouvi o rebenque estalando contra a bota.

— Sen-tí-doi! Estão pensando que isso aqui é o cu da mãe Joana?

II

Parado no portão de ferro, olhei direto para o sol. Meu truque antigo: o em volta tão claro que atingia seu oposto e se tornava escuro, enchendo-se de sombras e reflexos que se uniam aos poucos, organizando-se em forma de objetos, ou apenas dançavam, soltos no espaço à minha frente, sem formar coisa alguma. Eram esses que me interessavam, os que dançavam vadios no ar, sem fazer parte das nuvens, das árvores nem das casas. Eu não sabia para onde iam, depois que meu olho novamente acostumado à luz colocava cada coisa em seu lugar, assim: casa — paredes, janelas e portas; árvores — tronco, galhos e folhas; nuvem — fiapos estirados ou embolados, vezenguando brancos, vezenguando coloridos. Cada coisa, cada coisa: inteira, na união de todas as suas infinitas partes. Mas e a sombra e os reflexos, esses que não se integravam em forma alguma, onde ficavam guardados? Para onde ia a parte das coisas que não cabia na própria coisa? Para o fundo do meu olho, esperando o ofuscamento para vir outra vez à tona? Ou entre as próprias coisas-coisas, no espaço vazio entre o fim de uma parte e o começo de outra? Como um por trás do real, feito espírito de sombra ou luz, claro-escuro escondido no mais de-dentro de um tronco ou no pequeno espaço entre um tijolo e outro ou no meio de dois fiapos de nuvem — onde? As cigarras chiavam no pátio. Respirei fundo, erguendo um pouco os ombros para engolir mais ar. Meu corpo inteiro nunca tinha me parecido tão novo. Comecei a descer o morro, o quartel ficando para trás. Bola de fogo suspensa, o sol sobre o rio. Sacudi um pé de jasmim-do-cabo, a chuva adocicada despençou na minha cabeça. Na primeira curva, o Chevrolet antigo parou a meu lado. Como um grande morcego cinza.

— Vai pra cidade?

Como se estivesse surpreso, espiei para dentro. Ele estava debruçado na janela, o sol invadindo o meio sorriso, fazendo brilhar o remendo dourado no canino esquerdo.

— Quer carona?

— Vou tomar o bonde logo ali na Azenha.

— Te deixo lá — disse. E abriu a porta do carro. Entrei. O cigarro moveu-se de um lado para outro da boca, enquanto a mão engatava a primeira. Um vento entrando pela janela fazia meu cabelo voar. Ele segurou o cigarro, Continental sem filtro, eu tinha visto, entre o polegar e o indicador amarelados, cuspiu pela janela, depois me olhou.

— Ficou com medo de mim?

Não era mais leão, nem general espartano. A voz macia, um homem comum sentado na direção de seu carro. Tirei do bolso a caixinha de chicletes, abri devagar, sem oferecer. Mastiguei. A carnada de acúcar partiu-se, uma coisa gelada abriu minha garganta. Engoli o vento.

— Não sei — e quase acrescentei *meu sargento*. Sorri por dentro. — Bom, no começo fiquei um pouco. Depois vi que o senhor estava do meu lado.

— Senhor, não. Garcia, a bagualada toda me chama de Garcia. Luiz Garcia de Souza. Sargento Garcia. — Simulou uma continência, tornou a cuspir, tirando primeiro o cigarro da boca. — Quer dizer então que tu achou que eu estava do teu lado. — Eu quis dizer qualquer coisa, mas ele não deixou. O carro chegava ao fim do morro. — É que logo vi que tu era diferente do resto. — Olhou para mim. Sem frio nem medo, me encolhi no banco. — Tenho que lidar com gente grossa o dia inteiro. Nem te conto. Aí quando aparece um moço mais fino, assim que nem tu, a gente logo vê. — Passou os dedos no bigode. — Então quer dizer que tu vai ser filósofo, é? Mas me conta, qual é a tua filosofia de vida?

O chiclete agora era uma pasta branca cheia de casquinhas quebradiças entre meus dentes.

— De vida? Não sei, outro dia andei lendo um cara aí. Leibniz, aquele das mônadas, conhece?

— Das o quê?

Me ajitei no banco.

— As mônadas. É um cara aí, dizia que tudo no Universo são. Assim como janelas fechadas, como

caixas. Mônadas, entende? Separadas umas das outras. — Franziu a testa. Interessado. Ou sem entender nada. Continuei. — Incomunicáveis, entende? Uma coisa assim meio sem ter nada a ver umas com as outras.

— Tudo?

— É, tudo. As casas, as pessoas, cada uma delas. Os animais, as plantas, tudo. Cada um, uma mônada. Fechada.

Pisou no freio. Estendi as mãos para a frente. Pareceu não ver.

— Mas tu acredita mesmo nisso?

— Eu acho que.

— Pois pra te falar a verdade, eu aqui não entendo desses troços. Passo o dia inteiro naquele quartel, com aquela bagualada mais grossa que dedo des-troncado. E com eles a gente tem é que tratar assim mesmo, no braço, trazer ali, no cabresto, de rédea curta, senão te montam pelo cargote e a vida vira um inferno. Não tenho tempo pra perder pensando nessas coisas aí de Universo. Mas acho bacana. — A voz amaciou, depois tornou a endurecer. — Minha filosofia de vida é simples: pisa nos outros antes que te pisem. Não tem essas mônicas daí. Mas tu tem muita estrada pela frente, guri. Sabe que idade eu tenho? — Examinou meu rosto. Eu não disse nada. — Pois tenho trinta e três. Do teu tamanho andava por aí meio desorientado, matando contrabandista na fronteira. O quartel é que me pôs nos eixos, senão tinha virado bandido. A vida me ensinou a ser um cara aberto. Admito tudo. Só não agüento comunista. Mas graças a Deus a revolução já deu um jeito nesse putedo todo. Aprendi a me virar, seu filósofo. A me defender no braço e no grito. — Jogou fora o cigarro. A voz macia outra vez. — Mas contigo é diferente.

Mastiguei com mais força o chiclete.

— Diferente como?

Olhava direto para mim. Embora o vento entrasse pela janela aberta, uma coisa morna tinha se instalado dentro do carro, naquele ar enfumacado

entre ele e eu. Podia haver pontes entre as mônadas, pensei. Emordi a ponta da língua.

— Assim, um moço fino, educado. Bonito. — Fez uma curva mais rápida. O pneu guinchou. — Escuta, tu tem mesmo que ir embora agora já?

— Agora, já-já, não. Mas se eu chegar em casa muito tarde minha mãe fica uma fúria.

Mais duas quadras e chegaríamos no ponto do bonde, em frente ao cinema Castelo. Bem depressa, tinha que dizer ou fazer alguma coisa, só não sabia o quê, meu coração galopava esquisito, as mãos molhadas. Olhei para ele. Continuava olhando para mim: As casas baixas da Azenha passavam amontoadas, meio caídas umas sobre as outras, uma parede rosa, uma janela azul, uma porta verde, um gato preto numa janela branca, uma mulher de lenço amarelo na cabeça, chamando alguém, a lomba do cemitério, uma menina pulando corda, os ciprestes ficando para trás. Estendeu a mão. Achei que ia fazer uma mudança, mas os dedos desviaram da alavanca para pousar sobre a minha coxa.

— Escuta, tu não tá a fim de dar uma chegadainha comigo num lugar aí?

— Que lugar? — temi que a voz desaffinasse. Mas saiu firme.

Aranha lenta, a mão subiu mais, deslizou pela parte interna da coxa. E apertou, quente.

— Um lugar aí, coisa fina. A gente pode ficar mais à vontade, sabe como é. Ninguém incomoda.

Quer?

Tínhamos ultrapassado o ponto do bonde. Bem no fundo, lá onde o riacho encontrava com o Guaíba, só a parte superior do sol estava fora d'água. Devia estar amanhecendo no Japão — antípodas, mônadas —, nessa hora eu sempre pensava assim. Me vinha a sensação de que o mundo era enorme, cheio de coisas desconhecidas. Boas nem más. Coisas soltas, feitos aqueles reflexos e sombras, metidos no meio de outras coisas, como se nem existissem, esperando só a hora de a gente ficar ofuscado para sair flutuando no meio do que se podia tocar. Assim: dentro do que se

podia tocar, escondido, vivia também o que só era visível quando o olho ficava tão inundado de luz que enxergava esse invisível no meio do tocável. Eu não sabia.

— Me dá um cigarro — pedi. Ele acendeu. Tossi. Meu pai com o cinturão dobrado, agora tu vai me fumar todo esse maço, desgraçado, parece filho de bagaceira. A mão quente subiu mais, afastou a camisa, um dedo entrou no meu umbigo, apertou, juntou-se aos outros, aranha peluda, tornou a baixar, caminhando entre as minhas pernas.

— Claro que quer. Estou vendo que tu não quer outra coisa, guri.

Pegou na minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, rijo. Quase estourando a calça verde. Moveu-se, quando toquei. E inchou mais. Cavidades-porosas-que-se-enchem-de-sangue-quando-excitadas. Meu primo gritou na minha cara: maricão, mariquinha. O vento descabelava o verde da Redenção, os coqueiros da João Pessoa. Mariquinha, maricão, quíá-quíá-quíá. E não, eu não sabia.

— Nunca fiz isso.

Parecia contente.

— Mas não me diga. Nunca? Nem quando era piá? Uma sacanagemzinha ali, na beira da sanga? Nem com mulher? Com china de zona? Não acredito. Nem nunca barranqueou égua? Tamanho homem.

— É verdade.

Diminiu a marcha.

— Pois eu te ensino. Quer?

Traguei fundo. Uma tonitura me subiu na cabeça. De dentro das casas, das árvores e das nuvens, as sombras e os reflexos guardados espriavam, esperando que eu olhasse outra vez direto para o sol. Mas ele já tinha caído no rio. Durante a noite, os pontos de luz dormiam quietos, escondidos, guardados no meio das coisas. Ninguém sabia. Nem eu.

— Quero — eu disse.

III

Vontade de parar, mas tinha um andar incontrólavel nas pernas, a cabeça em várias direções, subindo a ladeira atrás dele, tu sabe como é, tem sempre gente espiando a vida alheia, melhor eu ir na frente, no portão azul, vem vindo devagar, como se não me conhecesse, como senunca tivesse me visto em toda a tua vida. Como se nunca o tivesse visto em toda a minha vida, seguindo aquela mancha verde, mãos nos bolsos, cigarro aceso, de repente sumindo portão adentro, com um rápido olhar para trás, gancho que me fisingava. Mergulhei atrás dele. Subi os degraus de cimento, empurrei a portã entreaberta, madeira velha, vidro rachado, penetrei na sala escura, com cheiro de mofo e cigarro, flores murchas boiando em água viscosa.

— O de sempre, então? — ela perguntava, e quase imediatamente corrigi, dentro da minha cabeça, olhando melhor, e mais atento, ele, dentro de um robe colorido, desses meio estofadinhos, cheio de manchas vermelhas, não sei se tomate, batom ou sangue. — O senhor, hein, sargento? — piscou íntimo, íntima, para o sargento, para mim. — Esta é a vítima?

— Conhece a Isadora?

A mão molhada, cheia de anéis, as longas unhas vermelhas, meio descascadas, como a porta. Apertei. Ela ri.

— Isadora, queridinho. Nunca ouviu falar? Isadora Duncan, a bailarina. Uma mulher finíssima, má-ravilhosa, a minha ídola, eu adoro tanto que adotei o nome. Já pensou se eu usasse o Valdemir que minha mãezinha me deu? Coitadinha, tão bem intencionada. Mas o nome, ai, o nome. Coisa mais catona. Aí mudei. Se deus quiser, um dia ainda vou morrer estrangulada pela minha própria *écharpe*. Tem coisa mais chique?

— Bacana — eu disse.

O sargento ria, estregando as mãos.

— Não repare, Isadora. Ele está meio encabulado. Diz que é a primeira vez.

— Nossa. Taludinho assim. E nunca fez, é? Nunquinha? — A mão no meu ombro, pedra de anel arranhando leve meu pescoço. Revirou os olhos. — Conta a verdade pra tua Isadora, somente a verdade, nada mais que a verdade. Nunca fez? — Tentei sorrir. O canto da minha boca tremou. Falava sem parar, olhinhos meio estrábicos, sombreados de azul. — Mas olha, relaxa que vai dar tudo certinho. Sempre tem uma primeira vez na vida, é um momento histórico, queridinho. Merece até uma comemoração. Uma cachacinha, sargento? Tem aí daquela divina que o senhor gosta.

— O moço tá com pressa.

Isadora piscou, maliciosa, os clios duros de tinta respingando pequenos pontinhos pretos nas faces.

— Pressa? Eu, hein? Sei. Não é todo dia que a gente tem carne fresquinha. De primeira, não é, sargento? — Ele ri. Ela rodou a chave nas mãos e, por um instante, pensei numa baliza, na frente de um desfile de sete de setembro, jogando para o alto um pequeno bastão cheio de fitas coloridas. — Tá bem, tá bem. Vou levar os pombinhos para a suíte nupcial. Que tal o quarto sete? Número da sorte, não é? Afinal, a primeira vez é uma só na vida. — Passou por mim, enfiando-se no corredor. — Tenho certeza que o mocinho vai adorar, ficar freguês de caderno. Ninguém esquece uma mulher como Isadora.

O sargento me empurrou. Entre a farda verde e o robe cheio de manchas, imprensado no corredor estreito, eu. Isadora cantava, *que queres tu de mim que fazes junto a mim se tudo está perdido amor?* Um ruído seco, ferro contra ferro. A cama com lençóis encardidos, um rolo de papel higiênico cor-de-rosa sobre o caixote que servia de mesinha de cabeceira. Isadora enfiou a cabeça despenteada pelo vão da porta.

— Divirtam-se, crianças. Só não gritem muito, senão os vizinhos ficam umas feras.

A cabeça desapareceu. A porta fechou. Sentei na cama, mãos nos bolsos. Ele chegou muito perto. Volume esticando a calça, bem próximo do meu rosto. O cheiro, cigarro, suor, bosta de cavalo. Enfiou a mão pela gola da minha camisa, baixou os dedos, beliscou o mamilo. Estremeci. Gozo, nojo ou medo, não sabia. Os olhos dele se contraíram.

— Tira a roupa.

Joguei as peças, uma por uma, sobre o assoalho sujo. Deitei de costas. Fechei os olhos. Ardiam, como se tivesse acordado de manhã muito cedo. Então um corpo pesado caiu sobre o meu e uma boca molhada, uma boca funda feito poço, uma língua ágil lambeu meu pescoço, entrou no ouvido, enfiou-se pela minha boca, um choque seco de dentes, ferro contra ferro, enquanto dedos habéis desciam por minhas virilhas, inventando um caminho novo. *Que culpa tenho eu se até o pranto que chorei se foi por ti não sei* — a voz de Isadora vinha de longe, como se saísse de dentro de um aquário, Isadora afogada, a maquiagem detretida colorindo a água, a voz aguda misturada com gemidos, metendo-se entre aquele bafo morno, cigarro, suor, bosta de cavalo, que agora, comandava meus movimentos, virando-me de bruços sobre a cama. O cheiro azedo dos lençóis. Tranquei a respiração. Os olhos abertos, vi a trama grossa do tecido. Com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. Punhal em brasa, farpa, lança afiada. Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Empurrou, gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escureidão de uma caverna escondida, há muitos anos, uma caverna secreta. Mordeu minha nuca. Com o corpo, procurei jogá-lo para fora de mim.

— Seu puto — ele gemeu. — Yeadinho sujo. Bichinhalouca.

Agarrei o travesseiro com as duas mãos e, num arranco, consegui deitar novamente de costas. Minha cara roçou contra a barba dele. Tornei a ouvir a voz de Isadora, *que mais me podes dar que mais me tens a dar a marca de uma nova dor*. Molhada, nervosa, a

língua voltou a entrar no meu ouvido. As mãos agarraram minha cintura. Comprimi o corpo inteiro contra o meu. Podia sentir os pêlos molhados do peito dele melando a minha pele. Quis empurrá-lo outra vez mas, entre o pensamento e o gesto, ele juntou-se ainda mais a mim, e depois um gemido mais fundo, e depois um estremecimento no corpo inteiro, e depois um líquido grosso morno viscoso espalhou-se pela minha barriga. Ele soltou o corpo. Como um saco de areia úmida jogado sobre mim.

A madeira amarela do teto, eu vi, o fio comprido, o bico de luz na ponta, suspenso, apagado. Aquele cheiro adocicado boiando na penumbra cinza do quarto.

Quando estendeu a mão para o rolo de papel higiênico, consegui deslizar o corpo pela beirada da cama e, de repente, estava no meio do quarto, enfiando a roupa, abrindo a porta, olhando para trás a tempo de vê-lo passar um pedaço de papel pela própria barriga, uma farda verde em cima da cadeira, ao lado das botas negras, brilhantes, e antes que erguesse os olhos afundi no túnel escuro do corredor, a sala deserta com suas folhas podres, a voz de Isadora ainda mais remota, *se foi por ti não sei*, barulho de copos na cozinha, o vidro rachado, a madeira descascada da porta, os quatro degraus de cimento, o portão azul, alguém gritando alguma coisa, mas longe, tão longe como se eu estivesse na janela de um trem em movimento, tentando apanhar um farrapo de voz na plataforma da estação cada vez mais recuada, sem conseguir juntar os sons em palavras, como uma língua estrangeira, como uma língua molhada, nervosa entrando rápida pelo mais secreto de mim para acordar alguma coisa que não devia acordar nunca, que não devia abrir os olhos nem sentir cheiros nem gostos nem tatos, uma coisa que devia permanecer para sempre surda cega muda naquele mais de dentro de mim, como os reflexos escondidos, que nenhum ofuscada amorçada ali no fundo pantanoso de mim, feito bicho numa jaula fedida, entre grades e ferragens,

quieta, domada, fera esquecida da própria ferocidade, para sempre e sempre assim.

Embora eu soubesse que, uma vez desperta, não voltaria a dormir.

Dobrei a esquina, passei na frente do colégio, sentei na praça onde as luzes recém-começavam a acender. A bunda nua de pedra da estátua. Zeus. Zeus ou Júpiter, repeti. Enumerei: Pallas-Athena ou Minerva, Poseidon ou Netuno, Hades ou Plutão, Afrodite ou Vênus, Hermes ou Mercúrio. Hermes, repeti, o mensageiro dos deuses, ladrão e andrógino. Nada doía. Eu não sentia nada. Tocando o pulso com os dedos podia perceber as batidas do coração. O ar entrava e saía, lavando os pulmões. Por cima das árvores do parque ainda era possível ver algumas nuvens avermelhadas, o rosa virando roxo e cinza, até o azul mais escuro e o negro da noite. Vai chover amanhã, pensei, vai cair tanta e tanta chuva que será como se a cidade toda tomasse banho. As sarjetas, os bueiros, os esgotos levariam para o rio todo o pó, toda a lama, toda a merda de todas as ruas.

Queria dançar sobre os canteiros, cheio de uma alegria tão maldita que os passantes jamais compreenderiam. Mas não sentia nada. Era assim, então. E ninguém me conhecia.

Subi correndo no primeiro bonde, sem esperar que parasse, sem saber para onde ia. Meu caminho, pensei confuso, meu caminho não cabe nos trilhos de um bonde. Pedi passagem, sentei, estiquei as pernas. Porque ninguém esquece uma mulher como Isadora, repeti sem entender. Debruçado na janela aberta, olhando as casas e os verdes do Bonfim. Eu não o conhecia. Eu nunca o tinha visto em toda a minha vida. Uma vez desperta não voltará a dormir. O bonde guinchou na curva. Amanhã, decidi, amanhã sem falta começo a fumar.

Fotografias

Para Maria Adelaide Amaral

— "Desejo uma fotografia
como esta — o senhor vê? — como esta:
(...)"

*Não... neste espaço que ainda resta
ponha uma cadeira vazia."*

(Cecília Meirelles: *Encomenda*)

18 X 24: GLADYS

SOU UMA LOURA TRINTONA E GOSTOSA, dezoito por vinte e quatro, como se dizia antigamente, mas só repito essas expressões comigo mesma, aprendi que a gente entrega o tempo com lembranças assim, por isso sempre contendo um susto que me afoga o peito quando por acaso escuto Anísio Silva, Gregório Barrios, porque além de trintona e gostosa sou também moderna e extrovertida. daquelas louras que permanecem até o fim e o depois de qualquer coquetel, e há tantos coquetéis e tantos, principalmente, depois de coquetéis na minha vida, sempre repito ao espelho, passando as mãos bem tratadas, de longas unhas ciclâmen, pelas fartas curvas perigosas da carne opulenta que Deus me deu e só ele sabe a quantas duras penas mantenho firme e fresca: sou uma loura coquete que adora coquetéis, onde costume degustar dulcíssimos martinis com cerejas, jamais azeitonas, detesto o amargo, minha boca de insuspeitadas próteses foi feita apenas para saborear doçuras. Com as impetuosas unhas ciclâmen bato veloz nas teclas da minha IBM de secretária efficientíssima, a coluna bem ereta, realçando o arrogante relevo do busto que já mereceu,

em idos tempos, a disputada faixa de Miss Suéter, acentuado ainda mais pelas malhas justas, nem sempre decotadas, porque aos poucos a vida me foi ensinando que a luxúria reside menos na exibição integral do que naquela breve nesga de carne mal e mal entrevista entre a luva e a manga, e tenho meus sutis pudores: cruzo as pernas ardilosa, para que esse instante fugaz em que minha intimidade quase se revela por inteiro seja feito mais de ardentes expectativas do que de cruas certezas. Não fui, jamais, uma loura óbvia demais, embora esteja à tona de mim: em meu longo conhecimento dos homens, descobri astuciosa que no primeiro roçar de pupilas é preciso prometer absolutamente tudo mas, no prosseguimento desses furtivos contatos, sei esmerar-me nos caprichos e negativas, de uma forma que, quanto mais me esquivo, mais prometo, e mais abundantemente, se é que me entendem: cada *não* saído de meus cristalinhos dentes equivale a dois, dez, duzentos *sims*, mas não agora — te daria já uma turmalina, mas te darei mais tarde uma urna de diamantes. Sou uma loura facilíma, por isso mesmo extremamente difícil: minhas obviedades possuem mapas complexos, os inúmeros *x* apontando o lugar exato do tesouro são quase todos falsos — selvas enaranhadas, lagos infestados de piranhas, crocodilos famintos, pigmeus vorazes, caçadores de cabeça, tigres enfurecidos, ninhos de serpentes, plantas carnívoras, pestes tropicais, febres malignas, curares e tisanas. Mas para bom caçador, e aprendi também a importância de deixar o caçador supor-se caçador quando na verdade é o caçado, eu, pantera astuciosa de garras afiadas, andar felino, ferocidades invisíveis, mas como ia dizendo, sou também uma loura labiríntica em suas próprias tramas, tão densas que freqüentemente surpreendo-me atingindo o ponto oposto ao de minha rota anterior, um bom caçador-caçado sempre sabe como chegar direto ao próprio *x*, que nem sempre é remoto. Só os mais astutos percebem que o *x*, ao invés de perdido entre incontáveis perigos, pode estar à beira do mais manso dos regatos, à sombra da mais florida cerejeira, no mais fresco desvão do mais fértil

dos vales. Para estes, cedo; para estes, quase sem hesitar, escancaro minhas coxas de cetim e sou guia experiente em todos os passos que conduzem aos segredos de minha licorosa caverna; para estes, acendo as luzes dos meus adentros, faço com que as sombras deixem de ser ameaçadoras para se tornarem macias penumbras, veludosas sombras, distendidas com cuidados extremos para secar o suor e matar a sede dos bravos viajantes extenuados por manterem eretas suas ríjias armas de fogo nos roteiros pelas minhas intrincadas entranhas. É verdade que por vezes me perturbo tentando localizar entre esses o Grande Descobridor, qual América na sua nativa solidão, impaciente pelo Colombo que a revele de vez para o mundo, explorando-a até o derradeiro veio de ouro, para torná-la escrava cativa, serra humilhada dos mais brutais colonialismos, para esse me preparo, para esse me burilho e me lapido — e sei que virá. Há duas semanas, uma cigana localizou dois sinais, dois amores, entre a minha linha do coração e o solitário sintético do anular esquerdo, um já vivido, afirmou, e logo lembrei daquele inábil escoteiro que em tempos imemoriais, inconfessáveis sob pena de revelar um coração já marcado pelas intempéries da existência, deixei que ensaiasse em minha exuberante geografia seus hesitantes primeiros passos, e após trinta e seis meses de proveitosa aprendizagem permiti que partisse, disseminando por outras paragens toda a sabedoria que, com trágica paciência e dilacerada alegria, concedi que extipasse de mim, pois sempre soube ser eu, loura febril, nada mais que a primeira, jamais a derradeira, jamais a única, jamais a para-sempre, a escolhida de seu esplêndido ventre juvenil. Chafurdando em abissal solidão, na crise que se sucedeu, mergulhada em fugas barbitúricas, oceanos de gin, telefonemas noturnos em desespero, perambulações sedentas por todas as vielas pecaminosas do prazer, jurei solene nunca mais voltar a ser como que progenitora de meus protegidos, preparando-os para a existência e, após, quedando em frenético abandono. Mas o segundo, e a unha da cigana riscou forte a linha junto à base de meu dedo

mínimo, chegará nos próximos meses, ele, o Grande Descobridor, o tão sabido que nada terei a ensinar-lhe, e tão sabida eu mesma em todas as lições que já prestei que nada terei a aprender de si: seremos infatigável troca de prazeres, tilintar de cristais cintilantes em brindes com o mesmo champãhe, línguas divididas na volúpia, corpos ensandecidos na selvageria dos gestos mais furiosos e mais amenos, entre suores, gemidos, secreções de líquidos abundantes como cachoeiras tropicais, sete quedas, sete orgasmos terei eu, de cada vez que me engolfe em sua ejaculação amazônica. Por ele espero, e desde que a cigana me desvai-rou assim investigo os volumes, os cheiros, os pêlos de todos os homens que ousam aproximar-se do covil da pantera, receando então que uma excessiva ansiedade no fundo das castanhas luas gêmeas de meus olhos possam evidenciar uma sede demasiada para suas mi-soginias. Pelos inúmeros coquetéis onde tenho desfilado meus ardis, observo em desprazer e apreensão meus desbragamentos cada vez mais frequentes nos dulcíssimos martinis; e mastigando incontáveis cerejas temo explodir os limites de meus dezoito por vinte e quatro para transformar-me súbita num *out-door* coloridíssimo, tão escandaloso e tão desesperadamente imenso que não caberia em quarto ou membro algum de qualquer homem. Quando despida e solitária em minha rendada furna, investigo fatigada as novas marcas que o dia passado lavrou inclemente em meu rosto, tenho tido frêmitos próximos da dor, e quando me lanço sobre os lençóis acetinados do leito inutilmente perfumado, sinto que minhas ardências ameaçam arrebentar o negro negligêe, e quando por malícia ou enfado cedo a algum caçador menor, suas estocadas já não despertam meu distraído prazer, x inlo-calizável até para mim mesma, que o dispus no mapa, meu corpo entregelado abriga outros delírios, enquantos sob meus louros cabelos, de raízes implacável e semanalmente descoloridas, desfilam inconfessáveis fantasias com esse Grande Descobridor cuja proximidade adivinho num erigamento que não sei se será presentimento ou puro engano. Por vezes, num misto

de susto e prazer, julgo escutar o ruído dos ramos esmagados sob suas negras botas, enquanto se aproxima entre folhagens, pelas madrugada me engano supondo divisar nas sombras a massa escura e áspera da barba que lanhará meus seios intumescidos. Ê quando odeio a cigana por ter me enlouquecido assim, custo a dormir, envolta em ódio, os dedos arquitetando delícias nos lábios mais recônditos, mas na manhã seguinte não deixo de considerar o noturno coquetel e então, escovando com infinito cuidado meus lourros cabelos, sempre penso que pode ser Hoje. Escolho com cuidado os tules, as pedras, os organdis, os brilhos, e é tão luminosa que enfrento o dia que, apesar das sombras da madrugada, a cada nova manhã os que me vêem passar, soberba e apocalíptica, pisando ereta no topo dos saltos, devem pensar qualquer coisa assim: lá vai uma loura trintona e gostosa, ao certo encontro de seu Grande Descobridor.

3 X 4: LIEGE



SOU MORENA E MAGRINHA, não como qualquer polinésia, nada tenho contra Cecilia, mas também nada tenho de Oriente, sou mais britânica na minha magreza, na minha morenez, sou mais Bronte, qualquer das três. Meu pequeno coração foi gestado numa áspera charneca, gasto os invernos tentando infertilmente descobrir um caminho qualquer sobre a neve que transforma todos os caminhos em um único decaminho gelado e sem porto, tivesse nascido cem anos atrás me fanaria em rendas brancas e hemoptises escarlates, menos por doença que por delicadeza, insuportáveis para meus olhos os escarpados penedos ou a luz clara do meio-dia, envolta em penumbras que amenizassem o duro contorno das coisas, assim me fanaria, com a longa mão transparente estendida para

o aro metálico dos óculos pousados sobre a capa de couro de um romance antigo, cheio de paixões impossíveis. Frente ao espelho, é com recato que tranço meus longos cabelos, enquanto a ponta de meus dedos de unhas curtas, às vezes roídas, acariciam o roxo das olheiras, herança de solitárias insônias. Depois busco um lugar junto à janela, pouse o rosto sobre uma das mãos e vou traçando riscos tristes nas vidraças sempre embaraçadas, por vezes nomes de lugares e gentes que nunca conhecerei, sóis fanados atrás de nuvens ou montanhas, flores doentias, estrelas opacas, talos quebradiços, plátanos desfolhados, olhos profundos, rostos apoiados em mãos magras como as minhas, idêntico enquanto meus dedos riscam e riscam e riscam sem parar. De homens e malícias, pouco sei: meu aprendizado da carne limita-se à gosma gelada que um Estudante depositou entre minhas coxas virginais, junto a um muro descascado, cheio de palavras gravadas a prego, numa sépia tarde outoníca. Até a chegada das próximas regras, temi que houvesse plantado sua brutal semente dentro de mim, de cada vez que cerrava as pálpebras tornava a sentir seu bafo de fera no cio contra meu colo, as pedras do muro ferindo minhas espáduas, a corrida vergonhosa com as meias desabando, os inúmeros banhos, todos os perfumes, todas as colônias, sabonetes, essências que passei pelo corpo para arrancar de minha pele aquele cheiro decarado de animal. Nos transeis mais dolorosos, sempre fui eu a banhar os cadáveres familiares, cortando-lhes os cabelos e as unhas, com infinito carinho, meus mortos todos também foram meus filhos, quando os polia esmerada para que São Pedro não lhes pusesse defeito ao baterem à porta, nada teriam contra mim no Reino dos Céus até minha partida que, rogo consistentemente, seja breve. Mas até hoje o cheiro persiste, embora na chegada do fluxo tenha me embriagado feito demente naquele sangue que assegurava a permanência de minha pureza, deixei-me sangrar livremente durante várias horas, empapando roupas íntimas e lençóis, até estar segura de que nem a mais ínfima gota do líquido vital daquele selvagem havia

maculado minhas entranhas: eu as reivindico brancas como o linho das fronhas, como o cretone dos lençóis, como a renda destas cortinas que o vento sopra contra as violetas nas tardes em que o sol demora a se pôr e o céu inteiro tinge-se de lilás. Não ofereço perigo algum: sou quieta como folha de outono esquecida entre as páginas de um livro, sou definida e clara como o jarro com a bacia de ágata no canto do quarto — se tomada com cuidado, verto água limpa sobre as mãos para que se possa refrescar o rosto mas, se tocada por dedos bruscos, num segundo me estilhaço em cacos, me estafarelo em poeira dourada. Tenho pensado se não guardarei indistarcáveis remendos das muitas quedas, dos muitos toques, embora sempre os tenha evitado aprendi que minhas delicadezas nem sempre são suficientes para despertar a suavidade alheia, mesmo assim insisto: meus gestos, minhas palavras são magrinhos como eu, e tão morenos que, esboçados à sombra, mal se destacam do escuro, quase imperceptível me movo, meus passos são inaudíveis feito pisasse sempre sobre tapetes, impresentida, mãos tão leves que uma carícia minha, se porventura a fizesse, seria mais branda que a brisa da tardezinha. Para beber, além do chá, raramente admito um cálice de vinho branco, mas que seja seco para não esbrasear em excesso minha garganta em ardores que, temo, poderiam descontrolar-se além do limite imposto pela pudicícia, e para vestir, além do branco, admito apenas o cinza e o bege, raramente o preto, demasiado dramático para quem busca integrar-se ao fundo, não destacar-se, poucas vezes ouso o bordô, contudo me agrada o sangue coagulado de seus tons, lembrando dores para sempre pacificadas na sua estagnação, e nunca me atrevi aos azuis, iluminados demais para minha severidade. Nas folhas que datilografo como secretária, os chefes jamais detectaram uma rasura, uma violação de margem, um toque mais nítido ou obscuro, sou sempre precisa, caracteres negros sobre o branco impecável, e isso é tudo: recebo modesta os elogios, vou duas vezes ao banheiro, cada dia, ao chegar e ao partir, quando não tenho serviço cruço os

braços sobre o busto escasso e simplesmente permaneco, existo mais profundamente quando silente, ou abro discreta certo livro de poemas líricos para saborear algum verso enquanto contemplo as alamedas estendidas além das janelas. Mas desde que, há duas semanas, uma cigana desvendou as fracas linhas da palma de minha mão, pouco sossego encontro até em meu próprio sossego: dois amores, apontou, um já passado, e sem dificuldade localizei na memória aquele sôfrego Estudante, e outro em breve por chegar. Desde então, me desconheço. Abreviaram-se as idas ao banheiro para molhar os pulsos e os lóbulos das orelhas, animando a circulação que se me estanca nas veias, por vezes olvidado a torneira aberta, surpreendo-me a odiar minhas próprias tranças, as manchas roxas sob os olhos, mal posso conter um susto investigando o porte de cada homem que se aproxima, em cada esquina que dobro, em cada ônibus que tomo para ir e vir, sinto que busco e me detesto por essa inquietude ardida, pelo amor que desconheço e mal consigo suportar, tão parca é minha vida de memórias ou medidas. Esforço-me por dar-lhe pinceladas tênues, não me atrevo aos óleos nem aos acrílicos, é nos guaches e aquarelas que procuro o verde esmaecido de sua tez, mas por vezes alguma coisa se alvoroa e me surpreendo alucinada, incontrolável, chafurdando em tintas fortes, berrantes cores primárias, formas toscas, e é então que mergulho em banhos gelados no meio da noite para apaziguar a carne incompreensível, fremeiramente qual Theresa d'Ávila, afogada entre lençóis, as palavras da cigana me embaldando como uma cantiga de ninar, imagino se não será o próprio Senhor este que se aproxima, e não conheço. Em cada junho, sei que não suportarei o próximo agosto, me debato elaborando aquela futura tarde cinza para encontrá-lo, não aqui, entre torpezas, mas numa outra dimensão de Luz Maior, além de meu próprio corpo, irmão-burro aprisionado pelos instintos, num espaço discreto, contido como eu mesma venho sendo através destas quase três décadas que, álgida, venci. Sobrevivo a cada manhã quando, cruzando as portas e

corredores que me conduzem às ruas intermináveis, imagino sempre que sou invisível para cada um dos que passam. Ninguém suspeita de meu segredo, caminho severa pelas calçadas, olhos baixos, para que minha sede não transpareça: sou tão morena e tão magrinha que ninguém me adivinha assim como tenho andado — castamente cinzelada no topo deste morro onde os ventos não cessam de uivar, tendo entre as mãos, como quem segura lírios maduros do campo, uma espera tão reluzente que já é certeza.

Pêra, Uva ou Maçã?

Para Celso Curi

a porta, puxar as calças, pensar em isqueiros e ecológicas, somente ao terminar o primeiro cigarro ela fala. Quase sempre depois que pergunto, com extremo cuidado, no que está pensando. Só então suspira, ergue os olhos, me olha de frente. Desta vez, porém, não suspira. Penso em dizer que levantei muito cedo, no escuro, razoavelmente atrasado, e que. Prefiro perguntar, lento:

— Isso te incomoda?

Ela contrai os ombros, de maneira que sobem quase à altura das orelhas. Depois solta-os devagar, como se fizesse uma massagem em si mesma:

— Não é que me incomode, só que. Olha, para falar a verdade, eu não me importo nem um pouco com as suas meias.

Solta a última frase muito rapidamente, como se estivesse querendo se ver livre dela, para ver o que digo. Mas não digo coisa alguma. Limito-me a dar mais uma tragada no cigarro, batendo a cinza. Arrumo os óculos sobre o nariz, estes aros precisam ser ajustados, sempre escorregando. Um pouco de cinza cai sobre a calça. Molho o indicador e o polegar para retirá-la, jogo-a no cinzeiro. Ela espera. Olho fixamente para ela. Ela me olha fixamente, depois baixa a vista, os ombros tornam a subir e novamente a baixar. Ela ergue os olhos. Continuo esperando. Resolvo ajudar. Pausado:

— Quer dizer então que você não se importa nem um pouco com as minhas meias?

Ela abre a boca.

— Não foi o que você disse?

Ela suspira. Estica as pernas, cruza os braços. Impaciente:

— Foi, foi. Mas o que eu quero mesmo dizer é que hoje não estou disposta a gastar. Gastar não, passar. Não se sinta agredido. O que acontece é que. Não estou disposta a passar. Eu. Eu aposto nas ameixas.

Sem entender, espero. Ela também tira um cigarro da bolsa. Remexe um pouco, procurando fogo. Chego a estender meu isqueiro não-degradável, mas

ROI as unhas, quando abro a porta, a bolsa comprimida contra os seios. Como sempre, penso, ao deixá-la passar, cabeça baixa, para sentar-se no mesmo lugar, segundas e quintas, dezessete horas: como sempre. Fecho a porta, caminho até a poltrona à sua frente, sento, cruço as pernas, tendo antes o cuidado de suspender as calças para que não se formem aquelas desagradáveis bolsas nos joelhos. Espero algum tempo. Ela não diz nada. Parece olhar fixamente as minhas meias. Tiro devagar os cigarros do bolso esquerdo do paletó, apanho um, fico batendo a ponta dele no braço da poltrona, enquanto procuro o isqueiro no bolso pequeno da calça. Antes de acendê-lo, penso novamente que não deveria usar esses isqueiros plásticos, descartáveis. Alguém me disse que não-são-degradáveis-e-que-eu-deveria-ter-uma-atitude-um-pouco-mais-ecológica. Não consigo lembrar quem, quando. Nem onde, ou por quê. Rodo o isqueiro entre os dedos. Depois acendo o cigarro. Então ela diz:

— Desculpe, mas acho que você está com as meias trocadas.

Geralmente, um cigarro dura entre cinco e dez minutos. Como eu, para tranquilizá-la tento gastar o máximo de tempo possível fazendo coisas como fechar

ela já encontrou uma caixa de fósforos. Acende, sacode a chama no ar. Decidida:

— Escute, hoje não estou disposta a passar aqui uma hora de quarenta e cinco minutos discutindo as razões sub ou inconscientes de por que eu disse que você está com as meias trocadas, certo?

Bato o cigarro no cinzeiro.

— É que aconteceu uma coisa.

Descruzo as pernas.

— Uma coisa muito importante.

Olho para o relógio. Passaram-se quinze minutos. Volto a encará-la, esperando que continue a falar. Não continua, mas olha fixo para mim, as faces coradas, o olhar brilhante, como se tivesse um pouco de febre. Espero um pouco mais. Agora que estou de pernas descruzadas, basta estendê-las para ver a cor das meias. Chego a ficar tão curioso que faço um pequeno movimento para a frente. Talvez a bordô com friso branco, e a xadrez de preto e vermelho. A cinza do cigarro torna a cair sobre as calças, mas basta uma leve sacudidela para que caia sobre o tapete. Desta vez não é necessário molhar o indicador e o polegar para levá-la ao cinzeiro. Quando olho novamente para ela seus olhos brilham tanto que, mais uma vez, tento ajudá-la. Calmo:

— Mas que coisa tão importante assim foi essa que te aconteceu?

Ela baixa a cabeça, murmura alguma coisa, em tom tão baixo que não consigo ouvir uma palavra.

— Como foi que você disse?

Apaga o cigarro. Tensa:

— Quando vinha vindo para cá tropecei num caixão de defunto.

Se eu trouxer, muito lentamente, uma das pernas até o lado direito da poltrona, dobrando um pouco o joelho, conseguirei ver pelo menos a cor de uma das meias. Mas ela continua:

— Quando dobrei a rua, daquele sobrado amarelo da esquina ia saindo um enterro. — Tira outro cigarro da bolsa. — Não, não foi assim. Antes, eu tinha comprado um quilo de ameixas. — Por um

momento, fica com dois cigarros nas mãos, um aceso, outro apagado. Depois acende um no outro. — Também não foi assim. Antes, ontem. Eu dormi desde ontem até quase às três horas da tarde de hoje. Então minha mãe me chamou para vir aqui.

Pára de falar, faz uma careta. Não entendo, até que ela apague o cigarro. Accendeu o filtro.

— Que merda.

Ela nunca disse um palavrão antes, penso.

— Escute.

Talvez a verde, com losangos cinzentos. E a cinza, com debruns vermelhos.

— Eu vinha vindo para cá. Eu vinha vindo meio tonta, como sempre fico, assim meio tonta, quando durmo tanto. E nem durmo, é mais uma coisa que parece. Foi numa dessas barrquinhas de frutas que eu vi. Eu vinha de cabeça baixa, mas. Uma ameixa tão vermelhas. Eu vinha pensando numa porção de coisas quando.

— Que coisas?

— Que coisas o quê?

— As que você vinha pensando.

Ela acende outro cigarro. Do lado certo.

— Sei lá, que eu ando. Muito triste, ou. Uma merda, tudo isso. Mas não importa, por favor. Não me interrompa agora. Tem uma coisa dentro de mim que continua dormindo quando eu acordo, muito longe. Faz tempo isso. — Traga fundo. E solta, quase sem respirar. — Foi então que eu vi aquelas ameixas e achei tão bonitas e tão vermelhas que pedi um quilo e era minha última grana certa e daí eu pensei assim se comprar essas ameixas agora vou ter que voltar a pé para casa mas que me importa volto a pé mesmo pode ser até que acorde um pouco e então eu vinha comendo devagarinho as ameixas eu não conseguia parar de comer já tinha comido umas seis quando dobrei a esquina aqui da rua ia saindo um caixão de defunto do sobrado amarelo acho que era um caixão cheio quer dizer com um defunto dentro porque ia saindo e não entrando certo e foi bem na hora que eu dobrei não deu tempo de parar nem de desviar daí então eu

tropecei no caixão e as ameixas todas caíram na calçada e foi aí que eu reparei naquelas pessoas de preto óculos escuros e lenços no nariz e uma porrada de coroas de flores devia ser um defunto muito rico e aquele carro fúnebre parado e só aí eu entendi que era um velório. Quer dizer, um enterro. O velório é antes, certo?

— É — confirmo. — O velório é antes.

— Ficou todo mundo parado, me olhando. Eu me abaixei e comecei a catar as ameixas na sarjeta. Eu não estava me importando que fosse um enterro e que tudo tivesse parado por minha causa, certo? Apanhei uma por uma. Só depois que tinha guardado todas no pacote é que as coisas começaram a se mexer de novo. Eu continuei vindo para cá. As pessoas continuaram carregando o caixão para o carro fúnebre. Mas primeiro ficou um minuto tudo parado, como uma fotografia. Eu juntando as ameixas e aquelas pessoas todas ali me olhando. Você está me escutando? Aquelas pessoas todas me olhando, e eu ali juntando as ameixas.

Ela pára de falar. Depois repete:

— Me olhando, as pessoas. Eu, juntando as ameixas.

Apaga o cigarro. Olho o relógio. Faltam quinze minutos. Acendo outro cigarro. Por sobre o couro, percebo que ela toca com cuidado alguma coisa dentro da bolsa. Imagino que vá tirar mais um cigarro, mas nem chega a abrir a bolsa. Apenas toca nesse objeto no interior, distraída, com as pontas dos dedos de unha roídas. Tão distante que preciso trazê-la de volta. Manso:

— No que é que você está pensando?

Ela ri. Ela nunca riu, antes.

— Num brincadeira besta que a gente tinha, eu era mais gurita. Aquela coisa de reunião dançante com cuba-libre. — Tira o objeto de dentro da bolsa, mas permanece com ele fechado dentro da mão. — Faz tanto tempo que eu não bebo. Tanto tempo que eu não danço. Tanto tempo que eu não brinco. Será que ainda existe reunião-dançante? E cuba-libre, será que

existe? E aquela brincadeira, será que alguém ainda brinca? — Olha para mim. Imagino que o objeto em sua mão deva ser uma caixa de fósforos. — Era meio sacana. Mas uma sacanagem boba, meio juvenil, assim. Uma pessoa tapa os olhos da gente com um lenço, depois aponta outra pessoa e pergunta se você quer pêra, uva ou maçã. Pêra é um aperto de mão. Uva, um abraço. Maçã é um beijo na boca. — Ri de novo. — Só que a gente dá um jeitinho de falar com a pessoa que pergunta e daí, quando ela aponta alguém que a gente tá a fim, dá um puxão disfarçado no lenço. Então a gente pede: maçã. — Enquanto fala, percebo que esfrega suavemente aquele objeto contra a blusa, sobre os seios. Sorri mais: — Foi a primeira vez que eu beijeii de língua.

Agora os ombros dela estão um pouco baixos demais, quase curvos. Os olhos brilham menos, comem a ficar meio enevoados. Acho que vai chorar. E que mais, penso em perguntar. Então ela endireita o corpo.

— Quanto tempo ainda falta?

Olho o relógio.

— Cinco minutos.

— *Faltam cinco minutos / Já não existem palavras* — ela cantarola com uma entonação que me parece irônica. — Tem uma música assim, não tem? Ou acabei de inventar, sei lá.

Ela continua a esfregar o objeto contra a blusa. O que será, penso sem interesse. Ela olha outra vez para as minhas meias. Talvez uma inteiramente branca, outra azul, listradinha de preto.

— Olha, antes de ir embora eu quero dizer a você que aposto nas ameixas. Foi isso que me veio na cabeça depois que saí caminhando. Quando entrei no edifício, de costas para o enterro, o tempo todo, sem olhar para trás, no elevador, na sala de espera, quando entrei e sentei aqui. — Os olhos brilham mais. Nunca me olhou tanto tempo de frente, antes. — Eu quero. Eu preciso continuar apostando nas ameixas. Não sei se devo. Também não sei se posso, se é. Permittedo, sei lá. Acho que também não sei o que é

dever ou poder, mas agora estou sabendo de um jeito muito claro o que é precisar. Certo? Quando a gente precisa, não importa que seja proibido. Querer? — Interrompe-se como se eu tivesse feito uma pergunta. Mas eu não disse nada. — Querer a gente inventa. Apago o cigarro. E bocejo, sem querer.

— Ou não — ela diz, levantando-se. Ela nunca levantou sem que eu dissesse bem, por hoje é só, antes.

Levanto também, sem ter planejado. Isso nunca me aconteceu, antes. Ela continua esfregando o objeto contra a blusa. Só quando interrompe o gesto, a mão estendida para mim, é que percebo. Trata-se de uma ameixa. Madura. Cor de vinho tinto. De sangue, talvez. Ela caminha até a mesa, coloca-a sobre um livro, ao lado do telefone.

— Isto é para você.

— Obrigado — digo sem querer.

Ela arruma os cabelos com os dedos antes de sair.

— Feliz Ano-Novo — diz, batendo a porta. Os olhos cintilam.

Mas estamos recém em setembro, penso em dizer. Apenas penso, porque ela já fechou a porta. Torno a abri-la, mas a sala de espera está vazia. Há um momento em que fico parado, ouvindo o barulho do relógio em contraponto com o ar condicionado. Depois caminho até a mesa. Toco a ameixa. A cor de sangue, de vinho, parece refletir-se na superfície polida das minhas unhas. É tão lustrosa que brilha: a casca quase arrebetando pela pressão interna da polpa estufada, que imagino amarela, sumarenta, es-talando contra os dentes. Resolvo telefonar para os pais dela, aconselhando que a internem novamente. Mas antes preciso ver a cor das minhas meias. Quem sabe a lilás, com pespontos azul-marinho. Os olhos tornam a escorregar para a ponta do nariz. Ou a amarelinha, de listras brancas. Não há tempo. O próximo cliente começa a bater na porta.

Natureza Viva

Para Orlando Bernardes

COMO VOCÊ SABE, dirás feito um cego ta-teando, e dizer assim, supondo um conhecimento, faria quem sabe o coração do outro adoçar um pouco até prosseguires, mas sem planejar, embora planejes há tanto tempo, farás coisas como acender o abajur do canto depois de apagar a luz mais forte, criando um clima assim mais íntimo, mais acolhedor, que não haja tensão alguma no ar, mesmo que previamente saibas do inevitável das palmas molhadas de tuas mãos, do excesso de cigarros e qualquer coisa como um leve tremor que, esperas, não transparecerá em tua voz. Mas dirás assim, por exemplo, como você sabe, sim como você sabe, a gente, as pessoas, infelizmente têm, temos, essa coisa, emoções, mas te deténs, infelizmente? o outro talvez perguntaria por que *infelizmente*? então dirás rápido, para não desviar-te de-masiado do que estabeleceste, qualquer coisa como seria tão bom se pudéssemos nos relacionar sem que nenhum dos dois esperasse absolutamente nada, mas *infelizmente*, insistirás, infelizmente nós, a gente, as pessoas, têm, temos — emoções. Meditarias: as pessoas falam coisas, e por trás do que falam há o que sentem, e por trás do que sentem há o que são e nem sempre se mostra. Há os níveis-não-formulados, ca-

madras imperceptíveis, fantasias que nem sempre controlamos, expectativas que quase nunca se cumprem, e sobretudo emoções. Que nem se mostram. Por tudo isso, infelizmente, repetirás, insistirás, completamente desesperado, e teu único apoio seria a mão estendida que, passo a passo, raciocinas com penosa lucidez, através de cada palavra estarás quem sabe afastando para sempre. Mas já não sou capaz de me calar, talvez dirás então, descontrolado, e um pouco mais dramático, porque meu silêncio já não é uma omissão, mas uma mentira. O outro te olhará com seus olhos vazios, não entendendo que teu ritmo acompanharia o desenrolar de uma paisagem interna, absolutamente não-verbalizável, desenhada traço a traço em cada minuto dos vários dias e tantas noites de todos aqueles meses anteriores, recuando até a data, maldita ou bendita, ainda não ousaste definir, em que pela primeira vez o círculo magnético da existência de um, por acaso banal ou pura magia, interceptou o círculo do outro.

No silêncio que se faria, pensas, precisarás fazer alguma coisa, como colocar um disco ou ensaiar um gesto, mas talvez não faças nada, porque ele continuará te olhando com seus olhos vazios no fundo dos quais procuras, mergulhador submarino, o indício mínimo de um tesouro escondido para que possas voltar à tona com um sorriso nos lábios e as mãos repletas de pedras preciosas. Mas nesse silêncio que certamente se fará, talvez acendas mais um cigarro, e com a seca boca cerrada, sem nenhum sorriso, evitarias o mergulho para não correres o risco de encontrar uma fera adormecida. Teu coração baterá fortemente, sem que ninguém escute, e por um momento talvez imaginas que poderias soltar os membros e simplesmente tocá-lo, como se assim conseguisses produzir uma espécie qualquer de encantamento que de repente iluminaria esta sala com aquela luz que tentas, em vão, descobrir também nele, enquanto dentro de ti ela se faz quase tangível de tão clara. Nítida luz que ele não vê, esse outro sentado a teu lado na sala levemente escurecida, onde os sons externos mal penetram, como se estivessem os dois presos dentro de uma bolha de ar, de

tempo, de espaço, e novamente encherás o cálice com um pouco mais de vinho para que o líquido descendo por tua garganta trêmula vá de encontro a essa clari-dade que tentas, precário, transformar em palavras luminosas para oferecer a ele. Que nada diz, e nada dirás, e sem saber por quê pensas num extenso corredor escuro onde tateias, feito cego, as mãos estendidas para o vazão, pressentindo o nada que tu mesmo pararias agora, suicida metucioso, através de silêncios mal tecidos e palavras inábeis, pobre coisa sedenta, te feres, exigindo o poço alheio para matar tua sede indivisível.

Anjos e demônios esvoaçariam coloridos pela sala, mas o caçador de borboletas permanece parado, olhando para a frente, um cigarro aceso na mão direita, um cálice cheio de vinho na mão esquerda. A presença do outro latejaria a teu lado, quase sangrando, como se o tivesses apunhalado com tua emoção não dita. Tuas mãos apoiadas em bengalas mentirosas não conseguiriam desvencilhar o gesto para romper essa espessa e invisível camada que te separa dele. Por um momento desejarás então acender a luz, dar uma gargalhada ridícula, acabar de vez com tudo isso, fácil fingir que tudo estaria bem, que nunca houve emoções, que não desejas tocá-lo nem conhecê-lo, que o aceitas assim latejando amigo belo remoto, completamente independente de tua vontade, de todos esses teus formulados sentimentos. No momento seguinte, tão imediato que nascerá, gêmeo tardio, quase ao mesmo tempo que o anterior, desejarás depositar o cálice, apagar o cigarro e estender duas mãos limpas em direção a esse rosto que sequer te olha, absorvido na contemplação de sua própria paisagem interna. Mas indiferente à distância dele, quase violento, de repente queres violar com tua boca ardida de álcool e fumo essa outra boca a teu lado. Desejarás desvendá-lo, palmo a palmo esse corpo que há tanto tempo supões, até que as palmas famintas de tuas mãos tenham percorrido todos os caminhos, até que tua língua tenha rompido todas as barreiras do medo e do nojo, tua boca voraz tenha bebido os líquidos, tuas narinas

sugado todos os cheiros e, alquímico, os tenhas transmutado num só, o teu e o dele, juntos — luz apagada, peças brancas de roupa cintilando, jogadas ao chão. Desejá-lo assim, a esse outro tão íntimo que às vezes julgas desnecessário dizer alguma coisa, porque engadado supões que tu e ele, vezenquando, sejam um só, te encherá o corpo de uma força nova, como se uma poderosa energia brotasse de algum centro longínquo, há muito adormecido, quem sabe dessa luz oculta, é então que sentes claramente que ele não é tu e que tu não serás ele, essa coisa, o outro, que mágico ou demoníaco, deliberado ou casual, te inflama assim, alucinando tua alma. Queres pedir a ele que, simplesmente sendo, te mantenha nesse atormentado estado brilhante para que possas iluminá-lo também com teu toque, com tua língua terna, com a vara de condão de teu desejo. Mas ele nada sabe, nem saberá se permaneceres assim, temeroso de que uma palavra ou gesto desastrosos seriam capazes de rasgar em pedaços essa trama onde te enleias cada vez mais sem remédio, emaranhado em ti, em tua viva emoção, emaranhado no desconhecido de dentro dele, o outro — que no lado oposto do sofá cruza as mãos sobre os joelhos, quase inocente, esperando atento, educado, que de alguma forma termines o que começaste.

Muito mais que com amor ou qualquer outra forma tortuosa de paixão, será surpreso que o olharás agora, porque ele nada sabe de seu próprio poder sobre ti, e neste exato momento poderias escolher entre torná-lo ciente de que dependes dele para que te ilumines ou escureças assim, intencionalmente, ou quem sabe orgulhoso negar-lhe o conhecimento desse estranho poder, para que não te estrçalhe impiedoso entre as unhas agora calmamente postas em sossego, cruzadas nas pontas dos dedos sobre os joelhos.

Ah: fumarás demais, beberás em excesso, aborrecerás todos os amigos com tuas histórias desesperadas, noites e noites a fio permanecerás insone, a fantasia desenfreada e o seco em brasa, dormirás dias adentro, faltarás ao trabalho, escreverás cartas que não serão nunca enviadas, consultarás búzios, números, cartas e astros, pensarás em fugas e suicídios em cada minuto de cada novo dia, chorarás desamparado atravessando

madrugadas em tua cama vazia, não conseguirás sorrir nem caminhar alheio pelas ruas sem descobrires em algum jeito alheio o jeito exato dele, em algum cheiro o cheiro preciso dele.

Que não suspeitará da tua perdição, mergulhado como agora, a teu lado, na contemplação dessa paisagem interna onde não sabes sequer que lugar ocupas, e nem mesmo se estás. Na frente do espelho, nessas manhãs maldormidas, acompanharás com a ponta dos dedos o nascimento de novos fios brancos nas tuas têmporas, o percurso áspero e cada vez mais fundo dos negros vales lavrados sob teus olhos profundamente desencantados. Sabes de tudo sobre esse possível amargo futuro. Sabes também que já não poderias voltar atrás, que estás inteiramente subjugado e as tuas palavras, sejam quais forem, não serão jamais sábias o suficiente para determinar que essa porta a ser aberta agora, logo após teres dito tudo, te conduza ao céu ou ao inferno. Mas sabes principalmente, com uma certa misericórdia doce por ti, por todos, que tudo passará um dia, quem sabe tão de repente quanto veio, ou lentamente, não importa. Só não saberás nunca que neste exato momento tens a beleza insupportável da coisa inteiramente viva. Como um trapezista que só repara na ausência da rede após o salto lançado, acendes o abajur do canto da sala depois de apagar a luz mais forte. E finalmente começa a falar.

Caixinha de Música

Para Rachel Rosenberg

COMO SE ESTIVESSE com a cabeça inteira dentro d'água e alguém começasse a tocar realejo na beira do rio. Pequenas bolhas de som explodiam sem choque contra seus ouvidos, nota após nota, até formar-se também por dentro aquela melodia tão remota e lenta que parecia vir não mais da margem, mas do fundo. Onde haveria quem sabe pedras verdes de limo, peixes coloridos, conchas, estranhos vegetais entrelaçados. Movimentando cada membro ao som de cada nota, ela tentou mergulhar em direção à areia clara do fundo. Sabia a origem de cada gesto: ele brotava de um centro como que desperto pela nota musical e assim, musicado, o movimento irradiava-se através dos músculos, espalhando-se sem pressa na superfície da pele até atingir as pontas dos dedos que agora movia, abrindo e afastando leve a água para mergulhar. Mas ao invés de afundar, peixe, de repente foi içada para cima, para fora, para uma penumbra cheia de contornos onde divisava vagamente qualquer coisa como as costas de um homem grande sentado.

A beira da cama, à tona, no escuro: ele girava lentamente a manivela da caixinha de música.

Não disse nada, observando-o sem pensamentos

girar muitas vezes a manivela, às vezes acelerando, outras diminuindo, fazendo a melodia correr, notas subitamente amontoadas, ou esgarçar-se feito uma nuvem soprada pelo vento. Fiapos coloridos varavam em todas as direções a penumbra cada vez mais nítida do quarto. Perdidos pelos cantos, brilhavam fracos antes de apagar, tão lentos e leves que, se quisesse, ela poderia fechar os olhos para afundar novamente. Talvez sereias, líquens, corais, grutas de nácar. Lá, no fundo. Com esforço, esfregou as pálpebras. E suavemente, só depois que ele tinha repetido e repetido a música da caixinha, como para não quebrar um encanto difícil, foi que ela apoiou o busto contra a guarda da cama e perguntou em voz baixa o que tinha acontecido.

Era um homem grande, um homem quieto e sem camisa, sentado à beira da cama. Costas curvas, cabeça baixa. Nas mãos, uma caixa tão pequena que ela não conseguia ver. Parecia para sempre, pensou, aquele homem de repente desconhecido, tão parado como um quadro, um enorme manequim, uma estátua de sal ou gesso, tão brancas eram suas largas costas quase cintilando no escuro do quarto. Ele parou de tocar. Menos que pelo movimento do braço, ela soube disso através do silêncio aumentado entre duas notas. Vermelhos, os números do relógio-digital brilhavam a seu lado, tão próximos que bastaria virar a cabeça para saber as horas. Não virou. Quase estendeu a mão para tocá-lo, mas conteve-se a tempo, recolhendo os dedos. Não havia hora, repetiu para dentro, sem entender, não havia tempo, não havia barulho, não havia gesto. Como se espiasse pela janela do próprio quarto, viu um homem sentado à beira da cama e uma mulher deitada, cabeça ereta, tensa e imóvel, para sempre à espera de algo que não acontecia.

— Foi um pesadelo? — perguntou então, mas súbitas demais, percebeu, a voz áspera, rouca de sono, e como para consertar, mecanicamente, estendeu a mão para a mesinha de cabeceira, apanhou um maço de cigarros. — Quer fumar? — ofereceu, esten-

dendo o maço. E sabia que era como se dissesse qualquer coisa *feito não se dilacere sem necessidade, meu bem, é madrugada, fuma e relaxa, estou aqui, pode falar*, estabelecendo as regras de um jogo onde não haveria vencedor nem vencido, apenas um gentil fracasso final compactuado e compartilhado amável por cada uma das partes. Absolutamente secretos, no meio do quarto, no meio do edifício, no meio da cidade, no meio do país, no meio do continente, do hemisfério, do planeta. No centro da grande noite do universo. Eternamente, ela arrepiou-se.

Ele continuava sem dizer nada. Quase com raiva, ela acendeu o cigarro com um click seco do isqueiro de plástico que jogou, junto com o maço, ao lado dele. E sabia que dizia ainda qualquer coisa como *está bem, se você não quer ajuda fique aí sozinho, vou fumar o meu cigarro e esperar que você ou eu cansemos, e se você cansar primeiro, você fala, e se eu cansar primeiro, durmo e amanhã acordamos e tomamos café como todas as manhãs e não se fala mais nisso, está bem assim?* Apanhou o cinzeiro sobre o rádio e bateu com força a cinza. Agora, além dos números vermelhos, havia a ponta também vermelha do cigarro brilhando no escuro. Ainda que nada dissesse, era sempre como se dissesse alguma coisa. E parecia tão tarde que ruído algum de automóvel perfurava o silêncio. Por favor, quase pediu, por favor recomece a tocar. Calada, começou a girar o cigarro no escuro, até que a brasa viva do final do círculo vermelho tornasse a encontrar o início. Quando parou é que percebeu que ele mudara de posição e olhava fixamente para ela.

— A árvore — disse.

— Hein?

— Uma árvore.. Eu vi uma árvore.

— Você sonhou? — ela se debruçou um pouco. Como alcançá-lo ou, de alguma forma, demonstrar com o corpo que estava atenta. Mas isso parecia não ter importância para ele. Falava sem vê-la, olhando através dela para qualquer coisa além da guarda da cama, da parede, do espaço vazio de um décimo segundo ou terceiro andar.

— Que importa? — ele colocou a caixinha de música ao lado do maço de cigarros e do isqueiro. A manivela roçou o plástico soltando uma nota brusca que ficou ressoando no ar. — Que importa se sonhei, se vi, se foi hoje ou ontem ou amanhã, se nem sequer vi, só imaginei, que importa? Acordei pensando nessa árvore.

Falava devagar, sem irritação. Mas levantou a mão decidido quando ela avançou mais o corpo, como a interrompê-la antes mesmo que falasse. Ainda assim ela perguntou, esmagando o cigarro:

— Que árvore era?

— Não era uma, eram duas. Espera, eu conto. Você quer ouvir?

Apressada, ela fez que sim com a cabeça. Sem ver direito o rosto dele, percebeu que sorria talvez irônico. Ou amargo, ou triste, ou apenas distante, compreendeu melhor, encolhendo-se contra a guarda da cama. E aquilo de repente pareceu talvez respeito ou submissão, porque ele começou a falar.

— No começo eu achei que era uma árvore só. Eu vi de fora, eu vinha caminhando e lá estava ela, enorme, toda florida, assim com pencas de flores de todas as cores, mas acho que principalmente roxas e amarelas, despencando até o chão. Não parecia uma árvore de verdade, parecia uma coisa desenhada, assim meio de quadro, de ilustração de história infantil, de filme de Walt Disney. Sabe *Branca de Neve*? — ela sorriu também, cruzando os braços sobre os seios. Ele não percebeu. — Uma árvore assim. A mais bonita que eu tinha visto em toda a minha vida. Al eu parei e fiquei olhando. Tinha uma coisa forte ali me chamando e eu não conseguia ir em frente, eu devo ter acendido um cigarro, e fui chegando cada vez mais perto, e de repente eu estava dentro dela. Não, espera lá. Não foi assim. Entre os ramos cobertos de flores, havia como um vão, uma fresta, uma porta, e eu fui entrando por ela até ficar dentro daquela coisa colorida. Era escuro lá dentro. Era cheio de galhos trançados e torturados, e muito escuro, e muito úmido, parecia assim ter feito uma grande dor ali cravada

naquele centro cheio de folhas apodrecidas e flores murchas no chão. Pelo vão, pela fresta, pela porta eu conseguia ver o sol lá fora. Mas aquele lugar era longe do sol. Era uma coisa, uma coisa — uma coisa assim desesperada e medonha, você me entende? Então eu pensei sair lá dentro imediatamente, sem olhar para trás, porque ao mesmo tempo que eu queria ir embora, queria também ficar para sempre lá e se eu me desculdasse, se alguma coisa mínima em mim perdesse o controle eu me encolheria ali naquele chão frio, olhando os galhos tão emaranhados que não passava nunca uma gota daquela luz do sol lá de fora. Eu fui embora, eu não queria olhar para trás, mas sem querer olhei e lá estava ela de novo como eu tinha visto da primeira vez. Uma árvore encantada, dessas que você pode fazer pedidos e talvez entrar num estado especial embaixo dela e ver — como se chama? como se chama? — os devas, isso, os devas, as ninfas, os faunos. Vista de fora, e de onde eu estava, era uma árvore assim, com um lindo deva que eu quase via, acho que roxo e amarelo, meio que dançando, quem sabe tocando flauta em volta dela. Então lembrei do escuro e achei que entendia e sem querer formulei com dificuldade uma coisa mais ou menos assim: sei, sei, é daquele emaranhado cheio de dor e angústia fria e solidão escura que ela arranca essa beleza que joga para fora.

— Ele parecia muito cansado quando perguntou: — Você entende?

— Foi lá? — ela perguntou bruta. Ele não respondeu. Ela estendeu a mão para o maço de cigarros, acendeu outro cigarro que tragou quase com fúria. Passou-o para a mão esquerda e estendeu a direita, cravando as unhas no braço dele. — Foi lá? — repetiu. — Eu preciso saber. Me diga, foi lá, naquele lugar? Meu Deus, você ainda não esqueceu aquele maldito lugar?

Como se não tivesse escutado, ele tocou de manso as unhas cravadas no seu braço com a mão também grande e quieta.

— Você entende?

Ela relaxou a pressão.

— Entendo. Claro que entendo. — Recolheu a mão, baixou a voz. — Entendo, sim. É uma história bonita. Tão... tão simbólica, não é? — Suspirou, exausta. — É assim que você se sente? Eu entendo, claro que eu entendo muito bem. Melhor do que você possa imaginar. Muito melhor, querido. — Passou devagar os dedos sobre os pêlos espessos do peito dele. Se houvesse mais luz, agora poderia ver os pêlos se adensando grisalhos em direção ao umbigo, e quem sabe então sentir o que sentia sempre — aquela espécie de piedade comovida, semelhante a alguma coisa que tinham lhe dito, uma vez, que se chamava carinho, ternura, amor ou qualquer coisa assim. Mas no escuro, apenas sentindo os pêlos macios e frágeis cedem sob a pressão das pontas de seus dedos, assim, agora: não sentia nada. Uma secura como a do cigarro que tragou novamente, queimando com raiva a garganta. Tossiu.

— Mas não acabou — ele disse.

— O quê?

— Não acabou. A história ainda não acabou. Ela percebeu que ele ria. Mas já não havia tristeza nem ironia no riso. Qualquer coisa mais densa. Retirou a mão do peito dele ao descobrir. Era um riso silencioso e mau, um riso de canto de boca, dentes cerrados que não se mostram. Ele estava próximo agora, inteiramente ali, entre o corpo dela e a porta do quarto dando para corredores e salas subitamente tão desertos que ninguém os ouviria se gritassem (mas não gritariam, acalmou-se, que era tanto tempo, tanta coisa junta, não, não gritariam), acendendo lento um cigarro enquanto continuava a falar.

— Voltei lá no dia seguinte. Eu estava frio, eu não sentia mais coisa alguma, não tinha mais nem aquele horror de estar no centro da árvore nem aquele encantamento de estar fora dela. Então fiquei andando em volta dela e olhando bem, até perceber que eram duas árvores. Sabe uma dessas árvores que dá na beira dos rios? Essa caída, de galhos até o chão, uma árvore grande que parece sempre cansada e triste.

— Um chorão — ela falou. — Um salgueiro. — E soltou os ombros, quase leve.

— Isso. Um salgueiro, um chorão. A outra, aquela cheia de flores, era uma primavera. Eu lembrei então de uns versos que você gostava de dizer, faz muito tempo. Como eram mesmo aqueles versos que falavam em primaveras, em morrer, em nascer de novo, como era, você lembra? — ele perguntou subitamente ansioso e meio infantil, puxando-a pelo pé como fazia às vezes nas manhãs de domingo, quando ela demorava a acordar e ele insistia cantando canções inventadas num ritmo de caixinha de música como *venha ver o sol oh meu amor / vista sua saia, vamos para a praia / que o dia está lindo oh meu amor / e hoje é domingo lindo de sol*.

Uma onda quente feito uma alegria subiu desde o pé onde ele tocava até o rosto dela, fazendo os seios arfarem um pouco ao dizer:

— Cecília Meireles, era Cecília Meireles, era um poema assim que eu dizia: *Levai-me por onde quiserdes / aprendi com as primaveras a deixar-me cortar / e a voltar sempre inteira*.

Ele apagou o cigarro. Depois bateu palmas. Como uma criança.

— Que bonito, que bonito. Como é mesmo? — E recitaram juntos, como uma professora séria e um pouco velha e paciente e vagamente apaixonada por um aluno rebelde, seestroso e sensível: — *Levai-me por onde quiserdes / aprendi com as primaveras a deixar-me cortar / e a voltar sempre inteira*.

De repente ele deu um salto sobre a cama e ficou em cima dela, rindo enquanto enfiava a língua morna nas suas orelhas. Sobre a camisola, ela podia sentir os músculos duros das coxas dele apertados contra as suas.

— Era um caso de amor — ele disse baixinho no ouvido dela. — O salgueiro e a primavera: era um lindo caso de amor entre duas árvores.

Ela trançou as mãos nas costas dele, aquelas costas largas de homem grande, aquele cheiro bom de bicho limpo que ela conhecia fundo, há tanto

tempo. Enquanto ele roçava lento uma boca móvel e molhada pelo seu pescoço, ela abriu suave as pernas, rodando a bacia como numa dança oriental, até sentir o volume do sexo dele enrijecendo aos poucos sobre seu ventre. Desceu a mão pela cintura dele, para enfiá-la sob o tecido fino do pijama, acariciando a bunda que se movia sobre ela. E lambeu aquelas orelhas grandes de homem tão profundamente e há tanto tempo seu, intensificando os movimentos até o membro dele ficar tão rígido que escapou de dentro do pijama para roçar, quente, a barriga dela.

— Vem — pediu. — Meu menino louco.

Mas ele levantou-se tão brusco que a súbita ausência de peso fez com que ela sentisse uma espécie de tontura.

— Não — ele disse. E recuou outra vez até a ponta da cama. — A história ainda não terminou.

— Ai, Deus, a maldita árvore de novo?

— A maldita árvore.

— Mas ainda? — ela tentou rir, mas ele estava outra vez distante. De repente alguma coisa tinha se transformado em outra, e percebendo a transformação só depois de falar como se nada tivesse se transformado, ela só sabia se comportar de acordo com um momento antigo, não com este novo, desconhecido. — Então conta — pediu, sabendo de maneira obscura que não era assim, que não era mais assim, que de alguma forma nunca mais seria assim. Cruzou os braços como quem assiste a uma criança. — Mas conta rápido.

— Bem rápido, não se preocupe. No outro dia, o terceiro dia, eu voltei lá. Foi última vez que voltei. Não foi preciso voltar mais. Dessa última vez, eu vi tudo. Eu descobri.

A claridade cinza do dia recém-nascido varava as frestas da persiana.

— Então? — ela perguntou. — E aí?

O homem pegou a caixinha de música e ficou com ela entre as mãos, como se fosse tocar. Mas deteve os dedos antes de girar a manivela. Com a luz morfiça da manhã iluminando o rosto dele, ela agora

podia ver os olhos muito abertos, fixos em algo que ela não via, a barba por fazer, a mão parada no ar e o grisalho dos pêlos sobre o peito. Mas continuava sem sentir nada, a não ser um calor fugindo entre as coxas.

Ele não dizia nada.

— O que foi que você descobriu?

Ele sorriu sem mover músculo nenhum do rosto. Apenas os cantos da boca ergueram-se rápidos, como se alguém apertasse um botão ou puxasse algum fio oculto. Girou nas mãos a caixinha.

— Descobri que não era um caso de amor. O salgueiro estava seco, morto. A primavera tinha assassinado ele. Não era um caso de amor. Ela estrangulou, vampirizou, assassinou ele. Aquela escuridão de dentro era a fraqueza dele, o fracasso dele, a morte dele. Você está me entendendo? Eu vou falar bem devagar para que você compreenda: aquela loucura de flores e cores do lado de fora era a vitória dela. A vitória da vaidade dela às custas da vida dele. Uma vitória louca, você está ouvindo?

Como se tivesse frio, ela encolheu-se violentamente. Sem querer, olhou para o lado e viu o relógio. Eram cinco e quinze da manhã. Ele repetiu:

— Uma vitória louca, uma vitória doente. Não era amor. Aquilo era doença e solidão e loucura e podridão e morte. Não era um caso de amor. Amor não tem nada a ver com isso. Ela era uma parasita. Ela o matou porque era uma parasita. Porque não conseguiria viver sozinha. Ela o sugou como um vampiro, até a última gota, para que pudesse exibir ao mundo aquelas flores roxas e amarelas. Aquelas flores imundas. Aquelas flores nojentas. Amor não mata. Amor não destrói. Amor não é assim. Aquilo é outra coisa. É ódio.

Muito calma e um pouco casual, acendendo outro cigarro, afastando uma mecha de cabelos da testa um pouco fria, um pouco suada, mas nada de grave, a mulher ergueu levemente a sobranceira esquerda, num gesto muito seu, um gesto cotidiano, habitual e sem novidades, que usava muito ao fazer compras, indagando preços, ao estender uma xícara de chá, ao

dar ordens à empregada, ao girar o botão ligando o televisor, e perguntou absolutamente tranqüila, absolutamente controlada, absolutamente segura de si, absolutamente:

— Você está querendo dizer que acha que eu o destruí?

Depositando com cuidado a caixinha de música, ele disse alguma coisa em voz tão baixa que ela não chegou a entender.

— Como?

Não ouviu a resposta. As duas mãos grandes e fortes do homem fecharam-se rápidas e precisas em volta de garganta dela. A mulher estendeu a perna como se chutasse algo no ar, derrubando a caixinha no chão. O dia estava quase claro quando uma nota de corda arrebatada ficou ressoando aguda no ar. Entre o som e a luz, ela ainda conseguiu ver o sorriso iluminado do homem, e se pudesse falar diria então que era exatamente: como se estivesse com a cabeça inteira dentro d'água e alguém começasse a tocar realejo na beira do rio.

O Dia que Júpiter Encontrou Saturno

(Nova História Colorida)

Para Valdir Zweisch e
Maria Rosa Fonseca

— "Gente: espelho de estrelas
reflexo do esplendor"

(Caetano Veloso: Gente)

FOI A PRIMEIRA PESSOA que viu quando entrou. Tão bonito que ela baixou os olhos, sem querer querendo que ele também a tivesse visto. Deram-lhe um copo de plástico com vodka, gelo e uma casquinha de limão. Triturou a casquinha entre os dentes, mexendo o gelo com a ponta do dedo, sem beber. Com a movimentação dos outros, levantando o tempo todo para dançar rocks barulhentos ou afundar nos quartos onde rolavam carreiras e baseados, devagarinho conquistou a cadeira de junco junto à janela. A noite clara lá fora, estendida sobre a Henrique Schumann, avenida poncho-&-conga,riu sozinha. Ria sozinha quase sempre, uma moça magra querendo controlar a própria loucura, discretamente infeliz. Molhou os lábios na vodka, tomando coragem de olhar para ele, um moço queimado de sol e calças brancas com a barra descosturada. Baixou outra vez os olhos, embora morena também, e suspirou soltando os ombros, coluna adequada quando-se tensa ao junco da cadeira. Só porque era sábado e não ficaria, desta vez não, entre o som, a televisão e o livro, atenta ao ruído do telefone silencioso. Sorriu olhando em volta.

Não que estivesse triste, só não sentia mais nada. Levemente, para não chamar a atenção de nin-

guém, girou o busto sobre a cintura, apoiando o cotovelo direito sobre o peitoril da janela. Apoiou o rosto na palma da mão, os cabelos lisos caíram sobre a face e, para afastá-los, ela levantou a cabeça e viu o céu. Um céu tão claro que não era o céu normal de Sampa, com uma lua quase cheia e Júpiter e Saturno muito próximos. Não uma moça vivendo, vista assim parecia pintada em aquarela, estatizada feito estivesse muito calma, e até estava, só não sentia nada, fazia tempo. Quem sabe porque não evidenciava risco, o moço veio se aproximando sem que ela percebesse. Parado ao lado dela, vistos de dentro, os dois em aquarela — mas vistos de fora, das janelas dos carros procurando bares na avenida, sombras chinesas recortadas contra a luz vermelha. E de repente o rock barulhento parou e a voz de John Lennon cantou *every day, every way is getting better and better*. Na cabeça dela soaram cinco tiros. Os olhos subitamente endurecidos da moça voltaram-se para dentro, esbarrando nos olhos subitamente endurecidos do moço. As memórias que cada um tinha, e eram tantas, transpareceram tão nitidamente nos olhos que ela imediatamente entendeu quando ele a tocou no ombro.

- Você gosta de estrelas?
- Gosto. Você também?
- Também. Você está olhando a lua?
- Quase cheia. Em Virgem.
- Amanhã faz conjugação com Júpiter.
- Com Saturno também.
- Isso é bom?
- Eu não sei. Deve ser.
- É sim. Bom encontrar você.
- Também acho.

silêncio.

- Você gosta de Júpiter?
- Gosto. Na verdade

*"desjejaria viver em Júpiter
onde as almas são puras
e a transa é outra". **

- Que é isso?
- Um poema dum menino que vai morrer.
- Como é que você sabe?
- Em fevereiro. Ele vai se matar em fevereiro.
- Hein?

silêncio.

- Você tem um cigarro?
- Estou tentando parar de fumar.
- Eu também. Mas queria uma coisa nas mãos agora.
- Você tem uma coisa nas mãos agora.
- Eu?
- Eu.

silêncio.

- Como é que você sabe?
- O quê?
- Que o menino vai se matar.
- Sei muitas coisas.
- Eu não sei nada.
- Te ensino a saber, não a sentir. Não sinto nada. Já faz tempo.
- Eu só sinto, mas não sei o que sinto. Quando sei, não compreendo.
- Ninguém compreende.
- Às vezes sim. Eu te ensino.
- Difícil. Morri em dezembro. Com cinco tiros nas costas. Você também.
- Também. Depois saí do corpo. Você já saiu do corpo?

* Henrique do Valle: *Vazio na Carne*.

silêncio.

- Você tomou alguma coisa?
- O quê?
- Cocaína, morfina, codeína, mescalina, heroína, estenamina, psicocibina, metedrina.
- Não tomei nada. Não tomo mais nada.
- Nem eu. Já tomei tudo.
- Tudo?
- Cogumelos têm parte com o diabo.
- O ópio aperfeiçoa o real.
- Agora quero ficar limpa. De corpo, de alma. Não quero sair do corpo.
- Mas você já saiu?

silêncio.

- Acho que estou voltando. Usava saias coloridas, flores no cabelo.
- Minha trança chegava até a cintura. As pulseiras cobriam os braços.
- Alguma coisa se perdeu.
- Onde fomos? Onde ficamos?
- Alguma coisa se encontrou.
- E aqueles guizos?
- E aquelas fitas?
- O sol já foi embora.
- A estrada escureceu.
- Mas navegamos.
- Sim. Onde está o norte?
- Localiza o Cruzeiro do Sul. Depois caminha na direção oposta.

silêncio.

- Você é de Virgem?
- Sou. Você é de Capricórnio?
- Sou. Eu sabia.
- Eu sabia também.

- Combinamos. Terra.
- Sim. Combinamos.

silêncio.

- Amanhã vou embora para Paris.
- Amanhã vou embora para Natal.
- Eu te mando um cartão de lá.
- Eu te mando um cartão de lá.
- No meu cartão vai ter uma pedra suspensa sobre o mar.
- No meu não vai ter pedra. Só mar. E uma palmeira debruçada.

silêncio.

- Vou tomar chá de ahuasca e ver você egípcia. Parada ao meu lado. Olhando de perfil.
- Vou tomar chá de datura e ver você tuaregue.
- Perdido no deserto. Ofuscado pelo sol.
- Vamos nos ver?
- No teu chá. No meu chá.

silêncio.

- Quando a noite chegar cedo e a neve cobrir as ruas, ficarei o dia inteiro na cama pensando em dormir com você.
- Quando estiver muito quente, me dará uma moleza de balançar devagarinho na rede pensando em dormir com você.
- Vou te escrever carta e não mandar.
- Vou tentar recompor teu rosto sem conseguir.
- Vou ver Júpiter e me lembrar de você.
- Vou ver Saturno e me lembrar de você.
- Mesmo quando não estiverem mais juntos.
- Daqui a vinte anos voltarão a se encontrar.
- O tempo não existe.
- O tempo existe e devora.

— Vou procurar teu cheiro no corpo de outra mulher. Sem encontrar, porque terei esquecido. Alfabeta? zema?

— Alecrim. Quando eu olhar a noite enorme do Equador, pensarei se tudo isso foi um encontro ou uma despedida.

— E que uma palavra ou um gesto, seu ou meu, seria suficiente para modificar nossos roteiros.

silêncio.

- Mas não seria natural.
- Natural é as pessoas se encontrarem e se perderem.
- Natural é encontrar. Natural é perder.
- Linhas paralelas se encontram no infinito.
- O infinito não acaba. O infinito é nunca.
- Ou sempre.

silêncio.

— Tudo isso é muito abstrato. Está tocando *Kiss, Kiss, Kiss*. Por que você não me convida para dormirmos juntos?

- Você quer dormir comigo?
- Não.
- Por que não é preciso?
- Porque não é preciso.

silêncio.

- Me beija.
- Te beijo.

Foi a última pessoa que viu ao sair. Tão bonita que ele baixou os olhos, sem saber sabendo que ela também o tinha visto. Desceu pelo elevador, a chave do carro nas mãos. Rodou a chave entre os dedos, depois

mordeu leve a ponta metálica, amarga. Os olhos fixos nos andares que passavam, sem prestar atenção nos outros que assoavam narizes ou pingavam colírios. Devagarinho, conquistou o espaço junto à porta. Os ruídos coados de festas e comandos da madrugada nos outros apartamentos, frestas, riu sozinho. Ria sozinho quase sempre, um moço queimado de sol, com a barra branca da calça descosturada, querendo controlar a própria loucura, discretamente infeliz. Mordeu a unha junto com a chave, lembrando dela, uma moça magra de cabelos lisos junto à janela. Baixou outra vez os olhos, embora magro também. E suspirou soltando os ombros, pés inseguros comprimindo o piso instável do elevador. Só porque era sábio, porque estava indo embora, porque as malas estavam sem fazer e o telefone tocava sem parar. Sorriu olhando em volta. Não que estivesse triste, só não compreendia o que estava sentindo.

Levemente, para não chamar a atenção de ninguém, apertou os dedos da mão direita na porta aberta do elevador e atravessou o saguão gelado, saindo para a rua. Apoiou-se no poste da esquina, com o vento fazendo esvoaçar os cabelos, e para evitá-lo ele levantou a cabeça e viu o céu. Um céu tão claro que não era o céu normal de Sampa, com uma lua quase cheia e Saturno e Júpiter muito próximos. Não um moço vivendo, visto assim parecia mais pintado num óleo de Gregório tão nítido estava, ressaltado contra o fundo da avenida, e assim estava, mas sem compreender, fazia tempo. Quem sabe porque não evidenciava risco, a moça debruçou-se na janela lá em cima e gritou alguma coisa que ele não chegou a ouvir. Parado longe dela, a moça visível apenas da cintura para cima parecia um fantoche de luva, manipulado por alguém escondido, o moço no poste agitando a cabeça, uma marionete de fios, manipulada por alguém escondido. E de repente um carro freou atrás dele, o rádio gritando *se Deus quiser, um dia acaba voando*. Na cabeça dele soaram cinco tiros. De onde estava não conseguiria ver os olhos da moça. De onde estava, a moça não conseguiria ver os olhos dele. Mas as memó-

rias de cada um eram tantas que ela imediatamente entendeu e aceitou, desaparecendo da janela no exato instante em que ele atravessou a avenida sem olhar para trás.

Aqueles Dois

(História de Aparente Mediocridade e Re-
pressão)

Para Rofran Fernandes

— “*I announce adhesiveness, I say it shall
/ be limitless, unloosen’d
I say you shall yet find the friend you
/ were looking for.*”

(Walt Whitman: *So Long!*)

I

A verdade é que não havia mais ninguém em volta. Meses depois, não no começo, um deles diria que a repartição era como “um deserto de almas”. O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se ex-cluído. E longamente, entre cervejas, trocaram então ácidos comentários sobre as mulheres mal-amadas e vorazes, os papos de futebol, amigo secreto, lista de presente, bookmaker, bicho, endereço de cartomante, clips no relógio de ponto, vezenuando salgadinhos no fim do expediente, champanha nacional em copo de plástico. Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra — talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum se perguntou.

Não chegaram a usar palavras como “especial”, “diferente” ou qualquer coisa assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece porém que não tinham preparado algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las. Não que fossem muito jovens, incultos demais ou mesmo um pouco burros.

Raul tinha um ano mais que trinta; Saul, um menos. Mas as diferenças entre eles não se limitavam a esse tempo, a essas letras. Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de Arquitetura. Talvez por isso, desenhava. Só rostos, com enormes olhos sem íris nem pupilas. Raul ouvia música e, às vezes, de porte, pegava o violão e cantava, principalmente velhos boleros em espanhol. E cinema, os dois gostavam.

Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os testes. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou, no máximo, às sextas, um cordial bom fim de semana, então. Mas desde o princípio alguma coisa — fados, astros, sinas, quem saberá? — conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois.

Suas mesas ficavam lado a lado. Nove horas diárias, com intervalo de uma para o almoço. E perdidos no meio daquilo que Raul (ou teria sido Saul?) chamaria, meses depois, exatamente de “um deserto de almas”, para não sentirem tanto frio, tanta sede, ou simplesmente por serem humanos, sem querer justificá-los — ou, ao contrário, justificando-os plena e profundamente, enfim: que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Tão lentamente que mal perceberam.

II

Eram dois moços sozinhos. Raul tinha vindo do norte, Saul tinha vindo do sul. Naquela cidade, todos vinham do norte, do sul, do centro, do leste — e com

isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referenciais, uma mulher, um tio, uma mãe, um amante. Eles não tinham ninguém naquela cidade — de certa forma, também em nenhuma outra —, a não ser a si próprios. Diria também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro.

Além do violão, Raul tinha um telefone alugado, um toca-discos com rádio e um sabiá na gaiola, chamado Carlos Gardel. Saul, uma televisão colorida com imagem fantasma, cadernos de desenho, vidros de tinta nanquim e um livro com reproduções de Van Gogh. Na parede do quarto de pensão, uma outra reprodução de Van Gogh: aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas do assoalho, colocado na parede em frente à cama. Deitado, Saul tinha às vezes a impressão de que o quadro era um espelho refletindo, quase fotograficamente o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo. Quase sempre, era nessas ocasiões que desenhava.

Eram dois moços bonitos também, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão altos e ativos, comentou, olhos arregalados, uma das secretárias. Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia.

Moreno de barba forte azulando o rosto, Raul era um pouco mais definido, com sua voz de baixo profundo, tão adequada aos boleros amargos que gostava de cantar. Tinham a mesma altura, o mesmo porte, mas Saul parecia um pouco menor, mais frágil, talvez pelos cabelos claros, cheios de caracóis miúdos, olhos assustadicos, azul desmaiado. Eram bonitos juntos, diziam as moças. Um doce de olhar. Sem terem exatamente consciência disso, quando juntos os dois apuravam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro, e vice-versa. Como se

houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia.

III

Cruzavam-se, silenciosos mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois voltavam às suas mesas. Muito de vez em quando, um pedia um cigarro ao outro, e quase sempre trocavam frases como tanta vontade de parar, mas nunca tentei, ou já tentei tanto, agora desisti. Durou tempo, aquilo. E terra durado muito mais, porque serem assim fechados, quase remotos, era um jeito que traziam de longe. Do norte, do sul.

Até um dia em que Saul chegou atrasado e, respondendo a um vago que que houve, contou que tinha ficado até tarde assistindo a um velho filme na televisão. Por educação, ou cumprindo um ritual, ou apenas para que o outro não se sentisse mal chegando quase às onze, apressado, barba por fazer, Raul teve os dedos sobre o teclado da máquina e perguntou: que filme? Infância, Saul contou baixo, Audrey Hepburn, Shirley Maclayne, um filme muito antigo, ninguém conhece. Raul olhou-o devagar, e mais atento, como ninguém conhece? eu conheço e gosto muito. Abalado, convidou Saul para um café e, no que restava daquela manhã muito fria de junho, o prédio feio mais que nunca parecendo uma prisão ou uma clínica psiquiátrica, falaram sem parar sobre o filme.

Outros filmes viriam, nos dias seguintes, e tão naturalmente como se de alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobre tudo queixas. Daquela firma, daquela vida, daquele nó, confessaram uma tarde cinza de sexta, apertado no fundo do peito. Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro na pensão, que o sábado e o domingo carnissem depressa para dobrar a curva da meia-noite e

novamente desaguar na manhã de segunda-feira quando, outra vez, se encontrariam para: um café. Assim foi, e contaram um que tinha bebido além da conta, outro que dormira quase o tempo todo. De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, menos da falta que sequer sabiam claramente ter sentido.

Atentas, as moças em volta providenciavam esticadas aos bares depois do expediente, gafeiras, discotecas, festinhas na casa de uma, na casa de outra. A princípio esquivos, acabaram cedendo, mas quase sempre enfiavam-se pelos cantos e sacadas para contar suas histórias intermináveis. Uma noite, Raul pegou o violão e cantou *Tu Me Acostumbraste*. Nessa mesma festa, Saul bebeu demais e vomitou no banheiro. No caminho até os táxis separados, Raul falou pela primeira vez no casamento desfeito. Passo incerto, Saul contou do noivado antigo. E concordaram, bêbados, que estavam ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não disseram, não soubessem o que fazer com elas.

Dia seguinte, de ressaca, Saul não foi trabalhar nem telefonou. Inquieto, Raul vagou o dia inteiro pelos corredores subitamente desertos, gelados, cantando baixinho *Tu Me Acostumbraste*, entre inúmeros cafés e meio maço de cigarros a mais que o habitual.

IV

Os fins de semana tornaram-se tão longos que um dia, no meio de um papo qualquer, Raul deu a Saul o número de seu telefone, alguma coisa que você precisar, se ficar doente, a gente nunca sabe. Domingo depois do almoço, Saul telefonou só para saber o que o outro estava fazendo, e visitou-o, e jantaram juntos a comidinha mineira que a empregada deixara pronta no sábado. Foi dessa vez que, ácidos e unidos, falaram no tal deserto, nas tais almas. Há quase seis meses se

conheciam. Saul deu-se bem com Carlos Gardel, que ensaiou um canto tímido ao cair da noite. Mas quem cantou foi Raul: *Perfidia*, *La Barca* e, a pedido de Saul, outra vez, duas vezes, *Tu Me Acostumbraste*. Saul gostava principalmente daquele pedacinho assim *sutil llegaste a mí como una tentación llenando de inquietud mi corazón*. Jogaram algumas partidas de buraco e, por volta das nove, Saul se foi.

Na segunda, não trocaram uma palavra sobre o dia anterior. Mas falaram mais que nunca, e muitas vezes foram ao café. As moças em volta espíavam, às vezes cochichando sem que eles percebessem. Nessa semana, pela primeira vez almoçaram juntos na pensão de Saul, que quis subir ao quarto para mostrar os desenhos, visitas proibidas à noite, mas faltavam cinco para as duas e o relógio de ponto era implacável. Saíram e voltavam juntos, desde então, geralmente muito alegres. Pouco tempo depois, com pretexto de assistir a *Vagas Estrelas da Ursa* na televisão de Saul, Raul entrou escondido na pensão, uma garrafa de conhaque no bolso interno do paletó. Sentados no chão, costas apoiadas na cama estreita, quase não prestaram atenção no filme. Não paravam de falar. Cantarolando *Lo Che Non Vivo*, Raul viu os desenhos, olhando longamente a reprodução de Van Gogh, depois perguntou como Saul conseguia viver naquele quartinho tão pequeno. Parecia sinceramente preocupado. Não é triste? perguntou. Saul sorriu forte: a gente acostuma.

Aos domingos, agora, Saul sempre telefonava. E vinha. Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, falavam o tempo todo. Enquanto Raul cantava — vizenquando *El Dia Que Me Quieras*, vizenquando *Noche de Ronda* —, Saul fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel, pousado no seu dedo indicador. Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam. Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos a reparição, cabelos molhados do chuveiro. As moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam

compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas. Quando faltavam dez-minutos para as seis, saíram juntos, altos e altivos, para assistir ao último filme de Jane Fonda.

V

Quando começava a primavera, Saul fez aniversário. Porque achava seu amigo muito solitário, ou por outra razão assim, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gardel. No começo do verão, foi a vez de Raul fazer aniversário. E porque estava sem dinheiro, porque seu amigo não tinha nada nas paredes da quinete, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh. Mas entre esses dois aniversários, aconteceu alguma coisa.

No norte, quando começava dezembro, a mãe de Raul morreu e ele precisou passar uma semana fora. Desorientado, Saul vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema que não vinha, tentando em vão concentrar-se nos despachos, processos, protocolos. À noite, em seu quarto, ligava a televisão gastando tempo em novelas vadias ou desenhando olhos cada vez mais enormes, enquanto acariciava Carlos Gardel. Bebeu bastante, nessa semana. E teve um sonho: caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. Acordou pensando mas ele é que devia estar de luto.

Raul voltou sem luto. Numas sexta de tardezinha, telefonou para a repartição pedindo a Saul que fosse vê-lo. A voz de baixo profundo parecia ainda mais baixa, mais profunda. Saul foi. Raul tinha deixado a barba crescer. Estranhamente, ao invés de parecer mais velho ou mais duro, tinha um rosto quase de menino. Beberam muito nessa noite. Raul falou longamente da mãe — eu podia ter sido mais legal com ela, disse, e não cantou. Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que

fazia, Saul estendeu a mão e, quando percebeu, seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Duro muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio, era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo duro que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas uma longa cinza que ele esmagou sem compreender.

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa qualquer como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes — ninguém, mundo, sempre — e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e álcool. Embora fosse sexta e não precisassem ir à repartição na manhã seguinte, Saul despediu-se. Caminhou durante horas pelas ruas desertas, cheias apenas de gatos e putas. Em casa, acariciou Carlos Gardel até que os dois dormissem. Mas um pouco antes, sem saber por quê, começou a chorar sentindo-se só e pobre e feio e infeliz e confuso e abandonado e bêbado e triste, triste, triste. Pensou em ligar para Raul, mas não tinha fichas e era muito tarde.

VI

Depois, chegou o Natal, o Ano-Novo que passaram juntos, recusando convites dos colegas de repartição. Raul deu a Saul uma reprodução do *Nascimento de Vênus*, que ele colocou na parede exatamente onde estivera o quarto de Van Gogh. Saul deu a Raul um disco chamado *Os Grandes Sucessos de Dalva de Oliveira*. O que mais ouviram foi *Nossas Vidas*, prestando atenção no pedacinho que dizia *até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou*. Foi na noite de trinta e um, aberta a champanhe

na quitinete de Raul, que Saul erguen a taça e brindou à nossa amizade que nunca nunca vai terminar. Beberam até quase cair. Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um conseguia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. Pela manhã, Saul foi embora sem se despedir para que Raul não percebesse suas fundas olheiras.

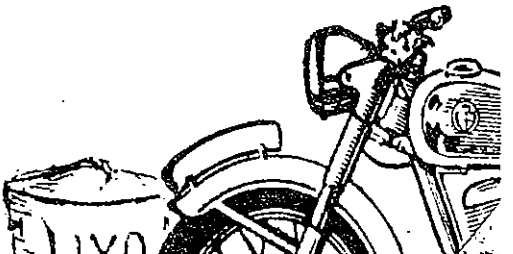
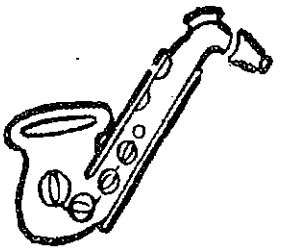
Quando janeiro começou, quase na época de tirarem férias — e tinham planejado, juntos, quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro — ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto. Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinadas por *Um Atento Guardião da Moral*. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul colocou-se em pé. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra *nunca*, antes que o chefe, entre coisas como a-reputação-de-nossa-firma, declarasse frio: os senhores estão despedidos.

Esvaziaram lentamente cada um a sua gaveta, a sala deserta na hora do almoço, sem se olharem nos olhos. O sol de verão escaldava o tampo de metal das mesas. Raul guardou no grande envelope pardo um par de olhos enormes, sem íris nem pupilas, presente de Saul, que guardou no seu grande envelope pardo, com algumas manchas de café, a letra de *Tu Me Acostumbraste*, escrita à mão por Raul numa tarde qualquer de agosto. Desceram juntos pelo elevador, em silêncio.

Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica ou uma

penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos postos na janela, a camisa branca de um, a azul do outro, estavam ainda mais altos e mais ativos. Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. Ai-ai, alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina.

Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo fito no azul sem nuvens no céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram.

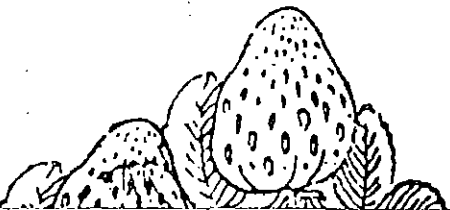
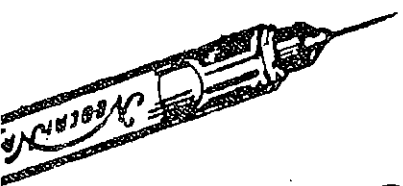
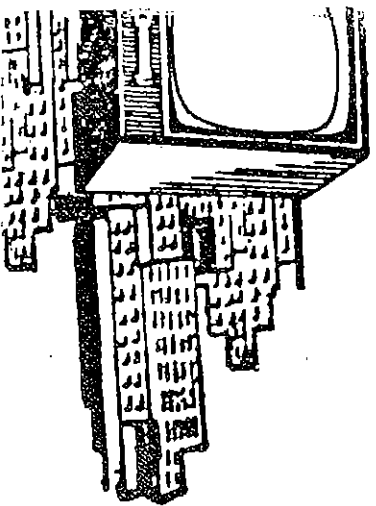


MORANGOS MOFADOS

Para José Márcio Perido

— "Let me take you down
'cause I'm going to strawberry fields
nothing is real, and nothing to get
strawberry fields forever." / hung about

(Lennon & McCartney: Strawberry Fields
Forever)



não aparece em check-up nenhum. Mal do nosso tempo, sei, sei, agora vai desandar a tecer considerações sócio-político-psicanalíticas sobre O Espantoso Aumento da Hipocôndria Motivada Pela Paranoia dos Grandes Centros Urbanos, cara bem barbeada, boca de próteses perfeitas, uma puta uma vez disse que os médicos são os maiores tarados (talvez pela intimidade constante com a carne humana?), e este? Rápido, analisou: no máximo chupar uma buçeta, praticar sexo-oral, como diria depois, escovando meticulosamente suas próteses perfeitas, naturalmente que se o senhor puder diminuir o cigarro sempre é bom, muito leite, fervido, é claro, para evitar os cloriformes, ar puro, um pouco de exercício, cooper, quem sabe, mais pensando no futuro do que em termos imediatos, claro. Mas se o futuro, doutor, é um inevitável finalmente alguém apertou o botão e o cogumelo metálico arrancando nossas peles vivas, bateu com cuidado o cigarro no cinzeiro, um cinzeiro de metal, odiava objetos de metal, e tudo no consultório era metal cromado, fôrmica, acrílico, anti-séptico, im-po-lu-to, assim o próprio médico, não usando além do beige. Na parede, a natureza morta com secas uvas brancas, pêras pálidas, macilentas maçãs verdes. Nenhuma melancia escancarada, nenhuma pitanga madura, nenhum morango sangrento. Um morango mofado — e este gosto, senhor, sempre presente na minha boca?

Azia, má digestão, sorriso complacente de dentes no mínimo trinta por cento autênticos (o que fazer, afinal? dançar um tango argentino, ou seria cantar? cantou calado assim *quiero emborrachar mi corazón para olvidar un loco amor que más que amor fue una traición*, tinha versos à espreita, adequados a qualquer situação, essa uma vantagem secreta sobre os outros, mas tão secreta que era também uma desvantagem, entende? nem eu, versos emboscados de nossa mais fina lira, tangos argentinos & rocks delirantes, com ênfase nos solos de guitarra). Um tranquilizante levinho levinho, aí de umas cinco miligramas, que o senhor tome três por dia, ao acordar, após o almoço, ao deitar-se, olhos vidrados, mente

P R E L Ū D I O

No entanto (até *no-entanto* dizia agora) estava ali e era assim que se movia. Era dentro disso que precisava mover-se, sob o risco de. Não sobreviver, por exemplo — e queria? Enumerava frases como é-assim-que-as-coisas-são, ou que-se-há-de-fazer-que-se-há-de-fazer, ou apenas mas-afinal-que-importa. E a cada dia ampliava-se na boca aquele gosto de morangos mofando, verde doentio guardado no fundo escuro de alguma gaveta.

A L L E G R O A G I T A T O

Pois se o senhor está em excelente forma, a voz elegante do médico, têmporas grisalhas, vestido de beuge, tom sur tom, dos sapatos polidos à gravata frouxa, na medida justa entre o desalinho e a descontração. Não há nada errado com seu coração nem com o seu corpo, muito menos com seu cérebro. Caro senhor. Acendeu outro cigarro, desses que você fuma o dobro para evitar a metade do veneno, mas não é no cérebro que tenho o câncer, doutor, é na alma, e isso

quieta, coração tranquilo, sistole, pausa, diástole, pausa, sistole, pausa, diástole, sem vãs taquicardias, freio químico nas emoções. Assim passaria a movimentar-se lépido entre malinhas zero zero sete, paleôs cardin, etiquetas fiorucci, suavemente drogado, demônios suficientemente adormecidos para não incomodar os outros. Proibido sentimentos, passear sentimentos, passear sentimentos desesperados de cabeça para baixo, proibido emoções cálidas, angústias fúteis, fantasias mórbidas e memórias inúteis, um nirvana da bayer e se é bayer. Suspirou, suspirava muito ultimamente, apanhou a receita, assinou um cheque com fundo e saiu antes de ouvir um delicado porque enfim, o senhor ainda é tão jovem.

A D A G I O S O S T E N U T O

Quando acordou, o sol já não batia no terraço, o que trocado em miúdos significava algo assim como mais-de-duas-da-tarde. Tinha tomado três comprimidos, um pela manhã, outro pelo almoço, outro pelo antes de dormir, só que juntos — e o gosto persistia na boca. Strawberry, pensou, e quis então, como anti-gamente, ouvir outra vez os Beatles, mas ainda na cama teve preguiça de dar dois passos até o toca-discos, e onde andariam agora, perdidos entre tantas simones e donas summers, tanto mas tanto tempo, nem gostava mais de maconha. Acariciou o pau murcho, com vontade longe, querendo mandar parar aquele silêncio de apartamento vazio, a empregada não vira, ele não tinha colocado gasolina no carro, nem descontado cheque, nem batalhado uma trepada, nem tomado nenhuma dessas providências-de-sexta-feira-após-o-almooço, e precisava. Precisava inventar um dia inteiro, ou dois, porque amanhã é domingo e segunda-feira ninguém sabe — o quê? Acendeu um cigarro, assim em jejum lembrando úlceras, enfisemas, citroses, camadas fibrosas recobrimdo o fígado, mas o fígado continua existindo sob as fibras ou é substituído por? Ninguém saberia explicar, cuecas

sintéticas, dessas que dão pruridos & impotência, jogadas sobre o tapete, uma grana, imitação perfeita de persa. O telefone tocou, como costuma às vezes tocar nessas horas, salvando a página em branco após a vírgula, ele estendeu a mão, tinha dedos até bonitos, ele, nodosos nas juntas, o que revela angústia & sensibilidade, diria Alice, mas Alice foi embora faz tempo, a cadela que eu até comia direitinho, estimulando o clifóris, comme il faut, não é assim que se diz que se faz que se. O telefone tocou uma vez mais e, como se diz nesses casos, mais uma e mais outra e outra mais, enquanto com uma das mãos ele ligava o rádio libertando uma onda desgrenhada de violino, Wagner, supôs, que tinha sua cultura, sua leitura, valquírias, nazismos, dachaus, judeus, e com a outra acariciava o pau começando a vibrar, estimulado talvez pelos violinos, judeus, davis.

O telefone parou, o telefone não fazia nenhum som especial ao parar, devia arfar, gemer quando entrasse fundo, duro e quente, judeu de merda, deve estar metido naquele kibbutz no meio da areia, plantando trigo, trigo não, é muito seco, azeitonas quem sabe, a cabeça quente do pau vibrava na palma da mão, foi no que deu ficar trocando Carnus por Anna Seghers, pervitin por pambenil, tesão se resolve é na cama, não emprestando livro ou apresentando droga, anote, aprenda, mas agora é troppo tarde, tudo já passou, minha vida é um ontem não-resolvido, bom isso. E idiota.

Levantou de repente. Foi então que veio a náusea, só o tempo de caminhar até o banheiro e vomitar aos roncros e arquejos, onde estão todos vocês, caralho, onde as comunidades rurais, os nirvanas sem pedágio, o ácido em todas as caixas d'água de todas as cidades, o azul do azulejo começando a brilhar, maya, sam-sara, que às vezes voltava. De súbito lisérgico no meio duma frase tonta, dum gesto pouco, dum ato porco como esse de vomitar agora as quinze miligramas leves. Alice abria as coxas onde a penugem se adensava em pêlos ruyvos, depois gemia gostoso, calor molhado lá dentro. Neurônios arrebeitados, tem um cer-

to número sobrando, depois aos poucos vão morrendo, não se recompõem nunca mais, quantos me restam, deus e a mão de pêlos escuros de Davi acariando as minhas veias até incharem, quase obscenas, latejando azul claro, sabe cara, quando te aplico assim às vezes chego a pensar que. Noites sem dormir e a luz do dia esverdeinhando as caras pálidas e as vezes roucas de tanto falar e fumar. Vomitou mais. Nojo, saudade. Sou um publicitário bem-sucedido, macio, rodando nas nuvens, o Carvalho me disse que rodando-nas-nuvens é do caralho, que achado, cara, enquanto olho pra ele e não digo nada como eu mesmo já rodei nas nuvens um dia, agora tou aqui, atolado nesta bosta colorida, fodida & bem paga. Strawberry fields: no meio do vômito, podia distinguir aqui e ali alguns pedaços de morango boiando, esverdeados pelo mofo.

ANDANTE O S T I N A T O

Nem ontem nem amanhã, só existe agora, repetiu Jack Nicholson antes de ser morto a pauladas, enquanto ele espiava Davi jogado no fundo do poço, tão profundo que precisaria de uma escada para descer até lá, evitando os escombros da cidadezinha que era ao mesmo tempo Barcelona e Santiago do Boqueirão, com aquele lago no centro de onde, sem parar, partiam ou chegavam barcos, nunca saberia, e não importa, Alice corria entre os ciprestes do cemitério sem túmulos enquanto ele gritava Alice, Alice minha filha, quando é que você vai se convencer que não está mais do outro lado do espelho, até encontrar Billie Holliday em pé na escada, entre paredes demolidas, aqueles degraus subindo para o nada, com Billie no topo decechado, solta no espaço repetindo *You've changed, baby oh baby, you've changed*, estendeu a mão para socorrer John Lennon, mas quando abriu a boca sangrenta, feito um vento numa caixa fugiu aquele horrível cheiro de morangos guardados há muito tempo, como um vento vindo do mar, um mar anterior, um

mar quase infinito onde nenhuma gota é passado, nenhuma gota é futuro, tudo presente imóvel e em ação contínua, o cheiro da maresia era o mesmo do hábito da pantera biônica de cabelos dourados. Tantos anos de análise freudiana kleiniana junguiana reichiana rankiana rogeriana gestáltica. E mofo de morangos.

Gritaria. Mas acordou com o plim-plim eletrônico antes sequer de abrir a boca. O vento fresco da madrugada embalava as cortinas brancas, feito velas de um barco encalhado, uma nau de velas pandas? não adianta chorar, Alice, já falei que é loucura, pára de bater essas malditas carreiras, teu nariz vai acabar furando, melhor ser monja budista em Vitória do Espírito Santo ou carmelita descalça em Calcutá ou a mais puta das putas na putaqueapariu, não me olhe assim do fundo do poço, não me encham o saco com esse plim-plim hipnótico, eu fico aqui, meu bem, entre escombros. Desligou a televisão, saiu para o terço de plantas empoeiradas, devia cuidar melhor delas, não fosse essa presença viva dentro de mim, correndo, carcomendo, a célula pirada na alma fermentando o gosto nojento na língua. O cheiro daquele único jasmim espalhado sobre os sete viadutos da avenida mais central. Bastava um leve impulso, debruçou-se no parapeito, entrevado, morto da cintura para baixo, da cintura para cima, da cintura para fora, da cintura para dentro — que diferença faz? Oficializar o já acontecido: perdi um pedaço, tem tempo. E nem morri.

M I N U E T O E R O N D O

Amanhecia. Não havia ninguém na rua. Não, foi assim: debruçado no terraço, ele olhou primeiro para cima — e viu que o azul do céu quase preto aqui e ali se fazia cinza cada vez mais claro em direção ao horizonte, se houvesse horizonte, em todo caso atrás dos últimos edifícios que eram, digamos, considerou, um sucedâneo de horizontes. E amanhecia, concluiu

então. Debruçado no terraço, ele olhou segundo para baixo — e viu que na longa rua não havia rumores, nem carros, nem pessoas, só os sete viadutos também desertos. Não havia ninguém na rua, concluiu então. Debruçado no terraço, amanhécia.

Ao mesmo tempo, enseguida, um de-dentro pensou: e se alguém realmente finalmente apertou o botão? e se aquele cinza claro no sucedâneo de horizonte for o clarão metálico? e se eu estivesse dormindo quando tudo aconteceu? e se fiquei sozinho na cidade, no país, no continente, no planeta? Sabia que não. E um outro de-dentro pensava também, se sobrepujando, mais claro, quase organizado, não totalmente porque para dizer a verdade não era um pensamento nem uma emoção, mas algo assim como o cinza-claro brotando natural por sobre o horizonte, se houvesse horizonte, ou como o vento fresco batendo nas cortinas, ou ainda como se uma onda nascesse daquele imóvel mar ativo, ali de onde começa a luz, de onde começa o vento, de onde começa a onda, desse lugar qualquer que eu não sei, nem você, nem ele sabia agora: brotou qualquer coisa como, desculpe, uma luz, um vento, uma onda. Exatamente: uma onda, calma ou arquejante, um vento, minnano ou siroco, uma luz, mortíca ou luminosa, repito que brotou, repetiu incrívelulo. Ele teve certeza. Ou claras suspeitas. Que talvez não houvesse lesões, no sentido de perder, mas acúmulos no sentido de somar? Sim sim. Transmutações? Não perdas irreparáveis, alices-davis que o tempo levará, mas substituições oportunas, como se fossem mágicas, tão a seu tempo viriam, alices-davis que um tempo novo traria? Não era uma sensação química. Ele não tinha a boca seca nem o coração disparado nem as pupilas dilatadas. Estava exatamente como era, sem aditivos.

Vou-me embora, pensou. A estrada é longa.

Tocou então o próprio corpo. Uma glória interior: foi assim que batizou, solene, infinitamente delirado, quando ela brotou. Harpejo, foi o que lhe ocorreu, ridículo complacente, cor-nu-có-pi-a, soletrou, quero um instante assim barroco, desejou. Mas ves-

tido de amarelo como estava, contra o céu, visto de costas, supondo que uma câmara cinematográfica colada aqui na porta desta sala o enquadrasse agora, pareceria quase bizantino, ouro sobre azul, magreza mística, que tinha sua cultura, sua leitura. E culpa alguma. Gótico, gemeu torcido, unindo as duas mãos no sexo, no ventre, no peito, no rosto, elevando-as acima da cabeça.

O sol estava nascendo.

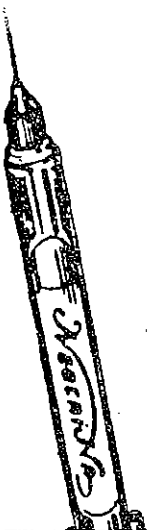
Poderia talvez ser internado no próximo minuto, mas era realmente um pouco assim como se ouvisse as notas iniciais da *Sagração da Primavera*. O gosto mofado de morangos tinha desaparecido. Como uma dor de cabeça, de repente. Tinha cinco anos mais que trinta. Estava na metade, supondo que setenta fosse sua conta. Mas era um homem recém-nascido quando se voltou devagar, num giro de cento e oitenta graus sobre os próprios pés, para deslizar as costas pela sacada até ficar de joelhos sobre o ladrilho escuro, as mãos postas sobre o sexo. Abriu os dedos. Absolutamente calmo, absolutamente claro, absolutamente só enquanto considerava atento, observando os cantos de cimento: será possível plantar morangos aqui? Ou se não aqui, procurar algum lugar em outro lugar? Frescos morangos vermelhos.

Achava que sim.

Que sim.

Sim.

Biografia



Caio Fernando Abreu nasceu em Santiago, Rio Grande do Sul, às 8h23m do dia 12 de setembro de 1948. Ex-hippie, *drop-out* da Universidade após os expurgos de 68, trabalhou como repórter da revista *Veja*, em São Paulo, depois caiu na vida. Publicou *Inventário do Irremediável* (Prêmio Fernando Chinaglia, contos, 1970), *Limite Branco* (romance, 1971), *O Ovo Apunhalado* (contos, 1975) e *Pedras de Calcutá* (contos, 1977). Nos Estados Unidos, pela Gay Sunshine Press, participou da antologia *Now The Volcano*. Em 1980, ganhou o Prêmio Status de Literatura com o conto "Sargento Garcia", incluído neste livro. Mora sozinho em Sampa com a gata Zel-da, ouve muita música e lê muita poesia enquanto tenta des-cobrir um jeito qualquer de mudar, rapidinho, de planeta.

DO AUTOR

Livros Publicados

- *Inventário do Irremediável* — contos, Ed. Movimento, 1970, Prêmio Fernando Chinaglia.
- *Limite Branco* — romance, Ed. Expressão e Cultura, 1971.
- *O Ovo Apunhalado* — contos, Ed. Globo, 1975.
- *Pedras de Calcutá* — contos, Ed. Alfa-Ômega, 1977.

Em Antologias

- *Roda de Fogo* — Ed. Movimento, 1969.
- *Teia* — Lume Editora, 1976.
- *Assim Escrevem os Gaúchos* — Ed. Alfa-Ômega, 1977.
- *Histórias de Um Novo Tempo* — Ed. Codecri, 1977.

Teatro

- *Pode Ser Que Seja Só o Leiteiro Lá Fora* — Prêmio de Leitura do SNT, 1977.
- *A Comunidade do Arco-Íris* (infantil).
- *Zona Contaminada* (inédita).

Prêmios

- Prêmio Estadual de Conto IEL/RS, 1972.
- Menção Honrosa Prêmio Nacional de Ficção, 1973.
- Prêmio Status de Literatura, 1980.

No Exterior

- *Now The Volcano* — Gay Sunshine Press, USA, 1980.